



ESCOLA SUPERIOR
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PUSH HER:
Projeto *Transmedia* documental aplicado ao
skate feminino em Portugal

ANDRÉ SANTOS PINHEIRO FILIPE

TRABALHO DE PROJETO A SUBMETER COMO
REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
AUDIOVISUAL E MULTIMÉDIA

Orientador:

Professor Doutor Jorge Miguel Alves do Souto

Escola Superior de Comunicação Social

Instituto Politécnico de Lisboa

outubro 2022

Índice

Declaração	v
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Agradecimentos	viii
Introdução.....	1
1. Revisão da Literatura.....	4
1.1. Convergência dos Média	4
1.2. Cultura Participativa	5
1.3. <i>Transmedia</i>	7
1.3.1. Definição de <i>Transmedia</i>	8
1.3.2. A Produção Independente de <i>Transmedia</i>	13
1.3.3. <i>Transmedia</i> Não-Ficcional	15
1.4. Documentário.....	19
1.4.1. História do Documentário	19
1.4.2. Definição e Características do Documentário	21
1.4.3. A Visão do Documentarista.....	24
1.4.4. Tipologias do Documentário	25
1.4.5. Documentários sobre Skate	29
1.5. Skate.....	30
1.5.1. Culturas Juvenis e Culturas Marginais	31
1.5.2. O que é o skate?.....	33
1.5.3. A Relação entre Cultura Visual e Skate	36
1.5.4. O Skate Feminino	37
1.5.5. Skate Feminino em Portugal.....	39

2.	Projeto.....	41
2.1.	Conceito Original.....	41
2.2.	Preparação do Projeto	43
2.3.	Critérios Técnicos	44
2.4.	Bíblia <i>Transmedia</i>	45
2.4.1.	<i>Storyworld</i>	47
2.4.2.	Audiência.....	47
2.4.3.	Janelas e Suportes.....	48
2.5.	Lançamento e Desenvolvimento do Projeto	51
2.5.1.	Relação com participantes e comunidade.....	55
3.	Conclusão	57
3.1.	Vertente Participativa	57
3.2.	Desenvolvimento de <i>Transmedia</i> Documental.....	58
3.3.	Considerações Finais	62
4.	Bibliografia.....	66
	Filmografia	71
	Webgrafia	71
	Outras Fontes.....	71
	Apêndices	72

Índice de Figuras

Figura 1 - Logotipo Push Her.....	42
Figura 2 - Design stickers.....	49
Figura 3 - Homepage Website; Figura 4 - Feed Instagram; Figura 5 - Capa do Zine....	50
Figura 6 - Fotograma do Documentário	51
Figura 7 - Primeiro Formato Post de Apresentação	78

Figura 8 - Formato Transitório de Post de Apresentação	78
Figura 9 - Formato Final de Post de Apresentação	78
Figura 10 - Capa	79
Figura 11 - @ dos criadores e das participantes	80
Figura 12 - "O que é ser uma skater para ti?"	81
Figura 13 - Depoimento Patrícia Oliveira	82
Figura 14 - Depoimento Sabrina Ticianelli	83
Figura 15 - Depoimento Marta Nery	84
Figura 16 - Depoimento Inês Almeida	85
Figura 17 - Depoimento Caetana Serra	86
Figura 18 - Depoimento Laís Reis	87
Figura 19 - Depoimentos Nay Reymond e Maria Santos	88
Figura 20 - Depoimento Inês Didier	89
Figura 21 - Depoimento Rania Apolinário	90
Figura 22 - Depoimento Ana Blockveld	91
Figura 23 - Depoimentos Aurora Santos e Margarida Ribeiro	92
Figura 24 - Depoimento Joana Melo	93
Figura 25 - Depoimento Camila Lopes	94
Figura 26 - Depoimento Carolina Rodrigues	95
Figura 27 - Depoimento Madalena Magalhães	96
Figura 28 - Depoimento Viktoryia Kurmayeva	97
Figura 29 - Depoimento Francisca Patameira	98
Figura 30 - Depoimento Maria Roque	99
Figura 31 - Depoimento Marina Costa	100
Figura 32 - Depoimento Raquel Diogo	101
Figura 33 - Depoimentos Rafaela Costa e Mariana Tamayo	102
Figura 34 - Depoimento Tânia Baridó	103
Figura 35 - Depoimentos Alexandra Barros e Catarina Florido	104
Figura 36 - Contra Capa	105

Declaração

Declaro por minha honra que o trabalho que apresento é original, sendo parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Audiovisual e Multimédia na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa. Todas as fontes presentes nesta obra estão devidamente referenciadas. Todo o conteúdo é original, resultante da minha investigação levada a cabo durante o desenvolvimento do projeto. Acrescento que tenho conhecimento de que o plágio poderá levar à invalidação deste trabalho. O trabalho de projeto foi realizado sob a orientação do Professor Doutor Jorge Miguel Alves de Souto, Professor Adjunto da Escola Superior de Comunicação Social.

André Filipe

[André Filipe]

Resumo

O potencial do conceito *transmedia*, apresentado por Henry Jenkins, encontra-se bem documentado na vertente ficcional, da qual existem diversos exemplos de universos que utilizaram este formato para expandir as suas narrativas. No entanto, as possibilidades do *transmedia* podem ir além das narrativas ficcionais.

No trabalho aqui apresentado, explorou-se a capacidade e potencial do *transmedia* no âmbito de uma narrativa não ficcional. Para tal, foi desenvolvido um projeto *transmedia* documental, focado no skate feminino em Portugal. Foram desenvolvidos suportes media e conteúdos para conduzir a audiência através dos depoimentos dados pelas *skaters* que participaram no projeto. Ao longo de um ano, a audiência foi exposta às experiências das 28 *skaters*, em cima e fora da tábua.

Atualmente, as problemáticas de género e representatividade são trazidas de forma pertinente para a esfera pública – e a comunidade do skate não é exceção. Assim sendo, aliado a outros projetos, o *Push Her* impactou a comunidade de skate nacional, gerando discussão acerca da inclusão e das experiências das *skaters*. Além disso, o *Push Her* proporcionou a aproximação entre *skaters* do sexo feminino que, após a participação no projeto, construíram novas propostas de apoio ao skate feminino português. Desta forma, podemos concluir que o formato *transmedia* tem a capacidade de conduzir uma narrativa não ficcional com sucesso, uma vez que suscita a participação na problemática apresentada e pode gerar novas plataformas para discussão acerca da mesma.

Palavras-Chave: Transmedia; Não ficcional; Documentário; Skateboarding; Skate Feminino

Abstract

The potential of the transmedia concept, presented by Henry Jenkins, is well documented in the fictional branch, within which we can find many examples of universes that use this format as means to expand their narrative. Nonetheless, the possibilities of transmedia can stretch beyond fictional narratives.

In this project, transmedia's capacity and potential were explored in the scope of a non-fictional narrative. To do so, a documental transmedia project was developed, focused on female skate in Portugal. Media platforms and content were developed to guide the audience through the statements given by the *skaters* that participated in the project. Throughout one year, the audience was exposed to the experiences of the 28 *skaters*, on and off board.

Nowadays, gender and representativity issues are brought forth pertinently to the public sphere – and the skate community is no exception. Therefore, in collaboration with other projects, Push Her impacted the Portuguese skate community, generating conversations considering the inclusion and experiences of the *skaters*. Besides that, Push Her brought together female *skaters* who, after being part of the project, created new enterprises to support female skateboarding in Portugal. Considering that, we can conclude that the transmedia format has the capacity to guide a non-fictional narrative successfully, since it stimulates the audience to participate in the presented issue and can generate new platforms to that discussion.

Keywords: Transmedia; Non-fictional; Documentary; Skateboarding; Female Skateboarding

Agradecimentos

Nunca pensei que um dia pudesse unir os estudos a uma das coisas que mais impactou a minha vida, o skate. Quero agradecer desde já ao Professor Doutor Jorge Souto pela confiança e liberdade que me deu durante todo o desenvolvimento deste projeto.

Ao longo do processo, durante as crises existenciais e os momentos de validação, estiveste sempre ao meu lado, grande parte deste objetivo que atingi se deve a ti, Joana. Obrigado por me mostrares que quando me dedico, sou capaz de atingir coisas das quais me orgulho.

A todas as *skaters* que fizeram parte deste projeto, sem as quais nada disto seria possível, um sincero obrigado por fazerem com que voltasse a sentir tudo o que o skate tem de bom. Isto nunca foi sobre mim, é sobre vocês e para vocês. Um obrigado especial à Raquel Diogo, que acreditou neste projeto desde o início, à Joana Melo, Margarida Ribeiro, Maria Santos e Maria Roque por terem criado a Betesga e me mostrarem que este trabalho deu frutos. Agradeço ainda à Filipa Mendes, artista que deu vida ao primeiro zine de skate feminino nacional.

Aos meus pais, Cristina e António, obrigada por me darem a liberdade para poder ser quem sou, à minha irmã Raquel, por toda a paciência que mostrou desde o seu nascimento para me aturar. Ao meu primo, João Nuno, por me ter mostrado e incentivado desde pequeno a andar de skate.

Não posso deixar de agradecer ao Thomas Mendes e ao Tomás Desidério por me terem feito ingressar neste mestrado. Aos meus colegas de curso, especialmente à Lia Lopes que me ajudou no início deste projeto através da sua arte, à Sara Abreu por ser um dos maiores apoios que tive durante todo o mestrado. Agradeço ainda ao Reinaldo, à Teresa, ao Filipe, à Rita, à Cátia, ao Rafael, ao Luís e ao João por todos os excelentes momentos que passamos juntos.

Introdução

O conceito de *transmedia storytelling* apresentado por Henry Jenkins aproxima-se tendencialmente de narrativas ficcionais. Na sua obra, o autor não explora muito a possibilidade de uma vertente documental adaptada a este formato, focando antes a sua investigação nos universos criados para produtos de entretenimento, como filmes ou videojogos.

Porém, o potencial do formato *transmedia* não se limita à criação de universos e narrativas ficcionais - a proximidade e interatividade que se procura atingir com a audiência através deste formato pode transpor-se com sucesso para narrativas não ficcionais, trazendo uma nova perspetiva para o desenvolvimento de projetos documentais. Neste sentido, compreende-se que *transmedia storytelling* aliado a uma narrativa documental pode resultar numa forma de exaltar temáticas e problemáticas reais em várias frentes diferentes, atingindo assim um maior número de pessoas. E conseqüentemente, quantas mais pessoas estiverem informadas sobre dada problemática, mais facilmente são criadas as bases para a mudança.

A nível nacional em Portugal, o skate feminino encontra-se numa fase de crescimento um pouco retardada quando comparado com o panorama mundial. Assim sendo, o mestrando identificou aqui a oportunidade de testar as potencialidades do *transmedia* documental não ficcional nesta comunidade marginal em desenvolvimento. Neste caso específico, soma-se ainda o facto de se tratar de uma comunidade que está habituada a consumir e proliferar conteúdos pelos novos media, o que a torna o público ideal para a experiência. O projeto, por sua vez, procurou fomentar e projetar as *skaters*, abrindo porta a diálogos sobre a sua inclusão dentro de uma comunidade maioritariamente masculina.

O projeto *Push Her* procurou promover a participação da audiência em torno da questão da inclusão das *skaters* no panorama do skate nacional. Criou-se, portanto, uma narrativa documental não ficcional, transmitida através de depoimentos e opiniões de *skaters* nacionais refletindo sobre o que é ser uma *skater* em Portugal. A narrativa foi conduzida através de *posts* e vídeos de skate no Instagram, bem como através de um zine focado na

questão “O que é para ti ser uma *skater*?” e, por fim, culminou no documentário “*PUSH HER*”.

No entanto, é também de relevo constatar que o projeto atingiu muito mais do que o acima relatado. Desde a gênese do *Push Her* até ao momento atual, tem-se observado um crescimento no skate nacional, o que levantou questionamentos relativos à discrepância de expectativas no skate masculino e skate feminino. E este questionamento coletivo, quando focado no objetivo de dissipar essas diferenças, pode ser considerado um avanço. No entanto, é claro que o mérito desse avanço não se atribui exclusivamente ao projeto *Push Her*, mas sim ao trabalho conjunto de várias iniciativas semelhantes que procuram credibilizar não só o skate feminino, mas também o skate masculino. E neste sentido, é sem dúvida um privilégio para o mestrando poder reconhecer que o seu projeto, aliado a vários outros, tem e continua a ter impacto positivo no meio.

O trabalho de projeto aqui apresentado encontra-se dividido em três secções, das quais a primeira corresponde à revisão da literatura, a segunda secção aborda o projeto desenvolvido, e a terceira e última é dedicada às considerações finais.

A revisão da literatura encontra-se dividida em cinco subcapítulos dedicados aos vários temas respeitantes deste trabalho – convergência dos média; cultura participativa; *transmedia*; documentário; e skate.

No primeiro subcapítulo aborda-se o cruzamento de conteúdos entre plataformas, as novas relações dos consumidores com os conteúdos e o esbatimento das noções de consumidor e utilizador. No segundo, analisa-se o conceito de cultura participativa apresentado por Henry Jenkins, em que uma nova forma de estruturação social estimula a produção e consumo de conteúdos, e onde os indivíduos se tornam algo mais do que consumidores, revelando-se mais importantes nos processos de criação. Durante o terceiro subcapítulo, abordam-se as várias definições de *transmedia*, a produção independente deste tipo de conteúdos e exploram-se formatos não ficcionais do mesmo. No quarto subcapítulo, explora-se a história, a definição e características do formato documental, bem como a visão do documentarista e as tipologias do documentário, e termina com uma breve análise acerca dos documentários criados em torno do skate. O quinto e último subcapítulo, debruça-se sobre o skate, as culturas juvenis e marginais, a relação acentuada entre o skate e a cultura visual, a realidade do skate feminino e uma análise mais focada no skate feminino nacional.

A secção dedicada ao projeto também se encontra dividida em cinco subcapítulos. O primeiro dedica-se ao conceito original do projeto e seus objetivos; de seguida, surge uma exposição do processo de pré-produção, onde se definem os suportes do projeto e outros aspetos fulcrais para o bom desenvolvimento do projeto; no terceiro subcapítulo, evidenciam-se as necessidades de uma produção neste formato e são enumerados os critérios técnicos utilizados; o quarto subcapítulo foca na criação de uma *bíblia transmedia* com intuito de auxiliar na sustentação do que se irá desenvolver, são definidos o *storyworld*, a audiência e as janelas e suportes do projeto; e por último, é exposto todo o processo de desenvolvimento do projeto bem como a relação estabelecida com as participantes e a comunidade.

Na última secção são feitas as considerações finais, através de um balanço focado na vertente participativa do projeto e no desenvolvimento de *transmedia* documental.

1. Revisão da Literatura

1.1. Convergência dos Média

A convergência dos média é uma área extensamente estudada. Gracie Lawson-Borders afirma que “... maior parte das definições incluem a mistura de capacidades tecnológicas para entregar conteúdo” (Lawson-Borders, 2006, p.4). A autora define convergência como o domínio de possibilidades gerado pela cooperação entre publicações impressas e difusoras para a distribuição de conteúdo multimédia através de computadores e da internet (Lawson-Borders, 2006, p.4). Esta convergência nasce devido ao cruzamento de conteúdos através de diversas plataformas. Para Henry Jenkins, “convergência é uma palavra que tem a capacidade de traçar mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais, dependendo de quem fala ou do que se está a falar” (Jenkins, 2006a, pp.2-3).

Importa salientar as contribuições de dois autores para esta discussão. Sola Pool com a sua obra de 1983 “*Technologies of Freedom*” e Negroponte com “*Being Digital*” (1996) são, para a autora, das discussões mais importantes para as áreas da convergência de media e também de convergência das indústrias (Lawson-Borders, 2006). Os autores abordam diversos temas como a linguagem binária, a passagem para o mundo digital e suas implicações para o futuro de consumidores e produtores de conteúdos de média. (Lawson-Borders, 2006, pp.3-4).

Além de Lawson-Borders, também Jenkins salientou a importância destes trabalhos. Relativamente a Pool, o autor afirma que este foi dos primeiros a abordar a temática da convergência apesar de utilizar a terminologia na sua obra (Jenkins, 2006a, p.10). Por sua vez, o paradigma exposto por Negroponte (1996) no seu trabalho, acerca da revolução digital tomava o pressuposto de que os antigos media seriam trocados pelos que se estavam a desenvolver, mas tal não se veio a verificar, pelo que atualmente ambos os tipos de média interagem de formas cada vez mais intrincadas e complexas. Os novos media operam com princípios diferentes dos media tradicionais, alterando-se “...o acesso, a participação, a reciprocidade e o *peer-to-peer*, opondo-se à comunicação para as massas” (Jenkins, 2006a, p.208).

Negroponte (1996) apelidou de transformação de “átomos em bytes”, isto é, o processo de digitalização que trouxe a possibilidade de se propagar conteúdos através de múltiplos canais e ainda, que esse mesmo conteúdo pudesse assumir formas diversificadas nos pontos de recepção.

Mark Deuze (2009, p.11) caracteriza esta cultura convergente como um local competitivo e participativo, quer a nível de formato de média ou indústrias, quer entre produtores profissionais e amadores de conteúdos. Jenkins (2006a, p.168) observa que o controlo hegemónico dos media está disperso e que surge agora uma luta de poderes entre indústria e consumidor.

Além dos autores acima referidos, Scolari & Ibrus (2014) salientam a importância para a discussão académica acerca da convergência de meios os conceitos de: *cross-media* (Petersen, 2006); múltiplas plataformas (Jeffrey-Poulter, 2003); *hybrid media* (Boumans, 2004); *intertextual commodity* (Marshall, 2004); mundos *transmedia* (Klastrup & Tosca, 2004); e interações *transmedia* (Bardzell, Wu, Bardzell & Quagliara, 2007) (2014, p.2192). Não obstante importa realçar que as conclusões de Jenkins são visíveis fora do meio académico (Scolari & Ibrus, 2014. p.2192).

Esta convergência simboliza uma mudança cultural, como algo que esbate barreiras entre consumidor e utilizador. Através dela, os consumidores criam e partilham, desenvolvem um sentimento de comunidade. Os públicos tornam-se mais interessados e intervenientes (Noronha e Sousa, Zagalo e Martins, 2012, p.173). Alia-se a participação ativa do consumidor com a propagação de conteúdos por diferentes meios tecnológicos.

1.2. Cultura Participativa

Importa salientar que a participação presente nesta cultura difere substancialmente da noção de interatividade. Segundo Jenkins (2006a, p.133), a interatividade relaciona-se com características tecnológicas, ou seja, com as forma como essas mesmas tecnologias são criadas. Na maior parte dos casos, o que é possível fazer em termos interativos está pré-estruturado pelo seu criador. Por sua vez, o conceito de participação é moldado por fatores culturais e sociais, é mais aberto e nele, os consumidores têm mais controlo relativamente aos conteúdos.

Podemos afirmar que foi a Web que potencializou este tipo de cultura. “Apesar desta nova cultura participativa ter as suas raízes em práticas que têm ocorrido abaixo do radar da indústria dos média durante o século XX, a Web puxou esta camada escondida de atividade cultural para o primeiro plano...” (Jenkins, 2006a, pág.133), assim sendo, as indústrias de media foram finalmente confrontadas com as potenciais implicações que esta nova realidade trazia para os mercados que até agora eram facilmente controlados pelas mesmas. Esta mudança no paradigma mostra que existem diferenças entre deixar o consumidor interagir com o meio quando está sob controlo e deixá-lo participar ativamente na produção e divulgação de produtos culturais. O autor afirma de uma forma simplificada, a cultura participativa são ideias atiradas para o mundo que são depois devolvidas de uma forma mais trabalhada (Jenkins, 2010).

Jenkins (2006b) define cultura participativa como uma cultura: 1- com barreiras baixas impostas em termos de expressão artística e envolvimento cívico; 2- com forte suporte para a criação e partilha da mesma entre todos; 3- com um dado tipo de tutoria informal onde as experiências dos mais velhos é passada aos mais novos; 4- onde os membros acreditam que a sua experiência vale algo e contribui de alguma forma; 5- por último, onde os membros sente um certo nível de conexão social entre si. Nem todos os membros têm de contribuir para a criação e distribuição, mas importa que acreditem serem livres para criar e contribuir, quando assim o entenderem, e que a sua contribuição será valorizada (Jenkins, 2006b). Podemos concluir que o sentimento de pertença e a validação são peças fundamentais neste tipo de cultura. Ao valorizarmos o trabalho de cada membro estamos a premiar a sua participação, podendo aumentar a vontade de contribuir e possivelmente de melhorar a sua contribuição, tornando-se vantajoso para um produtor ter membros da comunidade altamente investidos no conteúdo.

Importa referir que nem todos os consumidores são iguais no que toca à criação de conteúdos, pois alguns têm maior aptidão para participar nesta cultura emergente, esta é uma ideia que Jenkins (2006a) repete ao longo da obra. Apesar disso, a comunidade mantém um grau de importância bastante superior pois dificilmente um produtor individual atinge tal nível de poder. Isto torna-se ainda mais evidente quando se contrapõe um individuo singular e uma grande produtora ou uma corporação.

Este novo tipo de consumidores passa a ser chamado de *prosumers*, termo cunhado nos anos 80 pelo autor Alvin Toffler. Para José Van Dijck (2009, p.41-42), desde a década de 80 que autores mantém uma categorização bipolar de produtor versus consumidor,

relativamente aos *prosumers*. Atualmente são mais utilizados termos como *producer* ou *co-creator* que acentuam o aumento da destreza produtiva por parte dos utilizadores (Bruns, 2007). O surgimento da *Web 2.0* veio promover ainda mais a partilha/consumo de conteúdos, devido à forma como os indivíduos passaram a viver na web. Isto é observável em plataformas de partilha de conteúdos como o *Youtube* e em redes sociais como o *Instagram*. Nuno Bernardo (2020) afirma que se torna cada vez mais natural as redes sociais funcionam como forma de nos ligar aos conteúdos. O seu surgimento veio criar um auditório para se discutir e partilhar opiniões que anteriormente eram feitas de um modo mais pontual e não tão imediato e simples. Van Dijck afirma “O resultado é uma cultura participativa que exige mais espaço para cidadãos comuns manejarem tecnologias dos média (...) para se exprimirem e distribuírem tais criações como melhor” (2009, pp. 42-43). Esta ideia é o resultado do empoderamento das audiências devido às novas tecnologias, audiências essas que exigem o direito à participação dentro da cultura (Jenkins, 2006a).

Concluimos que a cultura participativa é uma nova forma de estruturação social que dinamizou a forma de produzir e consumir, onde os indivíduos deixam de ser somente consumidores, passando a ter um papel mais importante nos processos de criação. Foi dinamizada pela Web e internet e mais tarde propulsionada pelo surgimento da *Web 2.0*. Os consumidores ainda assim participam em algo que não se compreende na totalidade “... nós podemos agora vê-los como participantes que interagem entre si de acordo com um novo conjunto de regras que nenhum de nós entende na totalidade.” (Jenkins, 2006a, p.3). Não obstante, a dominância ainda está do lado da indústria e do mercado dos media, apesar deste reconhecimento da importância do utilizador.

1.3. *Transmedia*

Os consumidores procuram um tipo de relação diferente com os conteúdos, pois as mudanças de mentalidade e postura em termos sociais e culturais, causadas pelos novos meios de comunicação e pelas novas tecnologias têm de ser tidas em conta. É importante encontrarem-se novos mecanismos que consigam colmatar tais necessidades destes “novos consumidores”. O *transmedia* é uma resposta para estes tempos de mudança. Através do *transmedia* a audiência tem uma relação interativa e afetiva com o produto, a

sensação de pertença e participação efetiva em dada comunidade. Características assinaladas na exposição acima feita acerca da convergência de meios e a cultura participativa.

1.3.1. Definição de *Transmedia*

Foi há cerca de 20 anos que Henry Jenkins (2003) introduziu pela primeira vez na discussão académica de estudos de média contemporâneos as conceptualizações de *transmedia* (Scolari & Ibrus, 2014, p.2191). Os autores revelam que este termo *transmedia* foi cunhado por Marsha Kinder (1991) aquando da sua investigação do fenómeno emergente de *transmedia blockbusters* de “...um ponto de vista critico baseado por vários estudos culturais e abordagens de política económica.” (Scolari & Ibrus, 2014, p.2191). Jenkins (2003) aborda o potencial transformador do *transmedia storytelling* nas indústrias dos média e do entretenimento, bem como a forma como este produz conteúdos.

Foi num artigo de 2003, publicado pelo MIT que Henry Jenkins apresentou a primeira definição de *transmedia storytelling*:

“In the ideal form of *transmedia* storytelling, each medium does what it does best - so that a story might be introduced in a film, expanded through television, novels, and comics, and its world might be explored and experienced through game play. Each franchise entry needs to be self-contained enough to enable autonomous consumption. That is, you don't need to have seen the film to enjoy the game and vice-versa.” (Jenkins, 2003).

Podemos aferir que o *transmedia storytelling* é então uma forma de criação de conteúdos dispersos por múltiplas plataformas, que partilham o mesmo universo ficcional, mas podem ser consumidos independentemente. É ainda um mecanismo com potencial a nível da transliteração entre diversos meios, gerando representações, dinâmicas culturais e sistemas de signos socialmente pertinentes.

Em 2006, na *Converge Culture: Where Old and New Media Collide* (2006a), Henry Jenkins acrescenta à sua definição de *transmedia*. O autor refere que uma história *transmedia* se desenrola entre múltiplas plataformas de média, com cada texto a fazer um contributo válido e distintivo. Cada produto torna-se numa nova porta de entrada para o universo ou franchise criado, e além disto traz profundidade à experiência, causando uma maior motivação para seu consumo (Jenkins, 2006a, pp.95-96). Estes universos são definidos por Klastrup & Tosca (2004, p.409) como sistemas de conteúdos abstratos de onde nascem e se desenvolvem histórias ficcionais e as suas personagens por vários formatos e plataformas. As autoras salientam também a importância da representação do espaço e a sensação de história, através da passagem de tempo.

Henry Jenkins trata mais extensivamente a relação entre o consumidor e o universo *transmedia*, abordando a importância do consumidor para o mesmo, “Oferecendo novos níveis de percepção e experiência revigora o *franchise* e sustém a lealdade do consumidor” (Jenkins, 2006a, p.96) gerando maior investimento emocional bem como financeiro. A multiplicidade de meios que um projeto *transmedia* utiliza serve para captar o maior número de consumidores possível, ou seja, a indústria e o valor comercial continuam a pesar nestes projetos. Quem o afirma é o próprio autor ao clarificar que “... existem fortes interesses económicos por detrás do *transmedia storytelling*.” (Jenkins, 2006a, p. 104) sendo isto uma causa direta da convergência de meios. Moita (2016) acrescenta “... a integração horizontal da indústria de entretenimento dita a incumbência da distribuição de conteúdos por vários meios” (p.51).

Em 2007, Henry Jenkins desenvolve uma definição dividida em 10 pontos, presente em *Transmedia 101*, esta é uma definição mais fundamentada e estruturada. Estes pontos foram primeiramente explorados e traduzidos por Sara Marques Moita (2016) na sua dissertação de Mestrado.

1. O *transmedia storytelling* representa um processo onde partes de uma narrativa são dispersas por diversos canais, com o intuito de se desenvolver uma experiência de entretenimento unida e coordenada.
2. A ideia principal deste ponto é a sinergia que, para o autor, reflete a consolidação económica dos média. Isto é observável na estruturação horizontal das grandes corporações internacionais, pois tentam ter presença em diversos meios e formatos, de forma a expandirem-se o mais possível. Para Jenkins (2007) as configurações das indústrias de entretenimento tornam a expansão *transmedia*

num imperativo económico. Ao mesmo tempo, os artistas *transmedia* aproveitam estas condições para desenvolver histórias mais imersivas que sem esta pressão e financiamento, não conseguiriam atingir facilmente.

3. Os mundos e histórias *transmedia* não dependem de uma só personagem ou de dado argumento, em vez disso apoiam-se em mundos complexos onde se cria a possibilidade de se entrelaçar histórias e personagens. O facto de esta ser uma narrativa em constante crescimento entusiasma tanto o criador como o consumidor. Indo desta forma contra a construção clássica de narrativas que nos dão, na sua maioria, uma conclusão.
4. As narrativas criadas para cada meio, têm diversas funções. Podem fazer com que o interesse da audiência não desvaneça criando conteúdo em dado meio enquanto não se disponibiliza através de outro; construir maior *background* acerca de personagens e suas motivações; aumentar o imaginário do mundo ficcional; servir de ponte entre momentos presentes no universo criado.
5. Ao serem criados diferentes pontos de entrada no universo para diferentes segmentos de audiência, o *transmedia storytelling* pode aumentar o seu potencial mercado. Esta estratégia tenta puxar audiência para meios aos quais não estão acostumados.
6. Idilicamente, cada contribuição para a narrativa (entrada) tem a obrigação de ser acessível, mesmo que acrescente uma ínfima parte ao universo. É o que o *game developer* Neil Young define como “*additive comprehension*”, referindo-se à forma como cada nova entrada acrescenta uma nova informação que faz com que revisitemos e reestruuremos a nossa compreensão do que é a narrativa. Jenkins afirma que os produtores de *transmedia* tendem a ter dificuldade em construir histórias que fazem sentido para quem as conhece pela primeira vez e ao mesmo tempo acrescentem elementos que melhorem a experiência de quem já consome o conteúdo.
7. Dado que a construção de um projeto *transmedia* necessita de um alto nível de coordenação entre diversos setores, tende a resultar melhor em projetos independentes onde o mesmo artista cria todo o imaginário e narrativa nas diferentes plataformas ou em casos de projetos que são desenvolvidos por corporações e onde se promove fortemente a colaboração entre diferentes divisões das mesmas. Nos *franchises* invés de se trabalhar em cocriação, os produtores optam por uma gestão por licenças, isto é, a história original surge num meio e as

histórias subsequentes que continuam a desenvolver a narrativa são colocadas noutras plataformas.

8. O formato *transmedia* é para Jenkins a forma estética ideal para era da inteligência coletiva. Os participantes agregam informação e questionam-se e trabalham entre si de forma a resolver problemas. O *transmedia* ajuda a expandir o nível de conhecimento de dado universo ficcional enquanto difunde informação, enquanto promove diálogos e contactos.
9. Além de difundir informação, o *transmedia* proporciona objetivos e papéis que os consumidores podem transpor para a sua vida quotidiana. Para o autor, este fator é visível através do lançamento de figuras de ação que promovem a expansão do imaginário de quem brinca com as mesmas ou o caso de *cosplaying* (atividade que consiste em caracterizar-se e comportar-se como uma personagem) e *role-playing*.
10. A “ambição enciclopédica” do *transmedia* pode gerar falhas ou o oposto, excesso de informação que podem comprometer a narrativa e até mesmo o universo criado. *Plots* deixados em suspenso geram oportunidades para os leitores desenvolverem por si mesmos essa parte da narrativa (*fan fiction*). Esta vertente potencia novas visões, ajuda a compreender o que os consumidores desejam e complementam o universo estabelecido.

Destes 10 pontos expostos por Jenkins (2007) acerca do *transmedia storytelling* aponto os pontos 3); 4); 6) e 8) como os mais pertinentes para a temática que abordo neste projeto.

Henry Jenkins foi o grande impulsionador desta temática ao nível académico, mas surgiram mais autores que vieram acrescentar ideias e conceitos tanto à definição como à forma de perceber o *transmedia* a nível social e cultural.

Scolari (2009) define *transmedia storytelling* como “... uma estrutura narrativa particular que se expande através de diferentes linguagens (verbal, icónica, etc.) e dos média (cinema, *comics*, televisão, videojogos, etc.). TS [*Transmedia Storytelling*] não é só uma adaptação de um meio para outro” (Scolari, 2009, p.587). Acrescenta ainda que a estratégia presente nestes projetos passa por criar um mundo narrativo multimodal expresso em vários meios e linguagens (Scolari, 2009, p.587). O *transmedia* simultaneamente, baseia-se e promove multiletramentos, isto é, a capacidade de se dialogar através de diferentes meios e linguagens. Marie-Laure Ryan (2015) usa o termo *snowball effect* para descrever “certas histórias que... geram espontaneamente uma variedade de recontos no mesmo meio ou ilustrações e adaptações cross-media” (Ryan,

2015, p.2). Além disto, o *transmedia storytelling* introduz profundas alterações a nível da textualidade, da lógica de produção e do consumo cultural. Esta apresenta-se como uma nova visão e análise do que são produtos *transmedia*.

Ibrus & Ojamaa (2014) analisam o *transmedia* numa vertente semiótica. Para os autores, esta prática não é somente um fenómeno cultural, mas pode contribuir também para a evolução das sociedades contemporâneas pois, “*Transmedia* é sobre traduzir ideias, conceitos, culturas e textos, de um sistema de signos para outro, de um local de representação ou subsistema para outros” (Ibrus & Ojamaa, 2014, p.2286). Assim sendo, podemos conferir que *transmedia* gera avanço não só a nível cultural, mas também social graças às “traduções” que produzem diálogos entre diferentes sistemas de signos, tradições e subespaços culturais. As práticas de *transmedia* surgem como fatores de dinamização que providenciam inovação à cultura gerando, por sua vez, heterogeneidade e pluralismo cultural, que para os autores são “...precondições para a evolução sustentável das sociedades” (Ibrus & Ojamaa, 2014, p.2284). Entendem que o *transmedia storytelling* é uma prática que valoriza avanços e enriquece diálogos sociais ao mesmo tempo que gera novas representações social e culturalmente pertinentes. Isto deve-se à diversidade semiótica dos projetos, que implicam a utilização de diversos meios e plataformas.

Para Nuno Bernardo (2020), o aumento na diversidade, o fácil acesso a conteúdos e a falta de tempo para o seu consumo levou a que se tornasse ainda mais fulcral captar a atenção de quem consome os nossos conteúdos. O *transmedia*, devido à forma como é estruturado e pensado, permite aos criadores que as suas histórias estejam disponíveis a qualquer momento para o consumidor. A narrativa não se encontra presa a um formato ou meio. Assim sendo, o conteúdo fica à disposição da audiência, pronto para ser consumido quando o espetador assim o entender. Este mecanismo tornou-se popular devido às indústrias criativas *mainstreans* globais, segundo Ibrus & Ojamaa (2014).

Surge para Scolari & Ibrus (2014, p.2913) a necessidade de se reavaliar o *transmedia*, de nos afastarmos do empoderamento individual dos consumidores e das novas possibilidades criativas e económicas. Torna-se indispensável olhar para o *transmedia* como uma fonte de contemporaneidade cultural e complexidades sociais - não só como novas formas de textos culturais e instituições de media ou práticas, mas também como novas formas de escassez, desigualdade e jogos de poder.

Em suma, o *transmedia* ou *transmedia storytelling* apresenta-se como uma forma de criação de conteúdos dispersos por múltiplas plataformas, que partilham o mesmo universo ficcional, mas podem ser consumidos independentemente. Os universos criados são amplos e, por vezes latos, de forma a aumentar o potencial das narrativas e subsequentes conteúdos criados, que serão difundidos por diferentes canais. É uma construção de narrativas que se opõe à norma pois, cria pensando em diversas plataformas ao oposto da maioria dos projetos audiovisuais que são criados com um só meio em mente. Este mecanismo tem o potencial para iniciar novas discussões e propagar novas ideias, gerar novas formas de produzir e consumir conteúdos audiovisuais e até alterar estruturas sociais e culturais. Apesar de tudo isto “... ainda não temos um bom padrão estético para avaliar projetos que se desenvolvem através de diferentes média” (Jenkins, 2006a, pp. 96-97), assim sendo não sabemos analisar quais os melhores meios e formas para produzir estes projetos. Pois para Jenkins (2006a, pp.96-97) os críticos e consumidores ainda não conseguem traduzir de uma forma substancial o que funciona ou não num projeto *transmedia*.

1.3.2. A Produção Independente de *Transmedia*

Sendo este um projeto independente e que pretende explorar uma vertente menos abordado através da prática *transmedia*, importa compreender o que a academia explorou acerca da produção independente. Ibrus & Ojamaa (2014) abordam a relação entre produção independente e produção *mainstream* de projetos.

Estes autores exploram o potencial da vertente *transmedia* na potencialização de diálogos, algo que é visível em produções independentes. Estas produções têm maior expressão em mercados como o europeu, pois os mercados internos são pequenos bem como o número de intervenientes nos mesmos. Esta realidade europeia deve-se ao facto de os estados usarem os seus serviços públicos de emissão como exemplos de inovação, tentando gerar “... expectativas de crescimento escalável que (...) gerem crescimento local” (Ibrus & Ojamaa, 2014, p. 2290). É na maior parte dos casos o setor público que comissiona estes projetos multiplataformas de forma a tentar motivar o restante ecossistema audiovisual a inovar e experimentar novos formatos.

Existe um caso de sucesso, o do Reino Unido, que pode ser considerado um dos líderes mundiais na produção de *transmedia*. Através da BBC e do Channel 4 conseguiu se desenvolver um verdadeiro ecossistema de produtoras *transmedia*. Neste caso, a estratégia de incentivo à criação de projetos *transmedia* foi bem-sucedida. Projetos como *Doctor Who* são exemplos de sucesso (Ibrus & Ojamaa, 2014).

Os autores já não observam esta dinamização em países europeus de menor dimensão. Nestes casos as práticas dinamizadoras são vistas como negativas, pois acredita-se que levem à “...possível perda de identidade (na indústria fílmica) e da qualidade artística da obra” (Ibrus & Ojamaa, 2014, p.2290). Nestes países, esta tentativa de forçar o desenvolvimento de projetos *transmedia* torna-se uma ameaça para a autonomia dos média locais, além disso, os produtores veem no *transmedia* um meio com pouquíssimo valor artístico (Ibrus & Ojamaa, 2014, pp.2290-2291).

Nuno Bernardo (2020) compara o mercado audiovisual a uma pista de dança vazia, onde os produtores independentes são como um DJ que passa música para uma sala vazia. Este vazio é causado pela saturação do mercado levada a cabo pelas grandes produtoras internacionais. Bernardo (2020) elucida ainda a diferença entre *transmedia* em projetos *Blockbuster* e em produções de nicho ou independentes. No caso das grandes produções, o *transmedia* é utilizado como forma de alavancar audiências e visualizações, é uma ferramenta de marketing. Por outro lado, em produções de menor escala é utilizado como forma de estabelecer uma comunidade, através da produção de conteúdos que interessem à mesma. Neste caso, para o especialista, deve se pensar de forma pragmática (Bernardo, 2020). Macleod (2020) afirma “... o que é concretizável para grupos média multinacionais pode não ser compatível com o modelo de autofinanciamento independente...” (p.117).

Esta realidade obriga as produções independentes a deixarem de pensar somente na sua visão artística para o projeto, passando a olhar também para o mercado, tentando descobrir quem é a sua audiência e o que procuram nos conteúdos. O marketing e a distribuição tornam-se elementos fulcrais para o sucesso de um projeto.

Manter e compreender a comunidade (ou *fanbase*) é outra das chaves para o sucesso de um produto *transmedia*. Essa verdade ganha ainda mais força quando falamos de projetos independentes, onde as possibilidades de investimento são diminutas, como já foi referido. Ao explicar o processo de desenvolvimento do projeto “*Collider*”, Nuno Bernardo (2020) aponta a importância de se procurar a interação com audiências, isto

pode ser atingido através de parcerias com plataformas estabelecidas na área que disseminem e promovam o nosso conteúdo, procurando comunidades que já se interessem pelo conteúdo que estamos a criar (neste exemplo dado pelo especialista é a comunidade fã de ficção científica e fã de *comic books*) e/ou criando uma forte presença nas redes sociais, onde se interage com a comunidade. Ao criarmos uma boa relação com a comunidade, estamos ao mesmo tempo a criar nos seus membros uma sensação de pertença real e de valorização das suas opiniões. Tornamos os membros da comunidade em defensores e propagadores do conteúdo.

A produção independente de *transmedia* pode definir-se como um meio com poucas formas de financiamento, mas com grandes possibilidades artísticas, dado não estar presa às linhas criativas das grandes corporações. É um meio onde a compreensão e interação com os membros das comunidades que pretendem criar ou penetrar é essencial para o sucesso de qualquer projeto independente, pois estes funcionarão como porta-estandarte do projeto pois vêm as suas opiniões e ideias serem valorizadas pelos criadores. É nesta vertente independente que os criadores procuram potencializar ao máximo as características mais participativas.

1.3.3. *Transmedia* Não-Ficcional

O potencial do formato *transmedia* foi mais largamente explorado na sua vertente ficcional, tirando partido de universos já existentes (ex. *Star Wars*) ou gerando novos universos (ex. *Matrix*) (Jenkins, 2006a). À margem disto, produtores independentes começaram a desenvolver projetos *transmedia* não-ficcionais. Ryan (2016) reconhece a potencialidade do *transmedia* como forma de apresentar projetos não-ficcionais pois novas histórias chegam até nós a partir de diversos meios. A autora considera que no caso do jornalismo *transmedia*, “Este tipo de projeto pode ser tratado como um arquivo ou uma base de dados, o que significa que o utilizador pode escolher quais os objetos media a consumir.” (Ryan, 2016, p.3). Para Mario de la Torre-Espinosa (2019), *transmedia* não-ficcional pode ser definido como “... exemplos de representação do mundo real (refletindo o mundo) que usam meios diferentes para alcançar usuários (...) ou para contribuir para o aprofundamento da história narrada” (Torre-Espinosa, 2019, p.4).

Encontramos no jornalismo e no documentário dois espaços onde o *transmedia* não ficcional poderá prosperar. Ao longo do seu trabalho, Gambarato & Tárzia (2017) afirmam que o *transmedia* jornalístico pode aproveitar diferentes plataformas como a televisão, rádio, imprensa e, acima de todos estes, a internet e o *mobile* para contar histórias. A narrativa é enriquecida pela extensão dos conteúdos e pela interatividade com a audiência

Focando-nos agora na vertente documental, que se relaciona muito diretamente com a produção independente, saliento a abordagem de O’Flynn (2012) onde o autor examina a evolução de documentários *transmedia*, entre outros. Neste artigo, o autor compara e diferencia os conceitos de *i-doc* (Interactive Documentary) e documentário *transmedia*. Importa compreender as diferenças entre ambos os conceitos pois o que se pretende atingir neste projeto final é a construção de um documentário *transmedia* e não um *i-doc*. Além disso, determina que não existe uma forma única no que toca à planificação e produção de documentários distribuídos por multiplataforma, isto em termos de design de interfaces e em termos de interatividade.

O’Flynn (2012, p.142) define *i-doc* como sendo um conteúdo frequentemente pensado como *databases* (bases de dados) de fragmentos de conteúdos, maior parte das vezes expostos na web, mas não obrigatoriamente. As interfaces criadas dão a oportunidade à audiência para interagir com o conteúdo documental. As histórias aqui retratadas são experiências não lineares mutáveis, com narrativas abertas que evoluem, onde podemos observar a adição de conteúdos gerados pela audiência (O’Flynn, 2012, p.142). Relativamente a documentários *transmedia*, estes juntam uma nuance adicional pois o seu conteúdo narrativo é desenhado e distribuído transversalmente em diferentes plataformas, sejam ela digitais ou não-digitais, e onde a interatividade é tida em conta (O’Flynn, 2012, p.143). A participação tornou-se numa componente chave nas discussões acerca de documentários *transmedia*, particularmente em contextos de representação social onde os documentaristas procuram tirar partido das redes sociais de forma a obterem mais contribuições e simultaneamente mais relações. O autor distingue dentro do documentário *transmedia* a emergência de produções onde existe curadoria e colaboração de conteúdos gerados por participantes e obras altamente estruturadas e com sistemas de conteúdos elaborados pelo autor.

Sendo estas duas formas que utilizam modelos com conteúdos não lineares importa esclarecer as suas diferenças. Segundo O’Flynn (2012) um *i-doc* pode ser considerado

como um conteúdo “... *web-based* ou criado como instalação física, mas é uma obra discreta contida numa plataforma singular, e em exemplos anteriores tende a funcionar como uma base de dados fechada” (p.143). Por sua vez, um documentário *transmedia* “... distribui a narrativa através de múltiplas plataformas, pode ser participativo ou não, pode convidar à criação de conteúdos pela audiência ou não, tende a ser aberto e evolutivo, mas nem sempre se verifica.” (O’Flynn, 2012, p.143).

Relativamente à participação ativa neste tipo de projetos, ao fomentarmos a participação dos usuários, estamos a potenciar o desenvolvimento do seu papel cívico, dado que assim se gera um conhecimento público que ajuda a desenvolver uma esfera pública comum (Nash, 2017, citado por Torre-Espinosa, 2019, p.5). Torre-Espinosa (2019, p.9) fala da “ativação da performatividade do usuário”, isto é, algo que tornará os usuários em agentes criadores de conteúdos ajudando desta forma à expansão da narrativa *transmedia*. Para o autor, as possibilidades geradas pelas narrativas *transmedia* para a participação ativa duplicam quando se juntam a vertente documental. Isto porque para Espinosa-Torre (2019) “...por um lado nos faz atuar no mundo real (...) por outro convida-nos a participar no mundo *transmedia*, que neste caso coincide com o mundo real.” (p.7).

Uma das potencialidades do *transmedia* enquanto meio de veicular uma narrativa documental é evidente, e é algo que o formato tradicional não consegue realizar. Graças ao *transmedia* processos de seleção documentais são completamente alterados pois já não é obrigatório colocar algumas histórias de parte em prol de outras. Outro aspeto positivo da vertente não-ficcional, agora contrapondo com a ficcional, é o facto de ao estarmos a retratar histórias reais, a probabilidade de se captar a essência das personagens e de estas criarem ligação com o público (por serem reais) é maior. Os criadores não-ficcionais têm uma vantagem inicial relativamente aos criadores ficcionais.

No estudo de Joakim Karlsen (2016), o autor explorou a produção de *transmedia* documental independente na Noruega. Para Karlsen, *transmedia* não-ficcional é:

“...an emerging and experimental art form, depending on new types of materials and equipment, lacking established means of distribution, with few stable sources of revenue, needing new kinds of support personnel like designers and programmers, seeking an appreciative and participating audience and with a need to align itself with the existing rationale of independent documentary film production.” (Karlsen, 2016,

p.5)

Importa realçar que o conceito de *transmedia* utilizado no contexto norueguês de produção independente é mais amplo no sentido em que qualquer tipo de documentários feito em formato além de filme se aplica (tornando o termo mais próximo do conceito *multiplataforma*) e ao mesmo tempo mais restritivo em termos de como a atividade da audiência deverá enfatizar o conteúdo do comentário em si (Karlsen, 2016, p.4).

O autor conclui que, no caso norueguês, os produtores não sentiram dificuldades em alinhar o conceito de *transmedia* com as suas obras, o problema que enfrentaram, além do fator financeiro, foi a perda do controlo editorial, que tiveram de partilhar ou ceder totalmente à audiência (Karlsen, 2016, p.12).

É possível observar choque entre o que foi teorizado por O’Flynn (2012) e a realidade prática. Verifica-se que a grande dificuldade dos projetos veio da tentativa de acrescentar a vertente participativa à obra. Esta luta de poderes não foi prevista por O’Flynn e pode mostrar-se uma dificuldade face à criação de conteúdos *transmedia* documentais, neste caso.

O autor George Macleod apresentou o seu estudo de caso acerca do projeto *transmedia* documental independente “*Single Rwandan*” na obra “*Jacqueline Kalimunda’s Interactive Love Stories: Transmedia Documentary in Present-Day Rwanda*” de 2020. Neste estudo o autor pretendia compreender o potencial e os limites do *transmedia* na democratização da distribuição dos mesmos no país de origem, em África e no resto do mundo. O projeto analisado pretendia criar conteúdos digitais de alta qualidade à população do Ruanda, bem como criar uma representação cinematográfica do país que não se relacionasse com o genocídio de 1994 (Macleod, 2020). Apesar de este projeto nunca ter sido terminado por falta de financiamento, um dos problemas identificados por autores abordados (Bernardo, 2020; Karlsen, 2016), os conteúdos dispersos nas diferentes plataformas que a documentarista utilizou para procurar financiamento criaram uma narrativa *transmedia*, graças ao efeito bola de neve primeiramente aboradado por Ryan (2015) causado por comentários e *posts* em *blogs* acerca do projeto de Kalimunda. Também neste caso, a vertente participativa dificultou o avanço do projeto, mas invés de estar relacionado com o fator editorial, esteve relacionado com o fator financeiro, pois a documentarista procurou no *crowdfunding* o financiamento para o projeto.

O *transmedia* não-ficcional apresenta-se como um campo com grandes potencialidades, mas imensos obstáculos. A falta de financiamento, a incorporação da vertente

participativa e como conclui Karlsen (2016, p.12) o modelo linear, orientado para história e produto normalmente utilizado na produção de documentários independentes mostra-se um mau molde para o formato *transmedia* que necessita ser adaptável e ter um espaço amplo para evoluir. Torre-Espinosa (2019, p.6) reconhece que as narrativas *transmedia* aplicadas ao género documental ainda se encontram numa fase embrionária, mas, para o autor, esta é uma das razões pelas quais se deve explorar este novo género e suas aplicações. Ainda visto como um nicho dentro de um nicho, o *transmedia* documental precisa de novas ideias em termos de conceção e ativação, dado o que foi exposto por os autores acima abordados. Mostra-se pertinente realçar um dos primeiros trabalhos efetuados na área de *Transmedia* Documental em Portugal, o projeto final de João Polónio, “*Living the Vanlife*” (2017). Teve como objetivo “... criar conteúdo aliando o *transmedia storytelling* ao género documental.” (Polónio, 2017, p.1) num projeto que incidu sobre a temática de *Vanlife*. E o projeto #Umoutropaís de Reinaldo Rodrigues (2021) focado na potencialidade do *transmedia* não ficcional na vertente jornalística.

1.4. Documentário

Por este ser um projeto *transmedia* documental, torna-se necessário explorar as principais contribuições académicas na área do documentário. Assim sendo, foi desenvolvida uma pesquisa neste âmbito, salientando autores como Bill Nichols e Manuela Penafria. Esta contextualização teórica é fulcral para que possamos entender as diversas características do género documental, ajudando a adquirir o *know how* para se criar um projeto com as suas particularidades. Além disso, importa compreender quais as várias vertentes do documentário, quer em termos de tipologias, de géneros, movimentos, convecções e modos. Todos estes aspetos serão abordados neste capítulo.

1.4.1. História do Documentário

Com o nascimento do cinema, nasce também o documentário. As obras dos irmãos Lumière *Workers Leaving the Lumière Factory*, *Arrival of Train* ambos de 1895 tem caracter parcialmente documental para Nichols (2017, p.89). Estas obras têm relevância

para a compreendermos a origem deste género. A relação entre o surgimento do documentário lado a lado com o cinema deve-se às características das primeiras obras realizadas.

Como qualquer outro género cinematográfico, o documentário passou por diferentes fases e períodos. Estas diferenças evidenciam-se quando olhamos para as obras das diferentes regiões do mundo. Países e regiões têm tradições e estilos próprios. Os documentaristas europeus e latino americanos, favorecem formas retóricas subjetivas e retóricas. Por sua vez, os britânicos e norte-americanos focam-se em formatos objetivos e observacionais como, por exemplo, os dois lados do mesmo argumento (Nichols, 2017, p.20).

Além do acima referido, importa referenciar alguns dos principais movimentos. Nichols (2017) realça as contribuições de Dziga Vertov e seus contemporâneos, nas décadas de 1920 e 1930, durante a era do cinema mudo soviético. Destaca o desenvolvimento pioneiro na forma de se ver e retratar o mundo. Outro movimento importante no início do século passado foi o *British Documentary*, encabeçado por John Grierson que juntou na década de 30 as necessidades do estado com a produção documental. Mantendo-nos na Grã-Bretanha, na década de 50, surge o *Free Cinema* que adota uma visão nova, sem adornos à vida britânica contemporânea (Nichols, 2017, p.20). Saltando uma década e um oceano, surgiu na América um movimento que juntou o tom neutro do jornalismo com um estilo observacional forte (Nichols, 2017, p.20).

Estes movimentos nasciam de indivíduos que partilhavam uma visão e eram muitas vezes acompanhados de manifestos. Entre os quais enumera dois de Vertov, *WE: Variant of a Manifesto* e *Kino Eye* que se opunham aos filmes com argumento e atores. Nichols salta até aos anos 90 para salientar o contributo de Werner Herzog e do seu *Minnesota Declaration*, uma exposição que confronta diretamente o cinema observacional.

Os períodos servem para definir e diferenciar a história do género documental. Na década de 1930, o foco estava nos problemas contemporâneos expostos através da montagem de imagens *B-roll* juntamente com comentário em *voice-over* (Nichols, 2017, p.21). Importava a estes documentaristas retratar os problemas sociais e económicos que se viviam na época pós Grande Depressão. Os anos 60 trouxeram a mobilidade e a responsividade, produtos dos avanços tecnológicos que tornaram as camaras mais leves. Foram uma época de modo observacional rígido bem como, de um modo mais participativo. Estes novos modos eclipsaram o *voice-over* que até então era dado

adquirido. Nas décadas de 70 e 80, voltou-se novamente a um registo documental mais virado para os arquivos e a entrevistas, com o intuito de se trazer uma nova visão a eventos atuais e passados (Nichols, 2017, p.21). Realidade que se mantém nos dias de hoje, adaptadas às problemáticas dos dias que correm.

1.4.2. Definição e Características do Documentário

Para a maior parte de nós, espetadores, o conceito e definição de documentário parece simples e fácil de se concluir, mas os académicos que trabalham nesta área tendem a discordar. Bill Nichols (2017, p.5) afirma que criar uma definição concisa e abrangente é possível, mas não é crucial. Importa, por sua vez, considerar a contribuição de cada documentário para o diálogo corrente que vive de aspetos comuns a todas as produções enquanto se geram, ao mesmo tempo, formas e abordagens diferentes. Aufderheide (2007) partilha desta opinião, segundo a autora documentário é “... definido e redefinido ao longo do tempo, tanto por criadores como por espetadores” (p.2). Aufderheide e Nichols focam as atenções na importância que os diferentes agentes têm na definição do género documental. Pois a audiência espera não ser enganada. Ao vermos um documentário estamos à espera de algo real, algo sincero que transmita a realidade do nosso mundo.

A definição mais comum e universalmente aceite, segundo Nichols (2017, p.5), é a de John Grierson, datada dos anos 30 do século passado, onde este afirma que documentário é um “*creative treatment of actuality*”. Esta definição categoriza o documentário como um produto criativo, mas deixa por resolver, segundo o autor, o confronto entre “*creative treatment*” e “*actuality*”. Mas é no documentário que estas características que parecem se opor e não poderem conviver, encontram o seu ponto de equilíbrio. A visão criativa juntamente com o respeito pelo mundo histórico são, para Nichols (2017, p.5), uma das atrações deste género fílmico.

De forma a tentar criar a sua definição do que é um documentário, Nichols (2017) começa por complementar as suposições acerca do que é um documentário. A primeira suposição é a de que retratam algo que aconteceu. O autor concorda com esta suposição de que os documentários abordam e expõem situações reais ou eventos, honram fatos verídicos (Nichols, 2017, p.5) pois em nenhum momento são apresentados fatos não verificados,

mas afirma que esta pode ser uma conclusão demasiado curta. Isto é, o documentário apresenta uma representação da realidade e não a realidade pura. Apresenta a construção da realidade do documentarista, de uma forma alegórica ou oblíqua do mundo (Nichols, 2017, p.5) A autora Manuela Penafria (1999a) afirma que o documentário é “... um espaço onde se abre a possibilidade de constantemente se construírem, reconstruírem, criarem, recriarem e combinarem formas de ordenação de elementos que dele fizerem parte” (p.23).

Segundamente, um documentário é mais do que a representação de alguém real. Para o autor, “Documentários são sobre pessoas reais que não estão a desempenhar um papel como fazem os atores.” (Nichols, 2017, p.6). Podem estar cientes da presença da câmara, mas estão a ser elas próprias. Para manter esta genuinidade torna-se importante estabelecer um certo nível de amizade e cumplicidade com os atores naturais, ou como Erving Goffmann (1989) apelidou, “*social actors*”.

Por último, o autor aborda a presunção de que os documentários são sobre histórias reais. Acrescenta a esta noção comum o seguinte “... a história é uma representação plausível do que aconteceu, ao invés de uma interpretação imaginada do que pode ter acontecido” (pp. 7-8). Podemos acrescentar a definição de Grierson pois o “*creative treatment of actuality*” dá espaço ao *storytelling*, mas as histórias têm de respeitar certos parâmetros para que não deixe de ser um documentário.

Após este aprimoramento do senso comum, Nichols (2017) define documentário como:

“Documentary film speaks about situations and events involving real people (social actors) who present themselves within a framework. This frame conveys a plausible perspective on the lives, situations, and events portrayed. The distinct point of view of the filmmaker shapes the film into a way of understanding the historical world directly rather than through a fictional allegory.” (p.8)

Como já foi exposto, as definições de documentário não são fixas. São mutáveis, estão constantemente a tentar acompanhar o progresso na área. Existem algumas linhas comuns que os documentaristas seguem, mas não existem diretrizes éticas como no jornalismo. “Documentaristas tiram prazer de subverter convicções, de desafiar os espetadores, e provocar debate” (Nichols, 2017, p.11).

Após estas conclusões, podemos afirmar que um aspeto importante do documentário é o ponto de vista do documentarista ou realizador, dado que este tem a capacidade de dar visibilidade e voz a um tema, bem como possivelmente influenciar a forma como este é visto pelo público. É impossível o autor da obra ter acesso a todos os ângulos de dada situação, daí a importância da forma como expõe o problema ou representa algo na sua criação. A realização de um documentário envolve contacto com as realidades que se querem retratar, a sua representação não é suficiente. O que se mostra necessário é a interpretação e problematização, através de um ponto de vista com interferência assumida pelo documentarista (Penafria, 1999a, p.24). No próximo subcapítulo, a questão do ponto de vista será mais amplamente explorada.

Uma outra característica que importa salientar é a captação de imagens *in loco*. Esta é uma característica que remonta ao início do género documentário, “Assim, é o registo *in loco* que encontramos nos inícios do cinema que se constitui como o primeiro princípio identificador do documentário.” (Penafria, 1999a, p.38). Para a autora, é “...absolutamente essencial que as imagens do filme digam respeito ao que tem existência fora do filme...” (Penafria, 1999b, p.1). Existe a necessidade de sair do estúdio e ir gravar os atores reais, nas situações reais. Apesar desta característica, o documentário não é um espelho da realidade. Na montagem, ao combinar e interligar as imagens obtidas *in loco* o documentarista está a construir e a dar significado a uma nova realidade (Penafria, 1999b, p.1).

Foi a partir dos anos 20, devido às obras *Man with a movie camera* de Vertov e *Nanook of the North* de Flaherty, que se tornou possível identificarem-se determinadas características do género documental (Penafria, 1999a, p. 39). Importa salientar três: 1) um filme com imagens captadas com intuito de representar situações reais que aconteceriam mesmo sem a presença da camara; 2) organização das imagens recolhidas em estúdio tendo em conta a visão do documentarista; 3) por último, a gravação de atores reais, num cenário que é o seu ambiente (Penafria, 1999a, p.39).

Além das características acima expostas por Penafria, Nichols (2017, p.64) acrescenta a ideia de organização da obra numa perspectiva de resolução do problema exposto, isto é, a estrutura do documentário assemelha-se à de uma história, numa perspectiva de investigação. Começa por expor o problema, de seguida mostra o que está por detrás do mesmo e termina com a investigação do caso. Esta investigação culmina, na maioria dos

casos, numa apresentação de uma solução ou recomendação que a obra encoraja os espetadores a adotar ou apoiar (Nichols, 2017, p.64).

Após todos estes apontamentos acerca da definição e do que incorpora um documentário, podemos aferir que existe uma enorme liberdade e espaço de manobra dentro deste género. Existem linhas comuns, mas cada documentarista pode abordar a criação da forma que melhor assente à sua perspetiva do tema explorado.

1.4.3. A Visão do Documentarista

Ao contrário de outros tipos de exposição de factos e realidades, como por exemplo o jornalismo, no caso do documentário espera-se que o documentarista não seja imparcial e coloque na obra a sua visão acerca daquilo que documenta. Aufderheide (2007, p.2) reitera que se pretende criar uma representação da realidade com sinceridade.

De todas as características expostas no subcapítulo anterior, a que mais impacta a criação de um projeto documental é o ponto de vista, pois esta é a forma que o documentarista escolheu para comunicar o mundo que representa. Através do documentário, pretende-se dar a conhecer novas visões do mundo. A forma como a problemática e a sua mensagem são apresentadas vai moldar a relação que o espetador desenvolverá com a obra (Penafria, 2001; Nichols, 2017).

Ao desenvolver um documentário, importa saber contar uma história. A obra tem uma estrutura dramática e narrativa não diferente do cinema ficcional. Importa idealizar, organizar e estruturar as sequências, de forma que estas tenham um seguimento lógico (Penafria, 2001, p.2). Tudo isto suporta a mensagem que o documentarista pretende passar ao espetador. A mensagem que, segundo a autora “... constitui a visão do realizador sobre determinado assunto” (Penafria, 2001, p.2).

Posto isto, torna-se simples de entender a importância da definição de um ponto de vista durante a produção de um documentário. O segundo desafio de um documentarista passa pela transmissão desse ponto de vista para o espetador, isto é, fazer com que quem vê a obra entenda a perspetiva que pretendemos transmitir.

Para Penafria (2001, p.3), é na pré-produção do documentário que começamos a responder e a definir o nosso ponto de vista. Isto por ser nesta fase que colocamos

questões acerca da motivação por detrás do projeto, o interesse que a obra terá e como iremos documentar tal realidade. A partir deste momento, todas as decisões tomadas pelo documentarista já estão a ser predeterminadas por todos os aspetos anteriormente citados. Qualquer seleção feita tem por base a perspetiva que já foi pensada e delineada.

Bill Nichols (2017) salienta a importância da voz. É através desta que mais facilmente transmitimos o ponto de vista ao espetador. A voz veicula e manifesta o ponto de vista na obra. Para o autor, a voz diz “Assim é a forma como eu escolho agir e filmar perante o mundo que temos em comum, o que achas disso?” (Nichols, 2017, p. 52). Além disto, a voz não se limita à *voz off* ou aos atores que transmitem a ideia do documentarista, mas também todos os canais de comunicação exposto, quer sejam verbais ou não-verbais (Nichols, 2017, p.52). Isto quer dizer que a montagem, os efeitos sonoros, os planos escolhidos também transmitem a mensagem e o ponto de vista.

Importa que o resultado do documentário exponha o confronto entre o olhar da câmara e do documentarista. Penafria (1999a) acrescenta “Para além disso, o documentário deve pautar-se pela criatividade quanto à forma como as suas imagens, sons, legendas ou quaisquer outros elementos estão organizados” (p. 55).

Nichols e Penafria concordam relativamente à importância do ponto de vista no documentário, e complementam as observações e conclusões retiradas entre si. Ambos salientam o impacto que o ponto de vista tem durante todos os momentos de produção do documentário e como o mesmo ajuda a criar uma obra mais concisa, com mais capacidade de transmitir a mensagem da forma pretendida.

Através do documentário podemos mostrar algumas realidades através dos nossos olhos, fazemos com que o espetador olhe para algo de uma forma diferente. Isto graças às liberdades criativas que este género dá aos realizadores bem como os deveres que este tem ao produzir algo deste género. Todas as suas decisões “falam” para o espetador e ajudam-no a compreender as coisas de forma diferente.

1.4.4. Tipologias do Documentário

Estas decisões artísticas, técnicas e pessoais criaram diferentes tipologias e modos de documentário. Neste capítulo irão ser enumeradas e definidas tais tipologias, segundo

teorias e modelos de Bill Nichols na obra de 2017 “*Introduction to Documentary: Third Edition*”.

Após a exploração feita no capítulo 4.1.2., podemos concluir que um documentário envolve pessoas reais (*social actors*), que se mostram em situações, histórias ou eventos que apresentam perspectivas reais ou plausíveis de transparecer no mundo real. Além disto, o ponto de vista do documentarista molda a história de forma a mostrar-nos como é viver ou experienciar dada situação.

Esta é uma definição geral, útil e fácil de compreender, mas acaba por limitar as distinções que existem entre diferentes subgéneros de documentário (Nichols, 2017, p. 104). O autor sublinha “Não existem leis e são poucas as regras genuínas no que toca à expressão criativa” (Nichols, 2017, p.104). Cada obra tem o seu estilo e “voz” próprios, refletindo a individualidade do documentarista ou do patrocinador da obra. Os subgéneros podem cruzar-se e interligar-se, gerando subgéneros híbridos, dado que um documentário pode ter um modelo dominante sem que isso invalide a presença de características de outros modelos. Importa reter que apesar disto, a perspectiva e voz do documentarista deverá continuar a influenciar a produção da obra.

Nichols (2017) define seis subgéneros dentro do documentário: *poetic*, *expository*, *reflexive*, *observational*, *participatory* e *performative*. Estes diferentes formatos surgiram das diferentes perspectivas dos documentaristas, relativamente à forma como se devia estruturar e contar as histórias. Para o autor, o surgimento de novos formatos não pretende apresentar uma forma melhorada de observar e mostrar o mundo, em vez disso, apresenta-se mais como uma nova forma de realizar o filme, através de uma perspectiva que mostra a nossa nova relação com a realidade, através de “... um novo conjunto de problemas e desejos que preocupem a audiência” (Nichols, 2017, p.115).

O primeiro formato apresentado é o “*Poetic Mode*”. Este subgénero documental caracteriza-se pelo facto de o compromisso do realizador ser maioritariamente para com o filme do que para com as personagens. Sacrifica a continuidade espacial e temporal, bem como a sensação de localização espaço-temporal. Para o realizador, indivíduos e objetos são somente matéria-prima que serve para ser selecionada e montada. Este é um formato que privilegia características como o tom, a forma do filme e a influência da obra em prol da retórica e do conhecimento factual (Nichols, 2017, pp.116-121).

Este é um formato que sobrepõe a vertente artística da produção documental à vertente lógica ou argumentativa. A preocupação está na forma utilizada para se transmitir a realidade captada, não buscando respostas para o que se apresenta.

O segundo formato, o “*Expository Mode*”, subverte o formato poético pois dá maior relevância à vertente retórica e ao enquadramento narrativo. “O *Expository Mode* dirige-se diretamente ao espectador, através de títulos e vozes que contam uma história, propõem uma perspectiva, ou avançam um argumento” (Nichols, 2017, p.121). São obras que se baseiam na informação lógica conduzida pela comunicação oral, as imagens aparecem como apoio à vertente oral. Além disto, é um formato que não pretende subverter ou desafiar o nosso conhecimento, baseando-se primordialmente no senso comum para veicular mais facilmente a mensagem. Este é um formato onde as representações rapidamente se tornam datadas, apesar disso é bastante utilizado pois segundo o autor “[*Expository Mode*] persiste, permanecendo provavelmente como o modo mais predominante em uso, nos dias de hoje” (Nichols, 2017, p.125).

Caracteriza-se pela utilização de *voz-off*, utilizando-a de duas formas distintas. A primeira é o “*voice-of-God*”, uma voz presente, mas que não se apresenta fisicamente. Além desta, o autor indica a “*voice-of-authority*”, que compara a um pivot televisivo, que dá voz e se mostra durante a obra. Como já foi referido, a voz é a característica mais importante deste subgénero. É a voz que conduz a narrativa, que encaminha o espectador ao longo da história. (Nichols, 2017, pp.121-125).

No terceiro subgénero, “*Reflexive Mode*”, o realizador intensifica o nível de reflexão. O realizador relaciona-se diretamente com o espectador, falando não só do mundo histórico, mas também das dificuldades e problemas que surgiram da sua representação. Nichols (2017) afirma que “O *Reflexive Mode* é o modo de representação mais consciente de si mesmo e que mais se auto questiona” (p. 128).

A reflexão presente neste modo pode surgir de suas perspectivas. Nichols distingue a visão formal da visão política. A visão formal faz-nos refletir acerca da forma do documentário, por sua vez a visão política leva-nos a refletir mais acerca do mundo, acerca das nossas suposições e expectativas. O autor refere que esta última visão “...aponta para *nós* como espectadores e agentes sociais, não para os filmes, como os agentes que podem colmatar o fosso entre o que existe e o que pode vir a existir” (Nichols, 2017, p.131).

O “*Observational Mode*” surge devido aos avanços tecnológicos, que geraram o surgimento de aparelhos mais portáteis e que não envolviam a necessidade de se ter um grande número de pessoas a ajudar nas gravações. Esta particularidade fez com que o ato de se filmar tornasse muito mais discreto – que por sua vez levou a que o documentarista pudesse captar com maior naturalidade tudo o que o rodeia, diminuindo a sua intervenção, que se deve minimizar o mais possível. O documentarista baseia-se somente na espontaneidade dos atores sociais. Além de se diferenciar no momento das gravações, também o faz na edição que é marcada pela não realização de entrevistas ou pela não utilização de *voz-off*. (Nichols, 2017, p.132)

Nichols aponta algumas falhas neste subgénero. A primeira prende-se com a proximidade que este modo tem com o *voyeurismo*, pois procura captar os indivíduos sem estes se aperceberem, tentando ao máximo atingir a representação mais fidedigna e pura da realidade. Além disto, o autor questiona até que ponto o documentarista não deverá intervir no que está a captar, dando o exemplo de uma situação em que alguém corra perigo de vida (Nichols, 2017, pp.133-135). Outro ponto apontado por Nichols relaciona-se com até que ponto a conduta dos indivíduos não é realmente condicionada, o autor afirma “... quanto do que observamos seria igual caso a câmara não estivesse lá ou quanto iria ser diferente caso a presença do documentarista fosse mais prontamente reconhecida” (Nichols, 2017, p.137).

O “*Participative Mode*” é o oposto do acima apresentado. Nesta subgénero “... os documentaristas interagem com os seus sujeitos em vez de observarem discretamente” (Nichols, 2017, p.137), o realizador também faz parte da história. Este modo participativo procura também que os espetadores interajam, dado que alguns formatos dão a oportunidade à audiência de navegar pela história, dentro de um leque de possibilidades. O cineasta passa a participar na sua obra, tornando-se agente social na realidade que filma. O que é retratado através deste subgénero é a realidade resultante da interação entre o documentarista e da situação em que se encontra.

O autor encontra duas variantes dentro deste subgénero que importa diferenciar. Numa delas o documentarista pretende representar a sua relação direta com o meio onde se inseriu. Noutra, o documentarista procura uma abordagem mais histórica, baseando-se em entrevistas e imagens de arquivo. A grande finalidade deste modo é captar a realidade que nasce quando o documentarista entra naquele mundo (Nichols, 2017, pp.143-145).

O último modo, o “*Performative Mode*”, assemelha-se em certos pontos ao modo poético, dado a importância da expressividade e do cariz mais subjetivo. Ao mesmo tempo, partilha características com o modo participativo, no que diz respeito ao carácter autobiográfico. Nichols (2017) afirma “Documentários performativos trazem as intensidades emocionais de experiências situadas e conhecimento incorporado para o primeiro plano em vez de tentarem fazer com que algo aconteça” (p.151), ou seja, ajudam-nos a sentir realmente o impacto do que é viver a situação ou experiência retratada. O documentarista procura criar uma sensação de união entre audiência e atores, tornando a sua representação perceptível, falando para a sensibilidade e afetividade da audiência.

Após esta elucidação podemos concluir que estes subgéneros surgiram das necessidades do documentarista, da forma como pretendiam expor a sua história e, de certo modo, apresentar a sua posição e maneira de ver o mundo. São observáveis a proximidade e a possibilidade de fusão entre subgéneros. Um documentarista pode escolher certas características de dois ou mais subgéneros e criar um híbrido que mais facilmente veicula a sua ideia e visão. Mais uma vez, podemos observar a liberdade que o género documental dá a um realizador.

1.4.5. Documentários sobre Skate

Documentários acerca de desportos contribuíram significativamente para a crítica tanto do desporto em causa como da sua relação com a sociedade, mas, apesar deste contributo, ainda não são amplamente estudados em âmbitos de estudos do documentário ou estudos desportivos (McDonald, 2007, p.208). Colocando o desporto no seu contexto social, o documentário mostra que o desporto passa a ser mais do que performance e ganha uma vertente diferente, por vezes desafiando ou reforçando ideologias dominantes.

O meio audiovisual é um dos principais meios de transmissão e consumo de skate, onde são produzidos conteúdos como vídeos, filmes e fotografias que mostram as manobras e as capacidades dos indivíduos. Têm como principal objetivo comunicar o estilo, os locais, as influências e os valores de determinada marca, grupo ou *skater* individual. Porém, existem também trabalhos de cariz documental. Obras como *Dogtown and Z-Boys* (2001) de Stacy Peralta, que mostra e conta a história do nascimento do skate no sul da Califórnia, durante a década de 70 ou, *The Bones Brigade* (2012), também de Peralta, que

nos dá a conhecer a vida de um dos grupos mais influentes de *skaters* da década de 80, a Bones Brigade. Obras mais recentes como *Skateistan: Four Wheels and a Board in Kabul* (2011), de Kai Sehr e *Learning to Skateboard in a Warzone (If You're a Girl)* (2019) de Carol Dysinger, que mostram a realidade e o impacto que iniciativas que promovem a aprendizagem do skate têm em locais dizimados por guerras e onde persistem ideologias sociais com menor abertura. Passando por obras que pretendem mostrar a realidade e a história de *skaters* profissionais como é o caso da trilogia *The Motivation* (2013; 2015; 2017) realizada por Adam Bhala Lough.

Posto isto, podemos afirmar que existe variedade na produção de obras documentais acerca de skate, cada um dos exemplos acima dados expõe prismas diferentes da modalidade. Uns focam-se mais na história, outros no potencial dinamizador que o skate tem dentro de uma comunidade e por fim, uma abordagem mais comercial, mostrando o por detrás das câmaras do que é ser um atleta de topo no mundo do skate.

1.5. Skate

Tal como aconteceu com o documentário, a definição do que é skate ou *Skateboarding* pode parecer simples, mas é na realidade algo complexa. Existe quem chame modalidade, quem chame *lifestyle*, outros chamam forma de expressão ou arte. Cada praticante ou membro da comunidade tem uma visão diferente.

O acréscimo de várias disciplinas de skate aos Jogos Olímpicos 2020 trouxe um novo fôlego à popularidade desta prática/atividade e à sua legitimação em relação à sociedade civil (Corwin, Maruco, Williams, Reichardt, Romero-Morales, Rocha & Astiazaran, (2019a); Willing, Green & Pavlidis., (2020)). Chamamos prática ou atividade pois é uma forma mais ampla de nos referirmos ao skate, pois como já foi referido, existem diversas abordagens no que toca ao skate. Mas esta “elevação” do skate à categoria de desporto, ainda para mais, desporto olímpico veio ao mesmo tempo abalar e dividir as opiniões acerca do que é ao certo o skate e ser-se *skater*. Apesar do skate ser legitimado como desporto com a entrada nos Jogos Olímpicos, a prática em si envolve características mais autónomas e espontâneas do que os desportos “tradicionais” (Willing et al., 2020, p.834). Importa analisar os dados demográficos existentes relativos aos praticantes de skate. Dados de um inquérito levado a cabo pela *Sports and Fitness Industry Association*

(SFIA) em 2017, mostram que existiam à data 6.3 milhões de *skaters* nos Estados Unidos, dos quais 4.6 eram de sexo masculino e 1.7 do feminino (Corwin, Williams, Maruco & Romero-Morales, 2019b). Em Portugal, segundo o coordenador nacional do comité técnico de skate da Federação de Patinagem de Portugal, Paulo Ribeiro, existem cerca de 80.000 praticantes (Agência Lusa, 2021, março).

Neste capítulo será explorada a génese do skate, as suas características sociais, a cultura e suas práticas. Posteriormente será analisada a vertente feminina no skate, no caso internacional através de obras científicas e no caso nacional através de dados facultados por organizadores de competições e associações de skate.

1.5.1. Culturas Juvenis e Culturas Marginais

As diferenças presentes nas juventudes e os diferentes pontos de vista que possamos ter sobre as juventudes, tornam a definição de um conceito único, difícil (Pais, 1996). Frith (citado por Campos, 2020, p.588) aferiu “... a juventude não é simplesmente um grupo etário, mas uma organização social de um grupo etário” (p.2). Esta organização social gera uma cultura juvenil que surge da heterogeneidade dos inúmeros contextos sociais em que os seus membros habitam, além disso as suas opções, estilos e projetos de vida também impactam esta construção (Campos, 2020, p.588). A presença de diferentes culturas e subculturas juvenis está relacionada com a agência dos seus membros em múltiplas áreas, mais visível na cultura e na arte, onde os jovens procuram a sua emancipação, dada a vertente criativa e experimental presente nestes contextos (Pais, 2011; Campos, 2020). Isto é visível na comunidade de skate pois a vertente estética é utilizada para os *skaters* se demarcarem. O estilo, em termos de indumentária ou em aspetos técnicos é um dos seus “... propósitos de afirmação identitários” (Pais, 2011, p.85). Pais (1996) refere-se a estas construções como “fachadas culturais”, isto é, as construções simbólicas que cada grupo desenvolve, quer em termos de imagem, de comportamento e da sua gíria. Quem se quer tornar *skater* aprende que tem de frequentar locais de encontro, como *skateparks* ou *spots*, e participar na vida de skate através do treino de manobras e na convivência dentro da cena do skate (Schwier, 2019, p.17). Buckingham (2009) reitera “Pode ser justificadamente visto como uma cultura juvenil, no sentido em que tem os seus modos preferenciais de representação simbólica, a sua

própria estética, os seus próprios códigos morais e de regras, e a sua própria ideologia.” (p.134). Podemos concluir que existe uma forte correlação entre o imaginário do *skater* e as culturas juvenis, abordadas acima.

Esta afirmação identitária forma uma imagem de dado grupo que servirá para orientar as relações com outros grupos identitários. Willing, Green & Pavlidis (2020) observam que num dos momentos de maior crescimento em termos de visibilidade do skate, na década de 80, a prática era porto de abrigo para os desajustados ou “*misfits*”. Era a forma de se demarcarem da do constructo alfa da hierarquia juvenil norte-americana, os chamados “*jocks*”, os desportistas e populares (p.838). Esta identidade juvenil definiu-se por contraposição a outra, criando a antítese da “fachada cultural” dos “*jocks*”.

Culturas juvenis estão normalmente associadas a culturas marginais. Normalmente caracterizadas por o que Pais (2011) apelida de “tribo urbana”, que é marcada pelas afiliações grupais fluídas, com particularidades efémeras e nómadas, grupos com características contestatárias, subversivas e em alguns casos, delinquentes (p.84). Campos (2020) corrobora a afirmação de Pais, afirmando que estes espaços e as liberdades que estão subjacentes podem levar a comportamentos marginais e, em alguns casos delinquentes (p.590). Todas estas singularidades podem ser observadas, em parte, nas produções audiovisuais de skate, onde *skaters* correm riscos sem qualquer equipamento de segurança, sangram, dizem asneiras e têm comportamentos de confronto com autoridades e outros membros da sociedade. Importa salientar que esta é uma realidade que não se aplica a todos os *skaters* (Willing et al., 2020, p. 838), pois dentro da comunidade existem diferentes subculturas que se relacionam de forma diferente com outros membros da sociedade.

Um aspeto intrínseco destas culturas é o conceito de radicalidade. Segundo Ferreira (2011) atualmente chama-se radicalidade a um comportamento social direcionado para a experimentação e superação de limites, isto é, “Classifica comportamentos que implicam sempre determinado grau de risco, hoje em grande medida associados ao risco físico” (p.110). Os jovens aproximam-se destas vivências mais radicais pois veem nela um propósito, uma prova de que são mais do que simples agentes sociais iguais a tantos outros. Estes comportamentos disruptivos surgem, segundo Pais (2011), devido à sociedade contemporânea que ameaça as perspetivas de futuro dos jovens devido à ênfase na individualização, bem como pela perda da influência das outrora principais instituições que auxiliavam o planeamento da vida adulta (p.90). Estas instituições (família, escola,

entre outros) que, nas sociedades mais ricas do hemisfério norte, se responsabilizam pela formação e vigilância dos jovens que se encontram numa fase transitória entre a dependência total e a independência (Campos, 2020, p.588). A radicalidade surge como testemunho e prova da capacidade de emancipação dos jovens, dando oportunidade ao agente de “... testar e demonstrar capacidades, habilidades e particularidades, conferindo-lhes uma expressão simbólica de poder e distintividade” (Ferreira, 2011, p.121).

Pais (2011) conclui que “... se em terrenos de margem as culturas juvenis podem associar-se a estados de alienação, elas também são capazes de rasgar horizontes de criatividade e emancipação.” (p.91). O skate e a sua comunidade vivem nesta fronteira entre a marginalidade e a criatividade que Pais enuncia. O *skater* utiliza a transgressão para se mostrar, para se exprimir. A não conformação e ser-se resiliente em relação às convenções é uma parte fulcral do skate, em termos culturais. Apesar disso, segundo Willing et al. (2020), este lado mais rebelde e conflituoso do *skateboarding* relaciona-se de forma complexa, por vezes contraditória, outras complementar, com o crescimento comercial da prática. Isto é, existem indivíduos que crescem dentro da modalidade, mas vêm a ganhar estatuto *mainstream*, o caso de Tony Hawk, através da sua popular série de videojogos de skate ou Rob Dyrdek, apresentador de televisão e empreendedor norte-americano. A comunidade é maioritariamente contra a entrada de grandes marcas, mas reconhece ao mesmo tempo que isto ajuda a criar oportunidades (Buckingham, 2009). Esta notoriedade ganha fora da comunidade é normalmente associada ao indivíduo “se vender”, fazendo com que perca credibilidade dentro da mesma. Credibilidade essa que se torna difícil de reconquistar.

1.5.2. O que é o skate?

Como já foi referido ao longo do trabalho, tentar definir *skateboarding* é algo complexo. Para a maior parte dos *skaters*, andar de skate é muito mais do que uma atividade lúdica, David Buckingham (2009) afirma que um *skater* vê-se como muito mais que uma simples pessoa que anda a rolar pela cidade num pedaço de madeira (p.134), Yochim (2010) afirma, por sua vez, que “... os *skateboarders* procuram sustento na experiência transcendente proporcionada pelas suas tábuas.” (p. 84). Ser-se *skater* passa por saber onde andar, saber que manobras se podem fazer em dado local, mas é também usar

determinado tipo de roupa e optar por determinados produtos e marcas relacionadas com o skate. Para Beal & Weidman (2003), a interiorização e a personalização destes valores é o que torna um *skater* legítimo, dentro da comunidade. As autoras definem três aspetos como sendo essenciais para a autenticidade do *skater* – controlo do participante, isto é, a inexistência de uma figura autoritária como um treinador, a autoexpressão e o desprezo pela competição (p.344).

Importa salientar que, segundo Buckingham (2009), apesar de terem uma base de desenvolvimento comum dentro da sua comunidade, os *skaters* não são indivíduos homólogos (p.137). Os *skaters* utilizam estas bases para desenvolverem a sua voz e estilo dentro da comunidade, isto é, partilham os mesmos princípios e ideais, mas expressam-se de formas diferentes, sem perder o seu sentido de identidade e individualidade. Podemos concluir que a não conformidade com o *mainstream* é algo central na autenticidade de um *skater*. Por ser algo subjetivo e vivido de forma muito diferenciada por qualquer praticante, podemos afirmar que o processo que um indivíduo passa para se tornar num *skater* é um processo de autoconhecimento e descoberta pessoal. Para muitos indivíduos, o facto de serem eles próprios a tomarem as decisões e a não existência de figuras autoritárias, como treinadores, é algo que torna o skate bastante atrativo (Beal & Weidman, 2003, p.338). É a “reivindicação de uma identidade” (Buckingham, 2009, p.133) pois cada praticante identifica os seus objetivos e o seu estilo de skate e, isto encontra-se estreitamente ligado com a criatividade que Borden (2001) segundo Willing et al (2020, p.835), salienta como uma das principais características presentes no skate.

Estes processos de autodescoberta e de desenvolvimento identitário acontecem dentro de uma comunidade em mudança constante, numa comunidade que se define pela não singularidade e por não se fechar dentro de si mesma (Yochim, 2010, p.79), influenciando e sendo influenciada por outras comunidades e realidades, muitas delas trazidas pelos *skaters*.

É comum referimo-nos ao skate ou ao surf como desportos radicais, mas autores como Belinda Wheaton (2010), optam pela terminologia de “*lifestyle sports*” invés de “*extreme sports*”. Wheaton (2010) explora as noções de “*lifestyle sports*”, que segundo a autora “... é o termo utilizado por muitos participantes, que descrevem a sua atividade como “*lifestyle*” invés de “desporto”” (p.1059). Como já foi evidenciado acima e de acordo com Willing et al. (2020), o skate tem uma vertente experimental e emocional bastante forte. Estas vertentes são das características mais atraentes para quem pratica e o praticante fá-

lo por “amor” à atividade. Wheaton (2010) afirma que um dos significados e impactos mais influentes de um “*lifestyle sport*” nos seus praticantes está no potencial de criatividade e na autoexpressão (p.1059). A autora completa referindo que estas atividades oferecem aos praticantes um refúgio dos seus problemas e limitações noutras áreas da vida, e que o foco não está em objetivos tangíveis como vencer ou receber incentivos financeiros, mas sim na sensação de felicidade após acertar uma manobra (chamado ficar “*stoked*” ou “*hyped*”) ou estar “no momento” (Wheaton, 2010, p.1060). Importa ressaltar que nem todos os *skaters* concordam com estas categorizações, para alguns, skate é desporto, para outros um passatempo e existe ainda quem o considera um *lifestyle*. Não existe unanimidade relativamente ao que é, ao certo, o skate.

Seifert & Hedderson (2010) afirmam que o skate é subjetivo - e essa subjetividade é, muitas vezes, o que leva os indivíduos a andarem de skate (p.282). Os autores foram mais longe e dividiram as razões para gostar de andar de skate em três “categorias”, segundo observações e conversas com praticantes definiram as seguintes: satisfação, desafio e liberdade. O estudo de Corwin et al., “*Beyond the Board: Findings from the Field*” (2019a) corrobora o que Seifert & Hedderson afirmam pois quando foi perguntado aos *skaters* envolvidos no estudo “*Why do you skateboard?*” 76% respondeu “*Have fun*” e a diversão, como sabemos, é algo subjetivo. A terceira resposta mais frequente, com 58%, foi “*To learn tricks*”, relacionando-se assim com a segunda “categoria” apresentada, o desafio. E em quarto lugar com 57% está a resposta “*Be creative/ Express Myself*”, a liberdade. As divisões feitas pelos autores há quase uma década mantêm-se relevantes, pelo menos no caso norte-americano, segundo o estudo referido. Para Beal & Wieldman (2003, p.341) o facto dos *skaters* terem critérios individualizados leva a inúmeros momentos de autorrealização pois, ao estabelecerem os seus objetivos, mais facilmente os atingem.

Corwin et. al. (2019a) afirmam que a narrativa à volta do skate está a mudar. Estruturas educacionais e culturais começam a olhar para o skate de outra forma e criam programas onde o skate é uma das suas ferramentas. Os autores afirmam que ONG’s, campos de férias e atividades extracurriculares começam a apostar no skate (p.3). Em Portugal, esta realidade também é visível, maioritariamente nas grandes cidades onde surgem *skate schools* associadas a *skateshops*.

Apesar do crescimento de visibilidade os *skaters* continuam a preferir estar às margens da sociedade. O aumento da popularidade não apaga da mente coletiva os estereótipos

nem as ideias erradas acerca do skate e por essa razão os conflitos com outros membros da sociedade ainda são uma realidade (Corwin et al., 2019a, p.3). Estar à margem continua a fazer parte do imaginário coletivo do que é ser um *skater* e, mesmo com a chegada de toda esta atenção mainstream, prevê-se que este aspeto não se venha a alterar.

1.5.3. A Relação entre Cultura Visual e Skate

Os *skaters* captam toda a sua habilidade e estilo através do vídeo e da fotografia. O desenvolvimento de vídeos de skate é um processo altamente autorreflexivo que apresenta as suas próprias formas de organização social (Buckingham, 2009, p.149). Yochim observa que os vídeos de skate servem para posicionar o *skateboarding* como *lifestyle* ou uma forma de expressão invés de algo competitivo, referindo que “... um elemento-chave na *skate life* é a correspondência constante entre si [*skaters*] e os vários media num esforço para comunicar os valores base da cultura” (2010, p.85). Torna-se evidente que a visualidade é extremamente importante dentro desta comunidade. Meios como revistas, websites e vídeos ajudam os *skaters* a escreverem a sua própria história, criando e produzindo o seu imaginário e autossustentado a sua mitologia (Buckingham, 2009, p.136). Sem as filmagens ou vídeos, é como se a manobra não existisse, daí a elevada importância destes meios.

Para Snyder (2012) existe uma forte necessidade de documentar e disseminar as proezas dos *skaters* através de media subculturais (p.310). Isto é algo que ainda hoje, na era das redes sociais, é bastante visível na comunidade do *Skateboarding* pois são os magazines e os vídeos lançados por marcas credibilizadas que servem como *gatekeepers*. Bock (2019) dá como exemplo *SOLO skateboard magazine*, *Thrasher Magazine*, *Free Skateboard Magazine*, entre outras (p.139). Refere também que ao olharmos para os conteúdos destas mesmas revistas se torna óbvio qual os conteúdos mais frequentes, “... entrevistas com *skaters* conhecidos (maioritariamente homens), *reviews* de skate *spots*, peças sobre eventos, promoções de tours e vídeos, peças que incluem retrospectivas ou tendências atuais.” (Bock, 2019, p.139). A autora aponta para o facto de muitas destas revistas já existirem num formato de *e-zine*, onde este conteúdo textual se mistura com secções de vídeo, onde se promove o diálogo acerca dos conteúdos e a partilha dos mesmos (Bock, 2029, p.140).

Estes conteúdos baseiam-se na noção de movimento e de “estilo”. Este “estilo” de um *skater* não é analisado olhando somente para a vertente técnica, mas também para a fluidez e o à-vontade em cima da tábua. Existem *skaters* que executam manobras que só eles conseguem, mas atualmente, somente o virtuosismo não abona a seu favor. Valorizam-se mais os *skaters* que conseguem misturar a vertente técnica sem perder o “estilo”, a fluidez no movimento. Buckingham (2009) compara o skate à dança e refere que “... *Skateboarding* é sobre o espetáculo do movimento corporal; e apesar de isto ser parcialmente uma questão de capacidade física ou habilidade – de agilidade, força, *timing*, ou reflexos- também é sobre estética e “estilo”” (p.146).

A montagem e edição dos vídeos e das fotografias pode parecer à primeira vista muito semelhante, com a utilização de planos idênticos e estruturas pouco diferenciadas, mas a diferença está no “estilo” do *skater* ou de quem filma, isto é, são os elementos individuais dos indivíduos que produzem o conteúdo que o diferencia, subtil ou drasticamente, dos demais conteúdos. Buckingham (2009) salienta a importância do som de fundo, que mesmo com a presença de música, nunca perde a importância e também a utilização de lentes como a *fisheye* que aumenta o contraste entre as fotos e vídeos de skate e dos demais desportos (p.146). Devido à sua profundidade de campo, as manobras ficam mais “exageradas” e o *filmer* consegue captar melhor a envolvimento e o local onde a manobra irá ser executada.

1.5.4. O Skate Feminino

Analisando de um modo geral a comunidade de skate, esta é maioritariamente masculina, caucasiana e heterossexual. A maior parte das raparigas que se juntam a *skaters* são vistas como *groupies*, marginalizando-as, não as aceitando como *skaters*, mas como alguém que quer ser associado aos *skaters* reais (Beal & Weidman, 2003, p.345). Buckingham (2009) refere que as *skaters* existem, mas são maioritariamente marginalizadas ou excluídas (p.133). Desde a publicação destes trabalhos, houve uma ligeira mudança, com o surgimento de maior diversidade dentro da comunidade global, mas continua a ser um meio dominado pela masculinidade e maioritariamente dirigido a caucasianos. Willing et al. (2020) reiteram que no mundo ocidental, o skate é historicamente dominado pela masculinidade (p.832).

Como já foi explorado no ponto anterior, os *skaters* idealizam e falam da sua comunidade como sendo baseada na liberdade individual e na aceitação de tudo e todos, mas essa ideia e representação não é totalmente verdadeira. Os *skaters* posicionam-se como *anti-establishment*, mas não recusam, nem compreendem a sua posição de poder relativamente às minorias presentes no skate, nomeadamente as figuras femininas. Yochim (2010) evidencia isto mesmo, afirmando que existe uma contradição nesta autorrepresentação dos *skaters* e da sua comunidade dado que acontece algo simultaneamente progressista e regressista pois a vertente individualista pressupõe uma falta de interesse por questões de igualdade e das estruturas de poder, mas a sua idealização do skate, como local seguro para todos, de autoexpressão e cooperação mostra a insatisfação com os ideias tradicionais (p.82). Mas esta insatisfação não se estende até outros membros da comunidade como mulheres, homossexuais e/ou pessoas de cor (Yochim, 2010, pp.82-83), apesar da maioria dos *skaters* já ter tido os seus próprios problemas com as limitações impostas por instituições, com a polícia, por exemplo (Buckingham, 2009; Yochim, 2010; Corwin et al., 2019a). Isto não se traduz ainda em empatia para com as minorias presentes na comunidade. Yochim (2010) afirma mesmo que na busca pela liberdade presente na mente dos *skaters* estes excluem mulheres, homossexuais e minorias raciais, mesmo sem se consciencializarem (p.85).

Wheaton & Thorpe (2018) afirmam que a visibilidade do skate feminino é ainda bastante reduzida, as mulheres têm menos espaço na indústria e nos media de skate e as oportunidades continuam a ser bastante limitadas (p.328). Uma das participantes no estudo destas autoras refere que a indústria do skate está "... baseada num núcleo masculino com mentalidade de clube de rapazes" (p.332), onde ainda não se consegue compreender o potencial do papel das mulheres. Bock (2019) observa que nas revistas de skate, não vemos tanta representação feminina pois as imagens e vídeos ainda são vistos como alta-performance e de alto-risco, como no caso masculino (p.140) Apesar disto, Wheaton & Thorpe (2018) referem que desde que o skate entrou na lista restrita de possíveis novas modalidades olímpicas, no caminho para Tóquio 2020, a igualdade e as oportunidades para as *skaters* foram surgindo, mesmo que de uma maneira forçada. Como refere uma *skater* na investigação, o que estava a ser feito já vinha bastante atrasado pois já existiam as plataformas para projetar o skate feminino, as organizações simplesmente ignoravam as *skaters* (p.331).

Enquanto estas organizações e plataformas não divulgavam ou projetavam a vertente feminina do *Skateboarding* este esforço recaiu sob associações e grupos de *skaters* (Bäckström, 2013; Wheaton e Thorpe, 2018). Bäckström (2013) aborda o impacto que uma organização a nível nacional teve na promoção, divulgação e projeção do skate feminino sueco, criando apoios financeiros e logísticos para muitas jovens *skaters*. Wheaton e Thorpe (2018) apontam a importância da *Women's Alliance* na criação de espaços e diálogos. Ambos os projetos numa perspetiva de inclusão total, tendo indivíduos do género masculino inseridos nas atividades.

Podemos afirmar que as *skaters* sentem-se incluídas e ao mesmo tempo excluídas, como denotam Bäckström & Nairn (2018) através do conceito de espaço paradoxal de Rose (1993). Segundo as autoras, mulheres e raparigas sentem-se, por vezes, objetificadas e o centro das atenções, conscientes dos olhares e julgamentos dos indivíduos de sexo masculino. Ao mesmo tempo sentem-se à margem, não legitimadas para estarem nos espaços que *skaters* considerem dignos para se andar limitando-se consciente ou inconscientemente (Bäckström & Nairn, 2018). Esta exclusão forçada ou voluntária das *skaters* causa uma nova linha evolutiva no skate, pois consideram o skate feminino distinto do masculino, um local com menos competição, mais entreajuda e maior apreço pelas *skaters* - características que tendem a ser associadas ao género feminino e que segundo a autora preservam a hegemonia dos perfis de género (Bäckström, 2013, p.39).

1.5.5. Skate Feminino em Portugal

“O skate feminino em Portugal, vem crescendo cada vez mais, a evolução nas meninas é notável. Mas ainda precisamos de muito apoio da própria comunidade.” Foi a resposta de Laís Reis, uma das principais dinamizadoras do skate feminino em Portugal à questão *Como Caracteriza o skate feminino em Portugal?* Laís acredita que o desenvolvimento não se fez a par com o do skate masculino pois não houve incentivos para tal “Fica complicado continuar a skatar, sem apoios de loja ou marcas, sem apoio da própria família e claro, sem tem outras miúdas para ir skatar.” Para a *skater* e gestora de uma das maiores páginas nacionais de apoio ao skate feminino, a *HerWheels +351*, “... temos de parar de dar a mesma resposta, em que, as meninas são muitas poucas e por isso não tem apoios, se continuarmos com essa desculpa o skate feminino nunca vai evoluir.”

Dulce Pereira, do Radical Skate Clube, o principal organizador de campeonatos até ao surgimento da Liga Pro Skate, da Federação de Patinagem de Portugal (FPP) argumenta que o número insuficiente de raparigas foi a razão para a falta de uma categoria específica “Em termos de competição, sempre foi muito difícil conseguir organizar competições com meninas porque tinhamas duas, três, quatro e às vezes era difícil arranjar 3 meninas para ir ao pódio (...) Então nós acabamos sempre por integrar as meninas com os rapazes.”. Ao longo da entrevista Dulce referiu que, na sua opinião, o subdesenvolvimento do skate feminino era culpa das *skaters* e não de organizadores e da falta de patrocínios, dando a entender várias vezes que as raparigas não aguentam o *skate*. “É assim, para reclamares tens que dar, para exigires tens que dar e aqui, elas, reclamavam muitas vezes dos prémios e das oportunidades e não sei o quê... Não é bem assim, elas tiveram, só que queriam sempre muito mais do que aquilo que realmente valiam...”. Além do Radical Skate Clube, existiram ao longo dos anos mais organizadores de provas e campeonatos onde se existia a hipótese de abrir categoria feminina, infelizmente, apesar de várias tentativas de contacto, não foi possível recolher dados relativos a estes circuitos.

No fim do circuito 2021 da Liga Pro Skate, podemos contabilizar 45 atletas inscritas, maioritariamente *skaters* portuguesas, em 3 categorias. Importa salientar que a última etapa do campeonato foi um open europeu, o que significou um aumento no número de atletas inscritas, atletas essas, internacionais. Até à última etapa decorrida no campeonato 2022, segundo o site *Liveheats* relativo às competições da Liga Pro Skate, estão inscritas 23 atletas, divididas por 4 categorias, onde voltamos a ver novamente uma maioria de *skaters* nacionais. Podemos por isso concluir que, em termos desportivos, existem *skaters* interessadas na vertente competitiva da prática.

2. Projeto

2.1. Conceito Original

Este projeto foi pensado mesmo antes de o mestrando ter apresentado a proposta ao orientador, o professor Jorge Souto. Sendo praticante desde os 8 anos, o mestrando desde cedo sentiu a vontade de criar algo que acrescentasse valor a uma comunidade da qual faz parte. Através da unidade curricular lecionada pelo orientador, o mestrando ficou a conhecer o conceito e o formato *transmedia*, e a partir desse momento começou a idealizar um projeto que serviria como forma de juntar a vertente académica com a sua paixão pela prática de skate. O trabalho de projeto “*Push Her*” é mais uma tentativa de mostrar o potencial do formato *transmedia* não ficcional, aplicado à vertente documental, como já foi proposto no projeto “*Living the Vanlife*” de João Polónio (2017).

Como já foi referido durante a revisão de literatura, o *Skateboarding* tem uma relação muito íntima com o audiovisual e, por consequência, com as novas tecnologias. Por essa mesma razão, o mestrando entendeu que seria uma boa oportunidade para explorar as potencialidades do *transmedia* neste meio. Através das características multiplataformas deste género, este projeto pôde veicular a narrativa da melhor forma, por intermédio dos formatos que foram escolhidos para fazer parte da estrutura de divulgação de conteúdos – meios audiovisuais e multimédia, website, fotografia e vídeo; meios impressos, *stickers* e revistas.

Após o mestrando ter tomado a decisão de avançar com a proposta de um projeto *transmedia* focado na comunidade de skate nacional, faltava encontrar tema para o mesmo. Após análise dos conteúdos produzidos a nível nacional, observou-se que maior parte estão saturados de representação masculina e são maioritariamente direcionados para esta parte da comunidade. Notando esta realidade, o mestrando decidiu criar um projeto que se focasse somente nas *skaters* nacionais, pois, até à data de início deste projeto, existiam muito poucos projetos focados na representação e valorização deste setor da comunidade de skate. Além da pertinência social de um projeto que mostre as capacidades e realidades de uma minoria, a possibilidade de criar um projeto inédito a nível nacional foi também uma das razões que fez com que a escolha deste tema por parte do mestrando fosse célere e simples.

Tendo definido o tema geral deste projeto, o skate feminino nacional, era necessário compreender qual seria a abordagem ao mesmo. Por meio de uma análise aos conteúdos já existentes acerca de skate feminino, percebeu-se que só se divulgavam manobras, não existia um espaço onde pudéssemos encontrar as opiniões das praticantes. Assim sendo, tornou-se evidente que o mais pertinente seria entender a realidade, a vivência e as experiências destas *skaters* que existiam e maioritariamente se mostravam perante a comunidade, mas pareciam não estar completamente inseridas na mesma, que era maioritariamente masculina como já foi referido. Só ficava a faltar dar nome ao projeto e rapidamente se chegou ao nome “*Push Her*”, que dividido pode significar “empurra-a” ou “motiva-a”, e “*Pusher*” significa, na gíria do skate, a forma como se dá ao pé e nos impulsionamos, tendo em conta o pé de apoio (fig.1). A opção por este nome foi tomada de forma a criar uma ligação óbvia com o skate e ao mesmo tempo mostrar o objetivo do projeto, motivar a comunidade feminina a mostrar o seu valor e a sua realidade perante o resto dos *skaters*.



Figura 1 - Logotipo *Push Her*

Com todos os aspetos iniciais bem definidos, estabeleceu-se como objetivo do *Push Her* a realização de um projeto de *transmedia* documental que expusesse e ajudasse a compreender a realidade das *skaters* a nível nacional, através de testemunhos das praticantes. Tornando-se numa forma de recolher e dar a conhecer as experiências vividas por uma praticante de skate em Portugal e, ao mesmo tempo, mostrar o que é para elas o skate, o que significa para a sua vida e que impacto teve na mesma. Além disso, procura aproveitar as características associadas à cultura participativa para que o seu desenvolvimento seja orgânico e ao ritmo estabelecido pelas *skaters*, de forma a criar uma

ligação genuína com as mulheres e raparigas que pretenderam fazer parte do projeto, criando assim conteúdos reais e onde as interações são autênticas.

2.2. Preparação do Projeto

Durante a planificação do projeto, desde cedo se entendeu que seria um processo algo moroso e exigente. Tanto por razões logísticas, bem como por razões de cariz relacional dentro da comunidade que se pretendia documentar, dado que *skaters* se autointitulam membros de um grupo aberto e acolhedor, mas, como já foi referenciado ao longo da revisão da literatura, na realidade navegar por esta cultura marginal torna-se difícil, caso não se esteja completamente habituado às suas normas.

De certa forma, o mestrando tal como algumas das *skaters* era, como refere Souto (2019) relativamente à realidade de um estagiário numa redação, transparente. “São transparentes, no sentido de que estão lá, mas não são visíveis. É através da aprendizagem do trabalho e da construção de relações interpessoais que vão adquirindo, de forma interligada, visibilidade...” (Souto, 2019, p.75). Apesar do mestrando fazer parte desta comunidade e conhecer as regras e padrões de comportamento na mesma, durante a preconceção do projeto foi necessário encontrar alguém que ajudasse a credibilizar, numa fase inicial o projeto e ao mesmo tempo torná-lo visível. Durante a investigação acerca de skate feminino em Portugal foi encontrada a página de Instagram *HerWheels +351*, gerida pela *skater* Lais Reis, que se apresentava como a maior página de apoio à vertente feminina do skate nacional. Por essa mesma razão, ficou desde cedo definido que Lais Reis teria de ser uma das primeiras *skaters* a fazer parte do projeto, ajudando na projeção e na credibilização dentro da comunidade nacional.

Durante esta fase inicial do projeto, previa-se que o foco estaria nas duas maiores áreas metropolitanas do país, mas devido ao crescimento de um dos suportes (página de Instagram), surgiu a oportunidade de documentar as experiências de *skaters* que viviam mais deslocadas das realidades metropolitanas. Apesar de a maioria das *skaters* que fizeram parte deste projeto serem das zonas metropolitanas de Lisboa e Porto, foram recolhidos relatos de *skaters* do interior (Viseu e Castelo Branco) e do Algarve (Faro). O esforço logístico valeu a pena, pois desta forma foi possível promover realmente o skate

feminino a nível nacional, mostrando também as realidades de comunidades mais pequenas e deslocadas.

Sendo este um projeto *transmedia* foi necessário imaginar desde o início quais os meios que iriam veicular a narrativa que iria ser produzida. O facto da população alvo deste projeto já estar ambientada à utilização e consumo de meios visuais e digitais facilitou bastante a seleção e definição das plataformas e meios. Foram imaginados e, posteriormente concebidos, suportes e conteúdos tirando proveito da relação já explorada anteriormente entre skate, audiovisual e meios impressos. Os suportes criados foram: um website; um conjunto de *stickers*; uma página de Instagram; um zine; e um vídeo documental (explicados mais aprofundadamente no capítulo 3.4.3). Sendo a página de Instagram o *hub* deste projeto, onde convergiam os conteúdos e onde se criou e se trabalhou a relação com o público-alvo.

Com os suportes escolhidos, o próximo passo foi criar um guião de entrevista aberto, onde estavam presentes as questões que serviram de base para a produção de todos os conteúdos do projeto, distribuídos pelos vários suportes. Este guião teve de ser pensado de forma a agilizar a tarefa de captação da entrevista, dado que seria levada a cabo por uma só pessoa, o mestrando. Além da captação da entrevista, foi sempre necessário a captação de filmagens de manobras para a produção de parte dos conteúdos e foi nestes momentos que se procurou estabelecer *rapport* e de criar uma relação com as *skaters*.

2.3. Critérios Técnicos

A vertente documental deste projeto pode remeter o pensamento para a construção clássica de um documentário, baseado somente em entrevistas e na captação de imagens que ilustrem o que está a ser dito. Aplica-se como uma meia-verdade neste caso, pois foi sem dúvida necessário captar tudo o que foi referido, mas além disso, dada a especificidade dos conteúdos existiram outras necessidades relativamente ao material técnico.

Uma dessas necessidades teve que ver com a captação das manobras e como foi referido no capítulo 2.5.3, filmagens com uma lente grande angular, chamada na gíria de *fisheye*, são as preferidas por parte dos *skaters* e de certa forma aumentam a credibilização dos

mesmos pois mostram compreender a importância que esta lente teve e tem nas produções audiovisuais de skate. Por esta razão, a inclusão de imagens captadas por esta lente mostrou-se imprescindível para a realização deste projeto. A lente escolhida para o efeito foi a Samyang 8mm f/3.5 (Canon).

Relativamente à câmara utilizada, a opção foi uma *Digital Single Lens Reflex* ou DSLR, mais especificamente uma Canon EOS 250D, dada a sua versatilidade, pois com uma só câmara o mestrando pôde fotografar e gravar os conteúdos. No que toca à captação de som, foram utilizados dois microfones, para os dois momentos de captação de imagens. Durante a captação de manobras foi utilizado um Rode Videomic Go equipado com *deadcat* e, para os momentos de entrevista foi utilizado um microfone de lapela, BOYA BY-M1. A lente escolhida para as entrevistas e para a captação de fotografias foi uma Canon EFS 18-55 mm. Uma lente que, nos momentos de captação de vídeo, ajudou a dar um aspeto mais profissional às entrevistas, mesmo não tendo algumas qualidades cinematográficas.

Tentou-se não homogeneizar as entrevistas, optando por locais distintos para cada uma. O mesmo se aplica à disposição das entrevistadas nas mesmas. Esta foi uma das formas que se encontrou para tornar as entrevistas visivelmente distintas, dado que durante todas as filmagens só se dispôs de uma câmara, e obrigatoriamente, um único plano. Grande parte das entrevistas foi realizada no mesmo local onde a *skater* tinha sido gravada a fazer as suas manobras, *skateparks* ou *street spots*, criando uma visualidade e um contexto urbano, diretamente relacionado com skate.

A linha visual que se pretendeu para este projeto foi a de um qualquer vídeo de skate, com o grande objetivo de tornar os conteúdos o mais *skater friendly* possíveis e ao mesmo tempo representar as *skaters* como se representam quaisquer outros *skaters*, com o intuito subliminar de mostrar que as participantes são tão *skaters* como qualquer outro praticante.

2.4. Bíblia *Transmedia*

Um elemento fundamental para o desenvolvimento de qualquer projeto *transmedia* é a criação de uma *bíblia transmedia*, isto é, um documento onde o projeto é detalhadamente elucidado. Apesar desta ser uma obra com vertente documental, a delineação de alguns

pontos presentes numa bíblia *transmedia* ajudam a visualizar o que se pretende atingir e sustentar o que vamos desenvolver, numa base sólida e bem explicada. Dado que o conceito de bíblia está estreitamente ligado e mais adaptado à vertente ficcional, como é explicado na obra “*The producer's guide to transmedia: How to develop, fund, produce and distribute compelling stories across multiple platforms*” de Nuno Bernardo (2011) e como foi materializado na tese de mestrado de André Tenente (2017). Apesar disso importa evidenciar a importância das definições de *storyworld*, audiência e das janelas e suportes, pois a idealização e definição prévia destes pontos serviu como ponto de referência ao longo da fase de desenvolvimento do projeto. Durante este capítulo, os vários suportes do projeto serão explicados em maior detalhe, desde a definição do público-alvo até à delimitação do “mundo” em que a narrativa se desenvolve.

No início do planeamento deste projeto, o *Push Her*, estaria baseado em quatro suportes (Website, Instagram, Zine e Documentário) e numa janela de entrada (*stickers*). Mas de uma forma orgânica, devido à participação da comunidade criada, um dos suportes (Instagram) tornou-se de forma evidenciada numa janela de entrada para esta narrativa. Considera-se a página de Instagram como janela e suporte pela seguinte razão, muitas pessoas chegaram até ao projeto a partir do Instagram, devido a partilhas de *skaters* envolvidas ou outros indivíduos. Mais à frente serão analisados em detalhe cada um dos suportes e janelas.

Todos os conteúdos gerados são sobre o mesmo tema, o skate feminino nacional e as vivências das praticantes, mas cada suporte dá à audiência uma visão segmentada do que se pretende documentar na totalidade, adaptando cada um dos conteúdos ao suporte “... com cada ponto providenciando, ao mesmo tempo, a sua perspetiva única para a história geral.” (Bernardo, 2011, p.3).

A relação entre a cultura de skate e as diferentes formas de media é abordada por Yochim, quando a autora afirma “... uma cultura correspondente, (...) uma cultura que é ao mesmo tempo uma conversa constante (ou correspondência) com uma vasta variedade de formas de media (mainstream, nicho e local) e encontra várias afinidades (ou corresponde) com as ideologias destas formas de media” (Yochim, 2010, p.4). A ideia exposta pela autora valida as escolhas dos suportes acima referidos. A relação que a comunidade e a cultura de skate já têm com muitos dos formatos viabilizou o desenvolvimento deste projeto. Formatos mainstream como o Instagram e o Website, formatos de nicho como o zine e até formatos extremamente focados no skate, como os

stickers nos skateparks fazem parte da realidade do skate, tornando a introdução na comunidade algo mais suave.

2.4.1. *Storyworld*

Apesar da vertente documental presente no *Push Her*, o *storyworld*, que está maioritariamente relacionado com o projetos não-ficcionais não deixa de ser relevante, isto porque as *skaters* e os locais onde aparecem ao longo do projeto são de certa forma as personagens e os espaços, criando um “mundo” onde a narrativa prossegue. Pois, segundo Nuno Bernardo “...se a audiência consegue ver as personagens, mesmo que seja só um *post* ou uma foto ou um pequeno vídeo que a personagem publica diária ou semanalmente, a audiência familiariza-se com a personagem” (2011, p.67) gerando-se desta forma uma maior afinidade com as personagens, neste caso as *skaters* envolvidas no projeto, tornando de certo modo a narrativa mais humana.

Apresentam-se como *storyworld* deste projeto os *skateparks*, os *street spots* e outros locais que representem a realidade marginal urbana, intrinsecamente ligada ao mundo do skate. As personagens que habitam nestes espaços são as *skaters*, que partilham com o público as suas experiências, as suas opiniões e demonstram ao mesmo tempo as suas capacidades em cima do skate. Optou-se por não retirar as *skaters* do seu meio de forma a se sentirem mais confortáveis e como forma de afirmar a sua inclusão dentro da comunidade.

2.4.2. Audiência

A comunidade nacional de skate é a audiência deste projeto. Quando referimos comunidade falamos de *skaters*, organizações, instituições, filmógrafos, fotógrafos, *skateshops*, marcas de skate e media. O projeto *Push Her* não pretendeu comunicar somente com quem anda de skate, mas com todos os que estão envolvidos de certa forma com o skate nacional. O *Push Her* foi projetado com o intuito de começar um diálogo importante dentro da comunidade nacional de skate através da narrativa construída, de

forma a legitimizar as *skaters*, representando-as como qualquer outro membro da comunidade.

O público-alvo não é meramente um espectador passivo, procurando-se a interação e a participação do mesmo. Durante a comunicação com o público-alvo foi amplamente utilizada a gíria de skate, de forma a credibilizar os suportes e de agilizar a própria interação com a audiência. Esta interação existe através da página de Instagram ou através do website, onde se encorajou a audiência a partilhar a sua história ou as suas experiências.

2.4.3. Janelas e Suportes

Seguindo a máxima de Henry Jenkins “Na forma ideal de *transmedia storytelling*, cada meio faz o que faz melhor.” (2003), foram escolhidos para este projeto os meios que melhor podiam conduzir esta narrativa acerca do skate feminino nacional. Tanto na vertente física como na vertente online, as plataformas foram selecionadas de forma a captar o máximo de audiência possível, dando oportunidade à mesma de contribuir diretamente para o projeto ou não.

A audiência foi exposta ao *Push Her* através de *stickers* ou através da página de Instagram. Estas foram as duas janelas de entrada para o projeto.

O dia-a-dia de qualquer *skater* passa pela ida até a um *skatepark* ou até um *spot*, daí uma das janelas de entrada para o projeto ter sido desenvolvida para estar em vários destes locais. Os *stickers* foram espalhados por diversos locais de Lisboa e Porto. Duas das três variantes destes autocolantes têm embutido um *QR code* que leva a audiência até ao website do *Push Her*, o outro design tem o nome da página de Instagram do projeto (fig.2).



Figura 2 - Design stickers

Relativamente ao Instagram, este foi projetado somente como um suporte do projeto, um local onde se veiculava a narrativa, mas como já foi referido, graças ao crescimento da página tornou-se simultaneamente uma das janelas de entrada, possivelmente a maior forma de captação de audiência e de *skaters* que pretendiam contribuir ou participar diretamente no projeto. A propagação dos conteúdos foi muito mais simples e agilizada graças ao formato desta rede social, dando a conhecer o projeto a um público ainda maior através de partilhas em *stories*.

No que se refere aos suportes, desenvolveram-se quatro – três em formato digital e um em formato físico.

O website do *Push Her* desponta como primeiro suporte a ser lançado com o principal objetivo de captar de testemunhos e ao mesmo tempo informar a audiência acerca do projeto (fig.3). As funcionalidades presentes no website facilitam a recolha de testemunhos e, ao mesmo tempo, a estruturação do mesmo facilita a maior densidade de informação necessária para explicar os propósitos deste projeto. Por estas razões, a escolha do website para cumprir estes objetivos mostrou-se a opção mais viável.

Surge de seguida a página de Instagram, onde são partilhados conteúdos adaptados à mesma e ao que a audiência está habituada a consumir (fig.4). Através de breves vídeos das *skaters (edits)* e de *posts* com citações retiradas de conversas e da entrevista, são apresentadas à audiência as *skaters* que fazem parte do projeto. Este suporte tenciona mostrar maioritariamente as individualidades das *skaters*, tal como a sua destreza em cima do skate.

O terceiro suporte é o magazine, inteiramente baseado na resposta à questão “O que significa para ti ser uma *skater*?” (fig.5). O *zine* aparece neste projeto devido à necessidade de existir algo palpável, algo que pudesse ser tocado e manuseado pela audiência. Além disso, os *zines* são um meio que é inerente à comunidade de skate, como foi explorado no subcapítulo acerca da cultura visual e a sua relação com o skate. Esta publicação foi a primeira em Portugal totalmente dedicada ao skate feminino, e tal como o projeto quis capacitar e credibilizar as participantes bem como ser disruptora no meio das revistas de skate nacional. Para tal optou-se por um design mais imaginativo, através de técnicas de colagem misturadas com designs mais comuns noutras publicações nacionais.

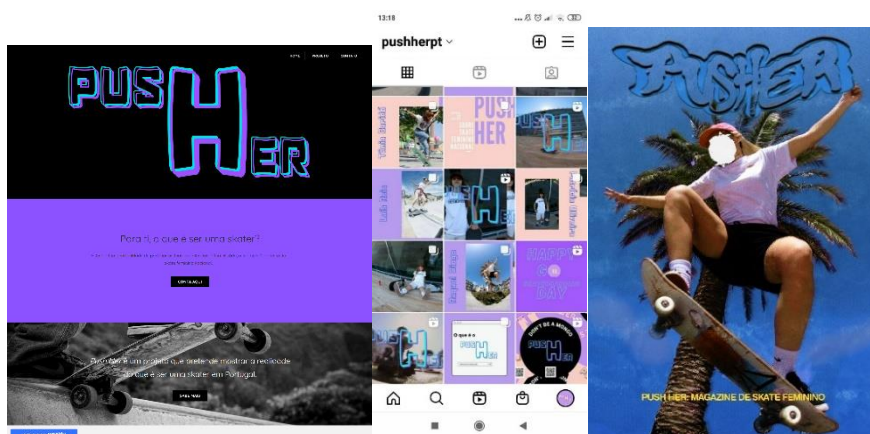


Figura 3 - Homepage Website; Figura 4 - Feed Instagram; Figura 5 - Capa do Zine

Por último, surge a realização do documentário, o último suporte. O documentário apresenta-se como uma mistura da essência do skate com os relatos das *skaters*, isto é, o foco está tanto nas suas experiências e histórias como nas suas capacidades, habilidades e criatividade no skate. Este último formato pretende dar a conhecer de uma forma mais generalizada o que é ser uma *skater* em Portugal, através do desenvolvimento de um guião que identifique os ângulos ou pontos de vista mais comuns no que toca às experiências das *skaters*, procurando construir assim uma narrativa coerente e que espelhe o que as *skaters* comunicaram. O conceito geral do documentário serve para mostrar o que as *skaters* de Portugal sentem ao praticar, ao fazer parte da comunidade e dar a conhecer as suas opiniões acerca do futuro do skate feminino em Portugal. O documentário é uma mistura entre *Reflexive Mode*, *Participative Mode* e *Performative Mode*. Esta escolha deve-se à conjuntura de todo o projeto, dado que o objetivo é mostrar a realidade das *skaters* e dar que pensar aos restantes membros da comunidade, relativamente à sua relação com as mesmas. Relativamente ao acréscimo do *Participative Mode*, devido à

abordagem de relacionamento e captação de imagens, seria impossível não associar este tipo de modo documental, dado que se criaram relações e houve influência de forma bastante marcada em alguns momentos. Por fim, parte do documentário é performativo pois um dos objetivos é criar uma sensação de união entre audiência e atores, tornando a sua representação perceptível, falando para a sensibilidade e afetividade da audiência.



Figura 6 - Fotograma do Documentário

2.5. Lançamento e Desenvolvimento do Projeto

No dia oito de junho de 2021 foram publicados no Instagram três conteúdos que apresentavam o projeto. O primeiro, uma fotografia dos *stickers* em dois skateparks de Lisboa. O segundo, um breve vídeo com o logo do projeto a ser sobreposto pelas três variantes dos *stickers*, enquanto se ouve um skate a raspar e festejos por uma manobra ter sido acertada. O terceiro *post*, um carrossel com descrições breves acerca do propósito e formato do projeto, remetendo numa primeira fase a audiência para o website, que foi lançado no mesmo dia. Foi desta forma que se deu a conhecer ao mundo o projeto *Push Her*.

Importa salientar que desde cedo ter ficado definido que todos os conteúdos a serem produzidos no âmbito deste projeto e, posteriormente, distribuídos pelos diversos suportes, seriam originais - isto é, os conteúdos apresentados eram captados e editados pelo mestrando. Só por uma vez foi necessário fazer *reshare* de conteúdos devido ao facto de Tânia Baridó estar a residir no estrangeiro. Esta foi também uma forma de destacar a página de Instagram do *Push Her* entre outras presentes nas redes sociais, que simplesmente faziam *reshare* de conteúdos de terceiros.

Após esta apresentação do projeto, iniciou-se a fase de apresentação das *skaters*. A primeira *skater* a participar no projeto foi Raquel Diogo e, nesta fase, já estavam idealizados os formatos de conteúdos (*edits* e *posts* com fotografias e citações). No entanto, a forma como se apresentaram os conteúdos não foi a que seria levada a cabo daí em diante. Primeiro foi partilhado o vídeo de Raquel a andar de skate na Praça dos Leões, no Porto e somente uma semana mais tarde foi publicado o *post* com extratos de uma conversa informal que aconteceu enquanto se filmaram as manobras. No caso das restantes *skaters*, trocou-se a ordem. Primeiro, surgiram os *posts* de apresentação e passado poucos dias apresentavam-se os vídeos.

Dada a grande distância temporal entre publicações, foi produzido um conteúdo para celebrar o Dia Mundial do Skate, de forma não deixar que a página estivesse demasiado tempo sem atividade online. Esta abordagem foi repetida ao longo de todo o desenrolar do projeto, de forma a manter a página ativa: em situações onde houve uma grande diferença temporal entre publicações, foram produzidos conteúdos que não estavam diretamente ligados com a narrativa documental do projeto, tais como incentivos à participação da audiência, montagens de manobras, ou novas filmagens de *skaters* que já tinham aparecido na página, de forma a manter a página ativa.

Quando se apresentou a segunda *skater*, Patrícia Oliveira, foi criada a estratégia que vigorou durante todo o projeto. Apresentou-se primeiro a *skater*, através do *post* com fotos e com algumas citações retiradas da conversa (*post* de apresentação) e dois dias depois lançou-se o vídeo com as manobras. Decidiu-se operar desta forma para que as publicações ficassem mais espaçadas, tentando não saturar a audiência de conteúdos e de forma a proteger a página, dado que a produção dos conteúdos se mostrou morosa pois houve momentos em que se passaram vários dias ou até semanas entre filmagens com as *skaters*.

Houve uma breve exceção no caso da *skater* Laís Reis (já referida anteriormente como uma das peças importantes para a validação e credibilização do projeto no panorama nacional de skate), através da qual foram produzidos três conteúdos. Fora essa situação, a estratégia de publicação não se alterou ao longo do projeto mantendo-se os dois *posts* por *skater*, um *post* de apresentação e outro em formato vídeo.

Em relação às informações colocadas nos *posts* de apresentação, até ao momento do *post* da *skater* Inês Didier, eram colocados elementos triviais como “Anos de skate”,

“Inspiração”, “Truque Favorito” e “Spot Favorito”. No entanto, após ponderação concluiu-se que tais dados não acrescentariam muito à narrativa, pois o foco estava nos depoimentos sobre as suas experiências e opiniões.

Em julho de 2021, Tânia Baridó deixa o primeiro depoimento no website, tornando-se a primeira *skater* captada através deste suporte a ser apresentada ao público. Além de Tânia, somente mais uma *skater*, Marina Costa, entrou no projeto através do testemunho deixado no website, meio ano depois. Mais tarde, foram recebidos mais dois testemunhos através deste suporte, mas o mestrando já tinha definido que não iria marcar mais entrevistas nem sessões de filmagem e skate para o projeto.

Chegada a altura de entrega do projeto, em outubro de 2021, o mestrando decidiu prosseguir mais um ano com a produção do mesmo, dado que o material recolhido até à data não se mostrou suficiente para a produção do que foi proposto. Outra das razões para o prolongamento do projeto esteve relacionada com o facto de que, somente por volta dessa altura, o projeto ganhou tração real. Nesta fase, começaram a surgir mais *skaters* interessadas em participar, em diferentes locais do país, expandindo desta forma o conceito original do projeto de duas cidades para um panorama nacional, algo que interessou o mestrando. Este aumento de participação das *skaters* resultou numa amplificação da audiência, fator que também se mostrou decisivo para a tomada de decisão.

Desde a fase de conceção do projeto, o mestrando pensou em possibilidades de colaborar, fazendo com que a vertente participativa fosse aproveitada no *Push Her* e, em dezembro de 2021, surgiu a oportunidade de colaborar com a designer Filipa Mendes, aluna da licenciatura em Audiovisual e Multimédia da ESCS, para a produção do zine. Filipa tinha-se tornado numa seguidora do projeto e através de um convite da parte do mestrando, aceitou fazer parte do mesmo, através da criação de designs para o zine que viria a ser produzido mais tarde. Ao longo dos oito meses seguintes, foram imaginados e produzidos os designs finais para o zine do projeto.

Apesar do crescimento verificado ter sido constante e orgânico, só após a passagem para o ano de 2022 é que os conteúdos começaram a ter maior visibilidade e *engagement*, maioritariamente através de partilhas em *stories*. Pode atribuir-se esta situação ao facto de que, a partir de janeiro de 2022, se ter tornado possível começar a criar conteúdos no formato *reels*, um formato mais fácil de visualizar e de se propagar pelo Instagram. Esta

capacidade de produzir conteúdos num novo formato mais simples de partilhar, abriu novas possibilidades para o projeto e a estratégia de publicação previamente definida sofre nesta fase um pequeno ajuste – até à data, criavam-se *edits* em formato normal de vídeo; a partir do surgimento dos *reels*, os *edits* idealizados passaram a ser produzidos neste formato. Esta decisão foi tomada uma vez que, além das facilidades que este novo formato apresentou já referidas acima, soma-se ainda o fator de relevância e novidade na plataforma, e também a possibilidade de se acrescentar música sem ser necessário direitos de autor (sendo a música um elemento imprescindível na produção de vídeos de skate). Podemos comprovar estes factos através de dados retirados do Instagram que mostram que os três conteúdos, à data de 26 de setembro de 2022, com maior projeção e *engagement* surgiram no formato *reels* – vídeo *Go Skateboarding Day 2022* (5,960 visualizações, 155 likes e 15 comentários); vídeo *Dia da Mulher* (5,746 visualizações, 206 likes e 8 comentários); e vídeo de Aurora Santos e Margarida Ribeiro no Parque (4903 visualizações, 138 likes e 4 comentários).

Desde junho de 2021 até junho de 2022, altura em que foram apresentadas as últimas *skaters* que fariam parte do projeto, foram filmadas 28 *skaters*, das quais 27 integram o zine; 27 surgem no documentário, das quais 24 com depoimentos e manobras, 3 apenas com manobras. No caso específico de Marina Costa, não foi incluída dada a falta de cedência de imagem para tal efeito. Em nenhuma fase se estipulou um número mínimo ou máximo de participantes no projeto, mas ao atingir-se um ano desde o início do mesmo, o mestrando tomou a decisão de terminar as entrevistas, focando-se na fase final do projeto. Neste momento, compreendeu-se que os testemunhos recolhidos até à data seriam suficientes para a produção do documentário. Houve a necessidade de se remarcar entrevistas devido a problemas técnicos e em setembro de 2022 foi gravada a última entrevista e recolhido o último testemunho que viriam a ser utilizados no documentário.

No primeiro aniversário do projeto, foi anunciado que brevemente seria lançado um zine do mesmo, através do *reels* comemorativo de um ano de *Push Her*. O zine ficou concluído no mês de agosto 2022 e foi impresso no mês seguinte e, nessa mesma altura, foram apresentados dois designs do zine através de um *reels* no Instagram. Iniciou-se desta forma a fase final do projeto - a preparação para o lançamento conjunto do zine e do documentário.

Dado tratar-se de um momento importante e uma vez que o projeto havia gerado um público consistente e participativo ao longo de todo o seu desenvolvimento, foi

organizado um evento no dia 18 de setembro de 2022 no Safra, Lisboa. Este evento foi uma colaboração entre o mestrando e a Betesga SkateZine, um projeto de apoio ao skate não normativo e feminino criado pelas *skaters* Joana Melo, Maria Roque e Margarida Ribeiro. Esta colaboração com a Betesga foi extremamente pertinente, uma vez que as três *skaters* fundadoras da mesma apenas se conheceram através do projeto *Push Her*, no qual todas participaram. Desta forma, o *Push Her* atinge aqui o seu objetivo derradeiro – incentivar a colaboração entre *skaters* femininas, levando-as a criar e construir o seu próprio espaço, tomando as rédeas para preencher a lacuna no skate feminino nacional.

O documentário *Push Her* foi primeiramente anunciado no início de setembro, num *post* que comunicava ao mesmo tempo outros acontecimentos no evento. Na semana que antecedeu a estreia foi lançado um teaser em formato reels onde se ouvem duas das *skaters* que fizeram parte do projeto repetirem a pergunta “O que é para ti ser uma *skater*?” e “O que significa o skate para ti?” enquanto surgem imagens de outras *skaters* a andar, cair e fazer manobras. Este evento foi o culminar do projeto, onde foram apresentados ao público os dois últimos suportes.

2.5.1. Relação com participantes e comunidade

A análise feita ao skate feminino nacional durante este projeto mostrou que existem muitas *skaters* mas que nem todas se sentem seguras ou confortáveis para se expor nos skateparks ou nas ruas. O mesmo se verificou na sua presença nas redes sociais, uma vez que, embora praticassem skate, não expunham conteúdos nessa área. Na fase inicial do projeto, foram recolhidas possíveis participantes e/ou pessoas de interesse da lista de *followers* e *following* da página *Herwheels +351* (na altura a única página de apoio ao skate feminino em Portugal) para o *Push Her*. O objetivo principal foi conseguir que estas *skaters* retribuíssem o *follow* de forma a ficarem a conhecer o projeto e possivelmente participar no mesmo. No que diz respeito à participação no projeto, na fase inicial, grande parte das participantes foram convidadas diretamente, através do Instagram do *Push Her*. Quando o projeto começou a ter maior visibilidade, começaram a surgir pedidos de *skaters* que queriam participar e ainda mensagens de praticantes a indicarem *skaters* que gostariam de ver no projeto.

Como já foi referido no ponto anterior, à medida que eram introduzidas novas *skaters* na página de Instagram, a partir de *taggs* e de partilhas em *stories*, o público foi crescendo gradualmente. As *skaters* partilhavam o *post* com os seus seguidores e isso resultou num aumento do número de seguidores do *Push Her*. Foi desta forma que se deu o crescimento gradual da audiência e, ao mesmo tempo, das possíveis participantes no projeto, pois muitas *skaters* chegaram até à página através de partilhas de outras *skaters* que tinham sido destacadas no *Push Her*. No caso de Sabrina Ticianelli e Camila Lopes, foram os seus seguidores que entraram em contacto com a página do projeto para dar a conhecer as capacidades das *skaters*.

Por se procurar que o projeto se desenvolvesse num formato próximo ao de uma cultura participativa, a planificação de contactos foi mais pensada numa fase inicial, como no caso de Laís Reis e outras *skaters* mais influentes dentro da comunidade. A criação e consolidação do *Push Her* foi um processo lento e custoso, mas a introdução de algumas *skaters* como Marta Nery ou Rafaela Costa (*skaters* com uma maior projeção dentro da comunidade) facilitou e impulsionou o desenrolar do projeto. Relativamente ao restante desenvolvimento do mesmo, procurou-se que o primeiro contacto fosse feito pelas próprias *skaters* ou por outros membros da comunidade que se estava a criar. Através desta abordagem, o envolvimento das *skaters* no *Push Her* seria por vontade própria, a seu tempo, sem intrusões, visto que, tal como já foi referido, parte da população de *skaters* femininas não se mostra confortável em exhibir-se pois como Yochim (2010) refere “... é claramente o mundo *deles*, uma cultura em que os homens se mantêm no centro e em que os homens possuem grande parte do poder do dia-a-dia” (p.5). Além disto, o facto de o mestrando ser de sexo masculino poderia ser um entrave para a discussão dos temas propostos para o projeto, daí ter sido necessário mostrar uma maior sensibilidade nas abordagens às praticantes.

3. Conclusão

O desenvolvimento de um projeto de *transmedia* não ficcional desta magnitude e complexidade teve os seus desafios. Este capítulo servirá como reflexão para o mestrando bem como para outros que queiram explorar este formato. O projeto será analisado através de conceitos explorados durante o capítulo 2., com acréscimo de todas as dificuldades e percalços que existiram ao longo da realização do mesmo.

3.1. Vertente Participativa

O conceito de *transmedia* está ligado à ideia de cultura participativa, pois um projeto desta natureza só cresce e realiza o seu propósito através da interação próxima com a sua audiência. Posto isto, houve uma enorme necessidade de o projeto desenvolvido ter uma vertente participativa. Como já foi referido, Jenkins (2006b) define a cultura participativa em cinco pontos, dos quais neste projeto encontramos três - barreiras baixas impostas em termos de expressão artística e envolvimento cívico; onde os membros acreditam que a sua experiência vale algo e contribui de alguma forma; e, a perceção coletiva entre membros de que existe um certo nível de conexão social entre si. A vertente participativa, segundo o conceito de Jenkins, não foi explorada na totalidade, mas esta abordagem mais limitada, focada nos três pontos acima apresentados, ajudou no desenvolvimento do projeto. As partilhas dos conteúdos criados e o apoio generalizado dado às *skaters* que fizeram parte do projeto é sinal da aceitação e do envolvimento da comunidade neste projeto.

Neste projeto, a audiência não se tornou em *producer* ou *co-creator*, como define Burns (2007). Se o *Push Her* tivesse sido desenvolvido com este conceito mais presente, poderia ser considerado um projeto no qual a cultura participativa estava totalmente aplicada. No entanto, para que o desenvolvimento do projeto se desse num formato mais controlado, possível de gerir por só uma pessoa, a criação e curadoria dos conteúdos passou somente pelo mestrando. De qualquer forma, no caso da comunidade de skate nacional, existe a possibilidade de criar um projeto de cultura participativa ambicioso, dado que a comunidade de skate é um excelente exemplo de um tipo de cultura participativa - a

produção de conteúdos é feita por qualquer membro, os membros mais experientes ensinam e acompanham os mais novos, servindo ao mesmo tempo de *gatekeepers* que decidem quem deve ser profissional e quem não tem essa capacidade. É uma comunidade que se autorregula e autopromove.

Através desta adaptação de cultura participativa foi possível dinamizar a produção e o consumo de conteúdos numa comunidade empoderada pelas novas tecnologias. Os *skaters* aproveitam as novas tecnologias para criarem e distribuírem os seus conteúdos, realidade que, segundo Van Dijck (2009) resulta numa cultura participativa.

Em suma, para o desenvolvimento do projeto foram utilizadas algumas das características de uma cultura participativa. Assim sendo, não podemos chamar ao projeto aqui apresentado um exemplo de cultura participativa, como definem Jenkins (2006b) e Van Dijck (2009). Apesar disto, após a realização do projeto observou-se a possibilidade e disponibilidade para se desenvolver um projeto na comunidade de skate nacional, com a vertente participativa mais presente, dada a sua predisposição natural para tal, visto que já se praticam muitos dos pontos apontados por Jenkins (2006b) na mesma.

3.2. Desenvolvimento de *Transmedia* Documental

Segundo a definição de *transmedia* apresentada em 2003 por Jenkins, o *Push Her* pode ser chamado de projeto *transmedia*, uma vez que procurou fazer-se com que cada meio trouxesse o que melhor é capaz de oferecer e ao mesmo tempo criar conteúdos que fossem possíveis e adequados para consumo sem a necessidade de conhecer o projeto na totalidade. Desta forma, pode concluir-se que o conceito base de *transmedia* foi atingido.

No entanto, tal como apontado anteriormente no ponto 2.3.1, Jenkins aprofundou e completou a sua definição de *transmedia* em 2007, desenvolvendo-a em 10 pontos. Recordo que no capítulo 2.3.1., após enumeração dos pontos, ficou definido que o foco seria dado aos pontos 3); 4); 6) e 8). Os pontos 6) e 8), por sua vez, apresentaram-se como os mais importantes, pois foi extremamente necessário criar uma narrativa que não confundisse a audiência e que acrescentasse algo à medida que ia sendo apresentada, dada a importância e necessidade de se abordar o tema do skate feminino nacional. Além disto, como refere o ponto 8), os participantes aglomeram informação, questionando-se e

trabalhando entre si de forma a resolver problemas, sendo este um dos grandes objetivos deste projeto – dar foco e voz às *skaters* nacionais, criando uma abertura para o diálogo e para o desenvolvimento da prática em Portugal.

Neste projeto, encontra-se também uma tentativa de produzir algo que fosse ao encontro da característica apontadas ao *transmedia* por Ibrus & Ojamaa (2014) sendo esta a capacidade de contribuir para o avanço das sociedades contemporâneas. Tal como os autores referenciam, as práticas de *transmedia* dinamizam e providenciam inovação à cultura gerando ao mesmo tempo pluralismo e heterogeneidade cultural. Isto foi visível na comunidade do skate nacional, dado que desde a origem do projeto surgiram novos movimentos que nasceram de contactos gerados pelo *Push Her*, que se refletiram em páginas, eventos e encontros.

As possibilidades e o potencial de uma narrativa *transmedia* ficcional estão bem documentados como no caso das obras *O Diário de Sofia* (2003) ou do universo *Matrix*. A planificação, desenvolvimento e lançamento de conteúdos ficcionais apresenta maior agilidade, pois maior parte da matéria de trabalho é criada e imaginada propositadamente, com uma pré-produção muito delineada e trabalhada, onde se colmatam as margens de erro. No caso de um projeto *transmedia* não ficcional, as dificuldades aumentam, desde logo pela imprevisibilidade que é inerente ao formato documental, neste caso, e ainda pela vertente menos comercial em que se desenvolvem – o que significa menor apoio financeiro e maiores riscos durante a produção.

O’Flynn (2012), Ryan (2016), Gambarato & Tárzia (2017) abordam as potencialidades do *transmedia* nas vertentes documentais e jornalísticas, mas a falta de financiamento como Karlsen (2016), Macleod (2020) e Bernardo (2020) referem é um dos maiores obstáculos para o desenvolvimento de projetos não ficcionais. Além da vertente financeira, também os moldes do formato de produção documental independente se apresentam deficitários quanto à adaptação para o formato *transmedia* (Karlsen, 2016). Estas dificuldades apresentadas pelos autores foram sentidas durante a elaboração deste projeto que, como já foi previamente referido, se desenvolveu de forma morosa e dispendiosa. No caso do *Push Her*, a mudança de uma visão metropolitana para um panorama nacional, devido ao crescimento orgânico do projeto, veio aumentar ainda mais a complexidade logística do projeto.

O planeamento temporal apresentado no início do projeto cedo se mostrou inaplicável, pelas razões já explicadas no capítulo 3.5.1. relativamente ao aceitação e credibilização do mestrando dentro da comunidade de skate feminina. Só de uma forma lenta, cuidada e não invasiva foi possível ao mestrando inserir-se, ganhar a confiança e amizade das *skaters* e posteriormente criar os conteúdos necessários para o desenvolvimento deste projeto. Os constrangimentos temporais foram por sua vez, os mais visíveis na produção deste projeto. O processo de credibilização levou a que o projeto se estendesse e, ao mesmo tempo, fez com que um dos suportes se tornasse demasiado importante, sendo este a página de Instagram. Idealmente, no caso de o mestrando ou o projeto já serem entidades estabelecidas e reconhecidas dentro do skate nacional, não existiria a necessidade de estender as publicações no Instagram durante o espaço de tempo verificado, podendo ser lançado o zine e o doc em fases mais prévias do projeto. Mas devido à necessidade de credibilizar o projeto, a forma mais simples e eficaz foi através das redes sociais.

Este alargamento temporal veio auxiliar o projeto, mas tal pode não ser transversal a outras tentativas de projetos *transmedia* não ficcionais. A familiaridade da comunidade explorada neste projeto com as novas tecnologias bem como a utilização das mesmas para produzir e veicular os conteúdos podem ter sido os fatores que levaram à manutenção da audiência durante tão longo espaço de tempo.

Relativamente à vertente documental do projeto, revelou-se um grande desafio desenvolver uma narrativa que evidenciasse e explorasse a problemática escolhida de forma digna e não condescendente. No entanto, em termos técnicos e teóricos, atingiu-se o objetivo. O produto final apresenta-se num formato documental, no qual as redes sociais servem como meio introdutório das personagens, o zine como um aprofundamento das opiniões de cada uma das *skaters* e o documentário como ponto de encontro de ideias e de onde se retiram conclusões mais amplas do skate feminino nacional. Todo o projeto, mas mais evidentemente, o documentário, foram produzidos segundo uma mistura entre *Reflexive Mode*, *Participative Mode* e *Performative Mode* (tal como referido no ponto 3.4.3.) pois estes foram os formatos que se mostraram mais potencializadores para a construção do documentário.

Em termos técnicos e estéticos, existe muita margem de melhoramento nos conteúdos produzidos. Este facto pode detetar-se de forma mais clara nos *posts* de apresentação das *skaters*, que têm um design demasiado simples e pouco aprimorado. Algumas escolhas

em termos de captação de imagem não foram as mais bem-sucedidas, mas nunca comprometeram a possibilidade de realizar o projeto. Este espaço para aperfeiçoamento pode ter sido causado pelo facto de o mestrando não ter tido, quando iniciou o desenvolvimento deste projeto, todas as capacidades técnicas para o desenvolver. Em dados momentos, o material técnico utilizado mostrou não ser suficiente ou adequando, mas como já foi apontado, este projeto foi dispendioso e não existiram fundos para melhoramento de material. Além disto, o facto de se tratar de um projeto gerido e realizado maioritariamente por uma só pessoa também poderá ter sido um dos fatores que levou ao que é afirmado no início do parágrafo.

Apesar do que foi acima referido, o resultado de todas as plataformas e dos conteúdos criados para as mesmas foi amplamente satisfatório. Como já foi mencionado, a vertente não ficcional e documental deste projeto fez com que o controlo sobre a produção dos conteúdos fosse imprevisível, mas num dos casos o planeamento não sofreu alterações desde a fase conceptual. O conceito por trás do zine não sofreu qualquer tipo de modificação ao longo de todo o projeto e o produto final, criado em colaboração com a artista Filipa Mendes, foi um dos mais satisfatórios de todo o projeto, devendo-se grande parte do mérito à artista. Esta manutenção dos conceitos originais não foi possível no documentário, que durante todo o processo de desenvolvimento do *Push Her* passou por várias estruturações, e também foi necessária a reestruturação do formato dos *posts* (como já foi abordado no ponto 3.5), que sofreu alterações logo na fase inicial do lançamento do projeto.

Ao longo do projeto foram cometidos alguns erros. O mais evidente foi no guião de entrevistas que, numa fase inicial, era demasiado curto e as perguntas não estavam totalmente direcionadas para o que se pretendia retratar. Graças à chamada de atenção do orientador para este aspeto, esta lacuna foi retificada a tempo e, após a correção, a recolha de informações foi mais completa, o que levou ao melhoramento dos conteúdos produzidos. Estas alterações ajudaram a captar opiniões e experiências mais íntimas das participantes.

Uma lacuna presente neste projeto é a falta de “*user generated content*”, isto é, conteúdos exclusivamente produzidos pela audiência. Como já foi referido, foi o mestrando quem fez a captação, edição e curadoria da maior parte dos conteúdos, salva a exceção do zine que, dado que a artista com quem foi feita a colaboração ser membro da audiência, foi o mais próximo que este projeto esteve de um conteúdo neste formato.

Outra dificuldade encontrada foi a captação de *b-roll* para posteriormente ser utilizado no documentário. Tal deveu-se à falta de experiência do mestrando relativamente à captação de imagens que não fossem estritamente ligadas à prática de skate. Momentos cênicos e mais intimistas podem ter sido perdidos por esta razão, mas também porque este projeto não contou com uma equipa que acompanhasse as filmagens. Durante as filmagens de skate foi usada uma lente (grande angular) cujas características retiram a possibilidade de captar momentos mais íntimos, dada a necessidade de uma proximidade excessiva. A necessidade de se trocar de lente tornou-se num obstáculo para a captação de boas filmagens complementares. Além disto, na fase inicial do projeto, o facto do mestrando ainda não se sentir totalmente à vontade com todo o processo também fez com que a captação não decorresse da melhor forma.

Por último, por esta ter sido a primeira experiência do mestrando em realização, a falta de planeamento de planos cinematográficos pode também ser considerada uma lacuna, principalmente no documentário. O pouco à vontade com os materiais e a inexperiência cinematográfica levaram a alguns percalços, mas toda a experiência fez com que o mestrando desenvolvesse as capacidades necessárias para o progresso do projeto, enquanto o levava a cabo.

Importa referir que, por razões que não dependiam do mestrando, não foi possível o acompanhamento de dados de crescimento de seguidores ou de visitas ao website, por motivo de especificidades do software do mesmo - por ser uma versão gratuita do criador de sites Weebly, somente capta e guarda estatísticas referentes aos sete dias prévios ao momento de acesso aos dados. No caso do Instagram, só a partir de março de 2022 foi possível tornar a conta do *Push Her* numa conta de Instagram profissional, dando assim acesso a estatísticas relativas à performance da página e dos seus conteúdos. Seria interessante compreender e analisar estes dados que, infelizmente, não foram possíveis de guardar, pois daria uma maior compreensão acerca do potencial de um projeto desta essência.

3.3. Considerações Finais

A comunidade de skate anuncia-se como um local seguro, um local com pensamentos abertos e onde qualquer um é bem-vindo. No entanto, como observamos durante a

exposição feita neste trabalho, esta realidade não se apresenta assim tão evidente. As mulheres têm uma representatividade muito baixa dentro do skate nacional e a utilização de discursos de ódio ou de marginalização negativa são comuns nos comentários recebidos pelas *skaters* que se expõem no universo do skate que, por um lado, se diz crítico das forças de poder, mas que não se define como anti patriarcal e onde os homens não perdem o poder social (Yochim, 2010, p.81).

Vivemos num momento em que se deve celebrar e proteger a diversidade. Devemos projetar e dar voz a minorias, comemorar o seu trabalho e a sua dedicação. Este foi o grande objetivo do *Push Her* - celebrar e incentivar uma minoria dentro da comunidade do skate nacional. É com orgulho que o mestrando considera que este objetivo foi bem-sucedido, pois nem nas suas projeções mais ambiciosas achou que o projeto tivesse um impacto tão forte e evidente dentro do skate feminino nacional como efetivamente se demonstrou.

Através do projeto, houve uma fomentação do diálogo acerca do estado do skate feminino em Portugal. Surgiram projetos como a Betesga Skate Zine, criado por *skaters* que se conheceram através do *Push Her* e se sentiram inspiradas pelo mesmo para criar mais movimentos de validação e apoio a skate feminino e não normativo. No espaço de cerca de ano e meio, desde o início do projeto, foram organizados eventos de skate feminino que foram muito bem-sucedidos nesta vontade de criar uma maior integração das *skaters* na comunidade, de mostrar a relevância e necessidade de diálogo acerca de práticas que podem levar à exclusão ou ao mal-estar das *skaters*. O projeto *Push Her* merece a sua parte de mérito e crédito no que toca ao florescimento da comunidade de skate feminino, na abertura de um espaço seguro para a comunicação do skate feminino e na credibilização do lugar destas *skaters* na comunidade.

O formato utilizado para veicular a narrativa, o *transmedia*, assentou perfeitamente nos hábitos de consumo desta comunidade marginal, como era esperado. Num formato de cultura parcialmente participativa, o projeto desenvolvido é prova de que o conceito de *transmedia* aplicado a uma narrativa não ficcional é válido e funcional.

Apesar de todas as dificuldades que o desenvolvimento de uma obra deste tipo acarreta, podemos concluir que, através dos resultados deste projeto, que pode impactar uma comunidade, neste caso, a de skate feminino nacional. O carácter volátil e imprevisível destas produções pode causar constrangimentos, mas, neste projeto, ajudou a criar algo

mais natural, mais íntimo e real - um produto final com o qual a audiência se identifica e do qual quer fazer parte. O carácter fluído fez com que o projeto se desenvolvesse à velocidade que a comunidade o aceitava. Num contexto ficcional, estes atrasos na aceitação da audiência podem causar problemas, dada a rigidez do enredo. Aqui, o enredo, as personagens e o universo foram criados à medida que se juntavam mais *skaters*, de gerações diferentes, com inputs diferentes, que moldaram o percurso deste projeto.

Desenvolver um projeto com um formato fora do comum foi desafiante. O mesmo se pode dizer acerca do tema escolhido, pois houve a necessidade de se comunicar para uma comunidade que se acredita ser aberta e inclusiva, mas que segundo os testemunhos, não o é.

Desenvolveu-se um processo de educação e sensibilização em duas frentes: em primeiro lugar, a mudança de perceção e compreensão dos *skaters* para com a realidade das *skaters*; em segundo lugar, a educação do mestrando em termos académicos, articulada com o desenvolvimento do trabalho escrito aqui apresentado e, em termos técnicos, com a produção da maioria dos conteúdos presentes nesta obra. Simultaneamente, o mestrando pode afirmar que, enquanto parte da comunidade de skate masculina, o primeiro processo de educação enunciado também se aplica a ele. Ao longo do projeto, ao estar em contacto com as *skaters*, ficou a conhecer realmente as suas dificuldades, as suas experiências e opiniões, o que conseqüentemente levou a que os conteúdos produzidos o fossem feitos com sensibilidade crescente para com o tema e para com as *skaters*.

Pode referir-se que o facto de este projeto ser altamente focado numa comunidade ajudou à sua probabilidade de sucesso. Não foi necessário um esforço extra pois a audiência relacionou-se diretamente com o projeto. Ficou bem definido quem era o público-alvo, como é a sua interação através dos meios de comunicação presentes na comunidade, o que procuram nos conteúdos de skate, como comunicam entre si. Durante a preconceção do projeto, todas as janelas de entrada, os suportes e a comunicação através dos diversos meios foi altamente talhada para atingir os objetivos deste projeto.

A boa comunicação dos relatos recolhidos foi dos fatores fulcrais para o sucesso do *Push Her*. Revelou-se indispensável a utilização de gíria de *skater*, a demonstração de conhecimentos em termos de manobras, a preparação do que iria ser transmitido de uma forma fácil de reter, mas sem deixar de focar nos pontos principais da narrativa que se pretendia conduzir. A comunicação foi feita através não só de *post* de apresentação, mas

também dos edits, onde se teve o cuidado de montar a edição de uma forma a que a comunidade já estava habituada, com uma curadoria de manobras que mostrasse ao mesmo tempo que as *skaters* têm valor e conhecimento sobre a prática. Ao mostrarmo-se conhecedor da cultura, mais facilmente se é aceite.

A boa relação que se criou com a audiência fez com que as *skaters* chegassem até ao *Push Her* não só por iniciativa própria, mas também através de pessoas que as queriam ver fazer parte do projeto. A audiência interagiu com o universo criado, dando mais inputs que acrescentassem valor à narrativa. Esta é uma das vantagens da narrativa não ficcional, uma interação que molda realmente a narrativa pois como refere Reinaldo Rodrigues (2021) “...na narrativa *transmedia* não ficcional surgem condições para que as audiências se deixem envolver e até participarem como personagens.” (p. 77). Desta forma aumentamos a probabilidade de captação e retenção de audiência, o que leva a que, futuramente, a narrativa desenvolvida se torne mais rica e ampla, diversificando o enredo que por sua vez pode vir a captar mais audiência. Interessa salientar que se mantém a necessidade de guiar a narrativa, para não se perder a coerência.

Para o mestrando, este projeto ultrapassou a vertente académica, tornando-se algo muito pessoal e no qual se irá continuar a trabalhar. Como aspetos a ter em conta para o desenrolar do *Push Her*, uma maior aposta na vertente participativa parece ser um dos primeiros passos a dar. Uma aposta em mais “*user generated content*” de forma a aumentar a interatividade com a audiência e mostrar as capacidades da mesma também é se revela como um novo propósito. Além disto, o mestrando propõe-se a continuar o processo de credibilização das *skaters* através de mais números do zine, da criação de vídeos de skate de curta ou média duração exclusivamente femininos e, por fim, continuar a documentar as experiências, opiniões e histórias das *skaters* nacionais, criando um segundo volume do documentário.

Esta continuidade é necessária para a sobrevivência do projeto pois não possui características intemporais, dada a rápida mudança da realidade do skate nacional, em parte causada por agora ser uma modalidade olímpica. Podemos afirmar que a primeira fase do *Push Her* está concluída, mas ainda existem muitas vozes, muitas manobras e muitas quedas para filmar.

4. Bibliografia

- Aufderheide, P. (2007). *Documentary Film. A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Bäckström, Å. (2013). Gender manoeuvring in Swedish skateboarding: Negotiations of femininities and the hierarchical gender structure. *Young*, 21(1), 29-53. <https://doi.org/10.1177/1103308812467670>
- Bäckström, Å., & Nairn, K. (2018). *Skateboarding beyond the limits of gender? Strategic interventions in Sweden*. *Leisure Studies*, 37(4), 424-439. <https://doi.org/10.1080/02614367.2018.1462397>
- Bardzell, S., Wu, V., Bardzell, J., & Quagliara, N. (2007, junho). Transmedial interactions and digital games workshop. *Proceedings of the international conference on Advances in computer entertainment technology*, Salzburg, Austria.
- Beal, B., & Weidman, L. (2003). *Authenticity in the skateboarding world*. State University of New York Press
- Bernardo, N. (2011). *The producer's guide to transmedia: How to develop, fund, produce and distribute compelling stories across multiple platforms*. Beactive books.
- Bock, K. (2019). The role of online media content in skateboard culture. In *Skateboarding Between Subculture and the Olympics*, 137-156.
- Boumans, J. (2004). Crossmedia-e-content report 8. In *E-Content Reports by ACTeN*.
- Bruns, A. (2007). Producersage. *Creativity and Cognition 2007, CC2007 - Seeding Creativity: Tools, Media, and Environments*, 99-106-106. <https://doi.org/10.1145/1254960.1254975>
- Buckingham, D. (2009). Skate perception: Self-representation, identity and visual style in a youth subculture. In *Video cultures*, 133-151. Palgrave Macmillan, London.
- Campos, R. M. D. O. (2020). Juventude e Culturas de Rua Híbridadas. *Sociologia & Antropologia*, 10(2), 587-613.

- Corwin, Z. B., Maruco, T., Williams, N., Reichardt, R., Romero-Morales, M., Rocha, C., & Astiazaran, C. (2019a). *Beyond the Board: Findings from the Field*. Pullias Center for Higher Education.
- Corwin, Z. B., Williams, N., Maruco, T., & Romero-Morales, M. (2019b). *Beyond the Board: Skateboarding, Schools, and Society*. Pullias Center for Higher Education.
- Deuze, M. (2007). Convergence culture in the creative industries. *International journal of cultural studies*, 10(2), 243-263.
- Ferreira, V. S. (2011). O "jovem radical" contemporâneo: novos sentidos de um qualificativo juvenil. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, (1-2), 107-127.
- Goffman, E. (1989) *A representação do eu na vida cotidiana* (M. C. S. Raposo, Trad.) Petrópolis : Vozes. (Obra original publicada em 1956).
- Gambarato, R. R., & Tárzia, L. P. T. (2017). Transmedia strategies in journalism. An analytical model for the news coverage of planned events. *Journalism Studies*, 18(11), 1381–1399.
- Ibrus, I., & Ojamaa, M. (2014). Transmedia Critical| What is the Cultural Function and Value of European Transmedia Independents?. *International journal of communication*, 8, 18.
- Jeffery-Poulter, S. (2003). Creating and producing digital content across multiple platforms. *Journal of Media Practice* 3(3), 155–164.
- Jenkins, H. 2003. *Transmedia Storytelling* [online]. MIT Technology Review. Disponível em: <https://www.technologyreview.com/2003/01/15/234540/transmedia-storytelling/> [acedido a 03/01/2021]
- Jenkins, H. (2006a). *Convergence culture: Where old and new media collide*. NYU Press: Nova Iorque
- Jenkins, Henry (2006b). Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century (Part One), *Confessions of a Aca-Fan* [online]. Disponível em: http://henryjenkins.org/2006/10/confronting_the_challenges_of.html [acedido a 08/01/2021]

Karlsen, J. (2016). Aligning Participations With Authorship: Independent transmedia documentar production in Norway. *VIEW Journal of European Television History and Culture*, Vol 5, Iss 10, pp 40-51; Netherlands Institute for Sound and Vision, 2016.

Klastrup, L., & Tosca, S. (2004). Transmedial worlds - rethinking cyberworld design. 2004 International Conference on Cyberworlds, Cyberworlds, 2004 International Conference on, Cyberworlds, 409–416. <https://doi.org/10.1109/CW.2004.67>

Lawson-Borders, G. L. (2006). *Media organizations and convergence: case studies of media convergence pioneers*. Routledge. [online] disponível em: <https://books.google.pt/books?id=rB6RAgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false> [acedido a 09/01/2021]

Macleod, G. (2020). Jacqueline Kalimunda’s Interactive Love Stories: Transmedia Documentary in Present-Day Rwanda. *Research in African Literatures*, 51(1), 109 - 131. <https://doi.org/10.2979/reseafritelite.51.1.07>

Marshall, D. (2004). *New media cultures*. London, UK: Arnold Publishers.

McDonald, I. (2007). Situating the sport documentary. *Journal of Sport and Social Issues*, 31(3), 208-225.

Moita, S. M. (2016). *Transmedia Storytelling e a Construção de um Universo Participativo: Estudo de Caso do Projeto “Collider”*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Comunicação Social. <http://hdl.handle.net/10400.21/6236>

Nichols, B. (2017). *Introduction to Documentary, Third Edition: Vol. Third edition*. Indiana University Press.

Negroponte, N. 1996. *Being Digital*. Londres: Hodder and Stoughton.

Pais, J.M. (1996). *Culturas Juvenis*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Pais, J.M. (2011). Culturas juvenis e marginalidade. In: Xavier, J.B. (coord) *Arte e delinquência*, pp. 83-93. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Penafria, M. (1999a). *O filme documentário. História, identidade, tecnologia*. Lisboa: Edições Cosmos.

Penafria, M. (1999b). *Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo*. Universidade da Beira Interior.

- Penafria, M. (2001). *O ponto de vista no filme documentário*. BOCC, Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. [Internet] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf> [acedido a 22/03/2021]
- Petersen, A. B. (2006). Internet and cross-media productions: Case studies in two major Danish media organizations. *Australian Journal of Emerging Technologies and Society*, 4(2), 94–107.
- Polónio, J. (2017) *Living the Vanlife: O Transmedia Storytelling aplicado ao género documental*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Comunicação Social. <http://hdl.handle.net/10400.21/8265>
- Rodrigues, R.F.T. (2021) *#UmOutroPaís: Projeto Transmedia de comunicação não ficcional*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Comunicação Social. <http://hdl.handle.net/10400.21/14166>
- Ryan, M. L. (2015). Transmedia Storytelling: Industry Buzzword or New Narrative Experience?. *Storyworlds: A journal of narrative studies*, 7(2), 1-19.
- Ryan, M. L. (2016). Transmedia narratology and transmedia storytelling. *Artnodes. Journal on Art, Science and Technology*, 18, 1-10.
- Schwier, J. (2019). Skateboarding between subculture and olympic games. *Skateboarding Between Subculture and the Olympics*, 15-34.
- Scolari, C. A. (2009). Transmedia Storytelling: Implicit Consumers, Narrative Worlds, and Branding in Contemporary Media Production. *International Journal of Communication*, 3, 586-606.
- Scolari, C. A., & Ibrus, I. (2014). Transmedia critical: empirical investigations into multiplatform and collaborative storytelling. *International Journal of Communication*. 2014; 8, 2191–2200.
- Seifert, T., & Hedderson, C. (2010). Intrinsic motivation and flow in skateboarding: An ethnographic study. *Journal of Happiness Studies*, 11(3), 277-292.
- Sousa, M. N., Zagalo, N & Martins, M (2012). “Eu também posso propagar histórias”. A adaptação e as narrativas transmediáticas na era da participação. *Comunicação e Sociedade*, vol. 22. Pp.167-183

Snyder, G. J. (2012). The city and the subculture career: Professional street skateboarding in LA. *Ethnography*, 13(3), 306–329. <https://doi.org/10.1177/1466138111413501>

Souto, J. (2019) *As notícias no ecrã, uma etnografia da produção do noticiário televisivo*. Teórica Edições.

Tenente, A. (2017) *A construção de um storyworld e de uma bíblia transmedia: A Estória de “David”*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Comunicação Social. <http://hdl.handle.net/10400.21/8253>

Torre-Espinosa, M. D. L. (2019). Reflecting worlds: noción de mundo transmedia aplicada al género documental. *Arbor: Ciencia, Pensamiento y Cultura*, 195(794), a529. <https://doi.org/10.3989/arbor.2019.794n4003>

Van Dijck, J. (2009). Users like you? Theorizing agency in user-generated content. *Media, culture & society*, 31(1), 41-58.

Wheaton, B. (2010). Introducing the consumption and representation of lifestyle sports. *Sport in society*, 13(7-8), 1057-1081.

Wheaton, B., & Thorpe, H. (2018). Action Sports, the Olympic Games, and the Opportunities and Challenges for Gender Equity: The Cases of Surfing and Skateboarding. *Journal of Sport and Social Issues*, 42(5), 315–342.

Willing, I., Green, B., & Pavlidis, A. (2020). The ‘boy scouts’ and ‘bad boys’ of skateboarding: a thematic analysis of the bones brigade. *Sport in Society*, 23(5), 832-846.

Yochim, E. (2010). *Skate Life Re-Imagining White Masculinity*. ANN ARBOR University of Michigan Press.

Filmografia

Dysinger, C. (2019). *Learning to Skateboard in a Warzone (If You're a Girl)* [Filme].

Lough, A. B. (2013) *The Motivation* [Filme]. Go Digital

Lough, A. B. (2013) *The Motivation 2: The Chris Cole Story* [Filme]. Netflix

Lough, A. B. (2013) *The Motivation 3: The Next Generation* [Filme].

Peralta, S. (2012). *Bones Brigade: An Autobiography* [Filme].

Peralta, S. (2001). *Dogtown and Z-Boys* [Filme]. Sony Pictures Classics

Sehr, K. (2011). *Skateistan: Four Wheels and a Board in Kabul* [Filme].

Webgrafia

Agência Lusa, (2021, março) Portugal estreia Liga Pro Skate a pensar no desenvolvimento até Jogos Olímpicos Paris2024. *Observador*.

<https://observador.pt/2021/03/25/portugal-estreia-liga-pro-skate-a-pensar-no-desenvolvimento-ate-jogos-olimpicos-paris2024/>

LiveHeats – LIGA PRO SKATE <https://liveheats.pt/LIGAPROSKATE> [acedido a 03/10/2022]

Jenkins, H. (2010, abril 13). TEDxNYED - Henry Jenkins - 03/06/10. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AFCLKa0XRlw&list=LL&index=1&t=461s>

Jenkins, H. (2007, março 21). *Transmedia Storytelling 101*. [online] Confessions of a Aca-Fan. Disponível em:

http://henryjenkins.org/2007/03/transmedia_storytelling_101.html

Outras Fontes

Bernardo, N. (2020, dezembro). *Novos media e Transmedia*. Aula da Unidade Curricular Seminários Temáticos em Audiovisual e Multimédia, Escola Superior de Comunicação Social, Lisboa.

Apêndices

Apêndice 1. Contactos

PUSH HER

Email: projectpushherpt@gmail.com

Instagram: [@pushherpt](https://www.instagram.com/pushherpt)

Website: <https://projectpushherpt.weebly.com/>

Apêndice 2. Guiões de Entrevistas

Primeira Versão do Guião

O que significa o skate para ti?

O que é para ti ser uma *skater*?

Em que estado se encontra o skate nacional?

Segunda Versão do Guião

Como surgiu o skate na tua vida?

O que sentes que o skate trouxe à tua vida?

Qual a importância do skate para ti?

O que é ser uma *skater*?

Como é a tua relação com outros *skaters*?

Como te sentes quando chegas a um spot ou skatepark novo?

Na tua opinião, em que estado se encontra o skate feminino a nível nacional?

Apêndice 3. Transcrições

Transcrição da entrevista a Dulce Pereira

Entrevista Dulce Pereira 20/04/2021

André Filipe (AF) – Falemos da história do skate nacional, como é que tudo começou?

Dulce Pereira (DP) – No final dos anos 70, fez se pela primeira vez uma demonstração no pavilhão Carlos Lopes e foi o primeiro boom no skate. Usavam se aqueles skates tipo “supositório”, coloridos com rodas grandes e muitas vezes andavam descalços por aquilo não ter lixa. Depois nos anos 80, já ali para meio dos anos 80 ou final, começam a aparecer os primeiros skates direitos, maiores, com os “Sabonotes” (Rail guards) à fernte, ali por 88’ ou 87’ começam a aparecer esses. Nessa altura o skate volta a ter um boom muito grande, muita gente começa a andar de skate, começa a ser vendido nos primeiros hipermercados e acontece também “Os Loucos do Skate”, um filme que na altura marca uma geração, passa nas telas de cinema, na altura o cinema tinha muito impacto. Muita gente ficou, de certa forma motivada por esse filme. É também no final dos anos 80’ que se faz o primeiro circuito de skate em Portugal. Organizado por brasileiros que distribuíaam algumas marcas brasileiras de skate e trouxeram alguns dos profissionais. O Brasil que sempre foi uma potência mundial a par dos Estados Unidos. Além dos atletas, veio até Portugal o diretor de provas do circuito brasileiro. O skate que no Brasil estava mais regulamentado e mais próximo dos parâmetros do desporto.

Aqui fundamos o Radical, antes do radical fez se esse circuito terra brasil, e fizeram se coisas em Cascais, onde havia uma rampa. Havia pouquíssimos espaços para andar de skate. Pedrouços, depois fez se uma brincadeira... o Ninja fez uma brincadeira pequenina na Casa Pia. Quando se começou a fazer os primeiros campeonatos tinha de se construir rampas para se poder andar, porque não havia pelo país sítios para andar. Claro, o pessoal andava sempre pela rua, sempre nos spots que se conseguia. Era muito difícil porque tu ias andar para determinado spot e se era num prédio ou junto de um prédio, rapidamente levavas com um balde de água ou vinha alguém com a vassoura correr contigo. Aparecia a polícia e rapidamente ia alguém para a esquadra. Aliás era mais fácil levar um *skater* que um “agarrado”, isto veio de alguma forma travar o boom do skate.

No início da década de 90’ de noventa o skate cai. 92, 93 e 94 são anos muito difíceis para o skate a nível mundial. O próprio Tony Hawk, nesses anos vivia à conta da mulher, porque não tinha rendimentos suficientes. Aqui nós também tivemos muita dificuldade porque dependíamos sempre das marcas para poder ter dinheiro e levar as rampas de um lado para outro e construir rampas, camiões TIR e tudo mais. Eram despesas grande para pôr de pé as provas de skate. No entanto começamos a organizar os circuitos de interescolas, levando o skate até às escolas, algo extremamente importante. Por volta

desta altura surgiu o “Portugal Radical” e o “Sem Limites” que eram programas de televisão que davam a horas nobres e tinham audiências muito grandes e isso também foi muito importante para o crescimento do skate porque deu uma exposição mediática, que até aí era relativa. A partir daí começamos também a fazer demonstrações pelo país inteiro. Essas demonstrações tinham como principal objetivo, não só levar o skate a determinados sítios do país, onde o pessoal não conseguia ir porque as provas são mais no litoral e é uma deslocação que nem todos podem fazer. Levar o skate ao interior, o outro objetivo era de alguma forma despertar as autarquias e as entidades de direito. Muitas vezes dizemos que passamos de “ser marginais para ser radicais” Estas modalidades não eram de putos marginais que andavam de cabelos compridos e calças no fundo do rabo, isto afinal era um estilo de vida, uma maneira diferente de se fazer desporto.

A partir daí e com esta exposição mediática as pessoas começaram a valorizar mais o skate e a olhar para o skate de uma forma diferente. A polícia deixou de nos chatear, a camara de lisboa, na altura, emitiu uma circular para não importunar os meninos que andavam de skate. A credibilidade trouxe um maior apoio. Despertamos também para a necessidade de haver espaços próprios para prática da modalidade. Isso foi uma das razões para que existam tantos skateparks em Portugal. Falar com presidentes de camaras, juntas e mostrar que o futuro do desporto ia passar muito por formas diferentes de fazer desporto. Aparece também no final dos anos 90’ o videojogo do Tony Hawk, um sucesso que veio aumentar o número de praticantes. Após tudo isto o skate volta a cair, porque isto é um gráfico que sobe e desce, mas que quando cai nunca o faz até ao nível em que estava. Vão se criando estruturas e vai seguindo em frente. Em determinado momento conseguimos fazer provas internacionais, demos internacionais, campeonatos europeus, coisas de grande exposição.

Em termos de organização, a Federação de Surf era quem tinha tutela do skate, só a partir de 2015 ou 16 é que a Federação arranja uma direção que realmente se preocupa com o skate e que começa a desenvolver e criar estruturas para que as coisas avancem (criar formação para treinadores, formação para diversas áreas necessárias como a competição) e quando isto acontece, o skate entra nos jogos olímpicos e a tutela passa para a federação de patinagem e a partir daí tornou-se difícil trabalhar com eles.

AF – Como caracteriza o skate feminino em Portugal?

DP- O skate surge muito ligado aos rapazes, nesse início do skate em Portugal, com skate coloridos que falamos à pouco. Nessa altura as meninas também andaram de skate mas quando chega a segunda vaga nos anos 80' não há muitas meninas porque se passou a dar ollies, começou se a dar manobras que os outros não permitiam, no máximo subias e descias passeios. Para as meninas isso é na boa, não te magoas muito, quando surgem as tábuas maiores e se começa a dar ollies, o skate a evoluir e as manobras também isso é um bocadinho duro para as meninas porque cais e te magoas. Por isso não há uma grande aderência das meninas ao skate. No entanto, a partir de 96 ou 97 já há mais meninas a interessarem se pelo skate, o skate volta a ser “onda”, volta a ter “hype”, os *skaters* são putos engraçados, com uma onda engraçada e as miúdas na maioria das vezes, penso que se interessam mais por este lifestyle do skate, pela maneira de estar, pela amizade, pela sinceridade da amizade... Pelo tratamento igual que recebiam por também serem *skaters*, sem medo que os rapazes só se dessem com elas para ter algo delas. A primeira miúda a andar de skate, que eu me lembre a dar ollies e manobras é em 92. Filha do representante da Powell Peralta em Portugal. Além dela não me lembro assim de muitas outras.

AF- Por o skate ser mais “underground” também não chegava a tanta gente?

DP – Não, chegava sim. Já havia a onda da moda, devido aos anos 88 e 89, a televisão passava uma outra coisa muito esporadicamente, mas os jornais tinham um peso grande e fizeram reportagens sobre o skate, o expresso o CM tinha um complemento sobre desportos radicais. Portanto havia uma exposição grande do skate. Não se pode dizer que havia falta de comunicação nesse sentido.

Surgem então as primeiras meninas no final da década de 90, a ganhar apoios das marcas. Internacionalmente nasce uma primeira geração, chamemos-lhe assim, porque previamente não há nada que se destaque, que se começa a destacar. Sempre inseridas num grupo de rapazes.

Em termos de competição, sempre foi muito difícil conseguir organizar competições com meninas porque tinhamas duas, três, quatro e às vezes era difícil arranjar 3 meninas para ir ao pódio e ter um pódio com duas meninas não faz sentido. Então nós acabamos sempre por integrar as meninas com os rapazes. Quando tentamos, porque achávamos que já havia mais meninas a praticar e que fazia sentido começar então a organizar o circuito de meninas o skate passou para a Federação de Patinagem.

Mas pronto, o skate é duro. Não é uma modalidade fácil. Se comparar com o surf com o surf, que quando caís, caís na água. Aqui não caís na água. Quando estas a aprender uma manobra o skate bate sempre no mesmo sítio, ficas com feridas e tens que aguentar isto tudo. Às tantas... pronto as meninas... às vezes depois é chato, ter as pernas todas feridas e querer vestido o vestidinho e o calção. Isto além da dureza, a própria dureza da modalidade. Mas isto é como tudo. Eu acredito que as meninas têm o lugar delas no skate e que o futuro havemos de ter mais meninas a andar de skate.

Agora... pronto havia coisas que aconteciam que muitas vezes nos desmotivavam porque tu tinhas as meninas a pedirem campeonatos, fazias o campeonato e a menina não entrava porque tinha dor de cabeça... na verdade o problema dela não era a dor de cabeça, na verdade o problema dela é que não sabia dar um ollie e tinha vergonha de ir andar. Dava desculpas...

Porque muitas não aguentavam a pressão, elas até pediam e queriam... pronto outras vezes queixavam-se, “Mas eu só recebi isto E os rapazes receberam aquilo” É assim, para reclamares tens de dar, para exigires tens que dar e aqui, elas, reclamavam muitas vezes dos prémios e das oportunidades e não sei o quê... Não é bem assim, elas tiveram, só que queriam sempre muito mais do que aquilo que realmente valiam, não é....

AF- Este subdesenvolvimento, se assim o podemos apelidar, do skate feminino deve- se a quê? Uma falta de apoios ou falta de motivação?

DP- Eu acho que é falta de motivação por parte das meninas. Porque estamos a falar de umas idades normalmente tramadas, a adolescência. Muitas vezes na adolescência tu... o falhar, o não conseguir é uma coisa que mexe muito e que tu muitas vezes até gostas de te armar ao pé dos teus amigos a dizer “Eu faço e não sei quê...” mas quando chega a hora não é bem assim. Muitas vezes as miúdas diziam “os pais que não as deixavam ir, por ser dois dias do fim de semana, os meus pais não deixam”, mas depois fazias os campeonatos só de um dia e elas não apareciam na mesma. Portanto acho que aqui, se houvesse empenho e vontade, tudo isto era ultrapassado. Se estás numa prova e tens 120 inscritos e 5 meninas, a prova que teve mais... pá de 120 tens 5 é complicado dares mais. Mas se estas meninas tiverem vontade e continuarem a andar e continuarem a motivar se, vão fazer com que venham mais meninas ao campeonato. E se tiverem 10 ou 15 já dá para fazer uma competição... agora com 5... não dá e é difícil. Acho que isto só acontece devido à falta de empenho, porque havia poucas, havia muito poucas, não o suficiente para se

dar mais. E depois, é aquela idade tramada em que é difícil assumir erros e assumir as nossas coisas. Reclamamos por tudo, mas depois...

AF- Ser uma rapariga *skater* pode fazer com ela se sinta mais excluída nessas idades? Por não seguir a norma?

DP- Não, acho que é o oposto. Andar de skate é fixe. Quer dizer, não sei se a partir de agora... isto porque... vou ter que falar nisto, que é assim, atualmente a maior parte das miúdas que andam de skate são lésbicas ok... e isso hoje começa a haver uma tendência de olhares para uma miúda que anda de skate e pões em questão a sexualidade, isto há uns anos atrás não se colocava. Andares de skate mostrava que eras uma miúda muito à frente... pronto tinhas uma abertura e uma cena diferente das outras... acho que muitas vezes elas andavam de skate para ser cool. Porque ias para a escola e estava lá uma miúda que andava melhor que os rapazes todos Uas né?... Era a melhor lá da escola. Depois quando ia andar com os outros rapazes das outras já não era bem assim, mas na dela era a mais fixe... dava pica e ego. Hoje em dia, se calhar, é como dizes, pode já não ser tão fixe ... já não é a miúda gira que anda de skate.

Transcrição entrevista por WhatsApp a Laís Reis

André Filipe (AF): Qual é a tua experiência dentro da comunidade de skate?

[28/06/2021, 12:17] Laís Reis: Já lá vão quase 20 anos de skate. Tenho muitas experiências. Mas a que mais me marcou é a de poder conhecer pessoas incríveis, pessoas criativas, inteligentes, engraçadas. Uma união de experiências que fazem ser que eu sou hoje!

AF: Como caracterizas o skate feminino em Portugal?

[28/06/2021, 12:18] Laís Reis: O skate feminino em Portugal, vem crescendo cada vez mais, a evolução nas meninas é notável! Mas ainda precisamos de muito apoio da própria comunidade.

AF: Por que razão o skate feminino não se desenvolveu ao mesmo ritmo que o masculino?

[28/06/2021, 12:20] Laís Reis: Pelo simples fato de não haver tantos apoios como para os rapazes. Fica complicado continuar a skatar, sem apoios de loja ou marcas, sem apoio da própria família e claro, sem tem outras miúdas para ir skatar.

Mas temos de parar de dar a mesma resposta, em que, as meninas são muitas poucos e por isso não tem apoios, se continuarmos com essa desculpa o skate feminino nunca vai evoluir. Afinal a nossa evolução está em fazer as coisas de forma diferente para obter resultados diferentes.

Apêndice 4. Reprodução *Posts* de Apresentação no Instagram



Figura 7 - Primeiro Formato Post de Apresentação



Figura 8 - Formato Transitório de Post de Apresentação



Figura 9 - Formato Final de Post de Apresentação

Apêndice 5. Reprodução Zine



Figura 10 - Capa

A MAGAZINE BY:

Tropical
Papayas

X PUSHER

@tropicalpapayas

@pushherpt

SPECIAL THANKS TO:

@raquellodiogo
@tixa_sk88
@inesdidier10
@laisreis04
@theycallmebarido
@againncami
@meerryybeerryy
@raniask8
@nena.surfskate
@_bulmae
@martanery
@ana.blockveld
@welcome.to.the.jungle_
@tiodaaurora
@kika.skate
@_marianatamayo_
@rafaelacostask8
@titchanelli_
@vikurmayaeva
@sk8tana
@marina_c8
@nottsamo_
@caterinaflorido_
@alexandrabarr0s
@nay_reymond
@mb.sant0s
@cbr_skate

Figura 11 - @ dos criadores e das participantes

O QUE É SER
UMA SKATER
PARA TI?

FUSHER

Figura 12 - "O que é ser uma skater para ti?"



Ser uma skater é um orgulho enorme. É algo que ajuda na autoconfiança, pois, infelizmente, temos de lidar com comentários e gestos menos bons. No fundo o importante é divertirmo-nos a fazer aquilo que gostamos sem grande preocupações.

PATRÍCIA OLIVEIRA

Figura 13 - Depoimento Patrícia Oliveira



SABRINA TICIANELLI

Representatividade. Muito. Porque eu lembro-me que no Go Skateboarding Day, todos os skaters eram rapazes. Temos de mostrar que a comunidade não é só para os rapazes. É para raparigas também. Muitas acabam por não skatar porque chegam aqui e é só rapazes, têm vergonha ou não são muito bem-vindas por serem as únicas. Ser uma rapariga skater contraria isso, o princípio de que só os rapazes podem skatar. Estão a aparecer mais raparigas na comunidade, o que é incrível! Vou ao cais e tem mais cinco raparigas a skatar. Antes estava sempre sozinha com rapazes e agora já posso skatar com outras raparigas.

Figura 14 - Depoimento Sabrina Ticianelli

É ver a vida de forma diferente, apreciar mais a “vivência de rua”. É um sentimento de liberdade, acho que toda a gente sente isso. Eu acho que traz muitos sentimentos, tens fases em que estás muito focada num truque ou até presa e outras em que só queres mesmo dar ao pé e rolar pelas ruas. Esta é a parte que mais me dá liberdade, a parte simples do skate. Ensina a ter garra e força, é cair e levantar outra vez, insistir. Ser skater é isso, ter mais garra, é saber falhar e ser mais extrovertida porque te dás com muito mais pessoas, é parte da beleza desta subcultura também.

MARTA NERY

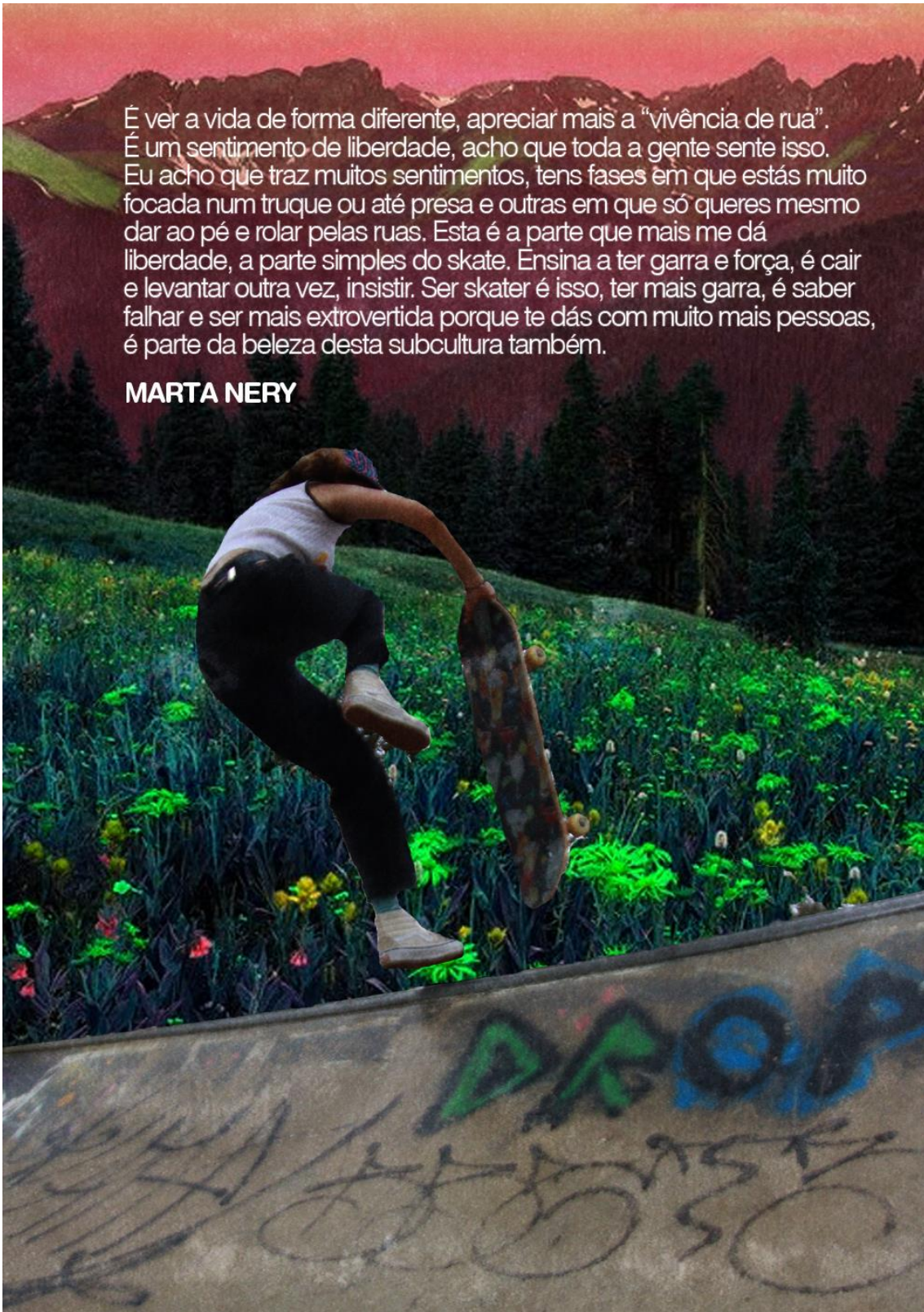


Figura 15 - Depoimento Marta Nery

É poder divertir-me com uma coisa que adoro, é poder divertir-me a cair e lidar com as frustrações com um objeto sobre rodas. É conhecer pessoas que nunca conheceria de outra maneira, de backgrounds completamente diferentes e abrir-me a novas coisas.

INÊS ALMEIDA

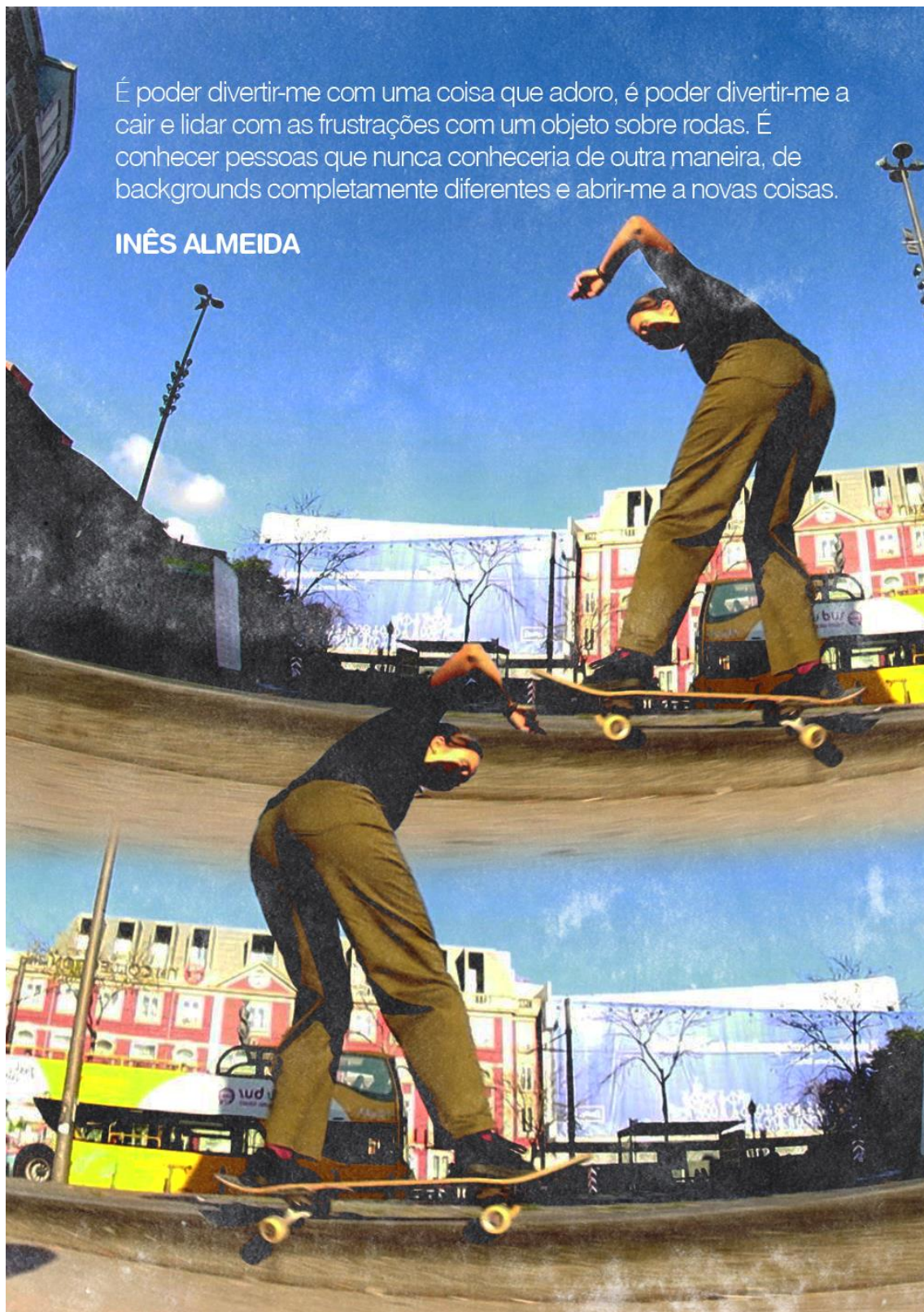


Figura 16 - Depoimento Inês Almeida



Segundo a biologia, o skate masculino e o skate feminino têm diferenças. Óbvio que há aquela desigualdade às vezes, mas eu já tive muitas sessões boas, em que é só na paz. Tanto raparigas como rapazes sempre me ajudaram imenso, sempre me motivaram imenso, sempre me inspiraram imenso. É rodeares-te de pessoas boas. Ser uma skater é nunca estar sozinha. É emancipação para mulheres e para homens.

CAETANA SERRA

Figura 17 - Depoimento Caetana Serra



LAÍS REIS

Isso é um assunto bastante delicado. Quando comecei a andar de skate, há uns vinte anos atrás, eu sempre quis viver do skate. Assim como via os rapazes a ganhar dinheiro com isso e a serem profissionais, eu pensei “Uau, eu também posso ser profissional?” E foi aí que eu percebi que o caminho para nós é totalmente diferente, não é igual ao dos rapazes. Hoje em dia, para mim, é diversão, é curtir... mas eu gostava de poder sentir-me mesmo skater (ser profissional). Ser skater é poder ser livre e criativa. É uma desculpa para sair e conhecer pessoal, ou até mesmo viajar. Vai muito mais além de apenas andar num skate, é a minha forma de ser, a minha forma de viver.

Figura 18 - Depoimento Laís Reis



NAY REYMOND

Eu dou o meu rolê e não ligo muito se o faço com rapazes ou raparigas. Mas sinto que é mais divertido skatar com raparigas, fico com mais ânimo e vontade de evoluir. A companhia e a presença são muito boas. Muitas vezes era só eu e um monte de rapazes no skatepark e tornava-se desconfortável, portanto ter mais alguém é sempre bom.

MARIA SANTOS

Quando comecei a tentar andar de skate mesmo a sério tinha medo de ser julgada, porque vou estar rodeada de rapazes e eles sabem mandar as cenas e vão gozar, mas por exemplo, as pessoas do skatepark de Faro sempre me motivaram, tanto rapazes como raparigas. Quando comecei a dar-me mais com outras skaters percebi que o skate e ser skater não é um bicho de sete cabeças como eu achava.

Figura 19 - Depoimentos Nay Reymond e Maria Santos



Ser uma skater ou um skater para mim vai dar ao mesmo. Ser skater é divertires-te com um skate, seja a fazer gaps, freestyle, hill bomb ou estar na tua zona de conforto e praticar mais flat tricks.

INES DIDIER

Figura 20 - Depoimento Inês Didier

É sentir-me livre.

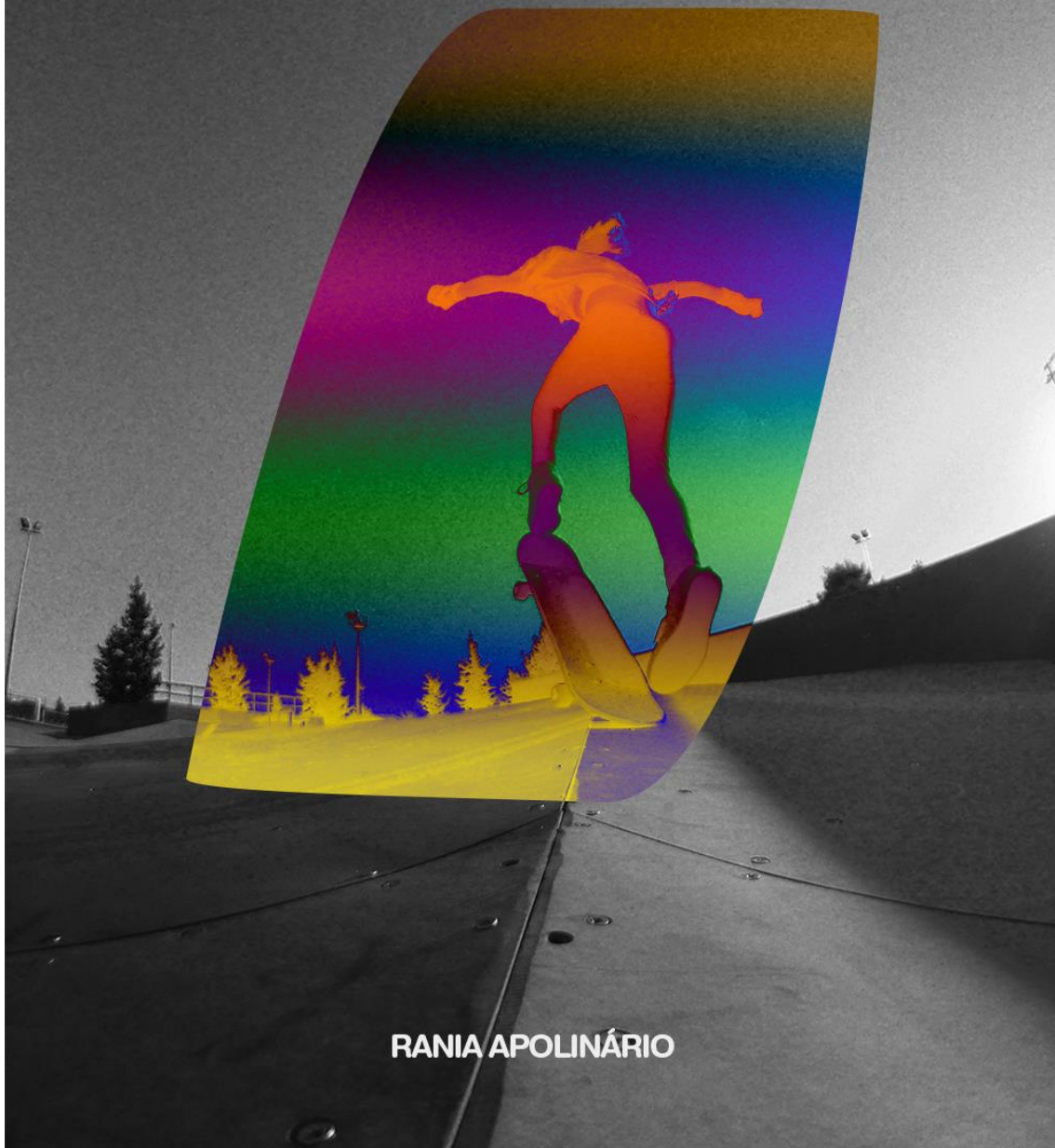


Figura 21 - Depoimento Rania Apolinário

Ser skater não é um título assim tão grande, como o pessoal pensa que é. É divertir-me a skatar, conhecer pessoas. É ensinar e ser-se ensinada. É aprender que se cair tenho de me levantar e tentar sempre de novo até conseguir, é persistência. É mais do que um hobby. É descobrir-me, descobri muito sobre mim graças ao skate. Camaradagem. O skate salvou-me a vida, tenho uma cena para fazer, para me manter distraída, para me animar e motivar. Se não fosse o skate não sabia o que andava a fazer. Se calhar não tinha acabado a escola, nem tinha emprego. Ya, salvou-me mesmo.

ANA BLOCKVELD



Figura 22 - Depoimento Ana Blockveld



Figura 23 - Depoimentos Aurora Santos e Margarida Ribeiro



JOANA MELO

Acho que para mim ser skater começa por poder ser criativa. Desde que comecei a skatar que tenho dificuldade em fazer os truques mais conhecidos. Antes achava que por isso nem me poderia considerar uma skater mas, depois de ir para Barcelona, ter contacto com uma comunidade tão diferente de Portugal, percebi que ser skater é mais do que isso. O meu estilo não tem que ser o mesmo que o do outro, e por isso, para mim, ser criativa foi a solução. A partir daí comecei a desenvolver o meu estilo, a desafiar-me, a desafiar o espaço. Percebi também que o meu problema era o mesmo problema de outras e, por isso, ser skater também é saber partilhar e ajudar. É aceitar todxs na nossa comunidade e partilhar bons momentos.

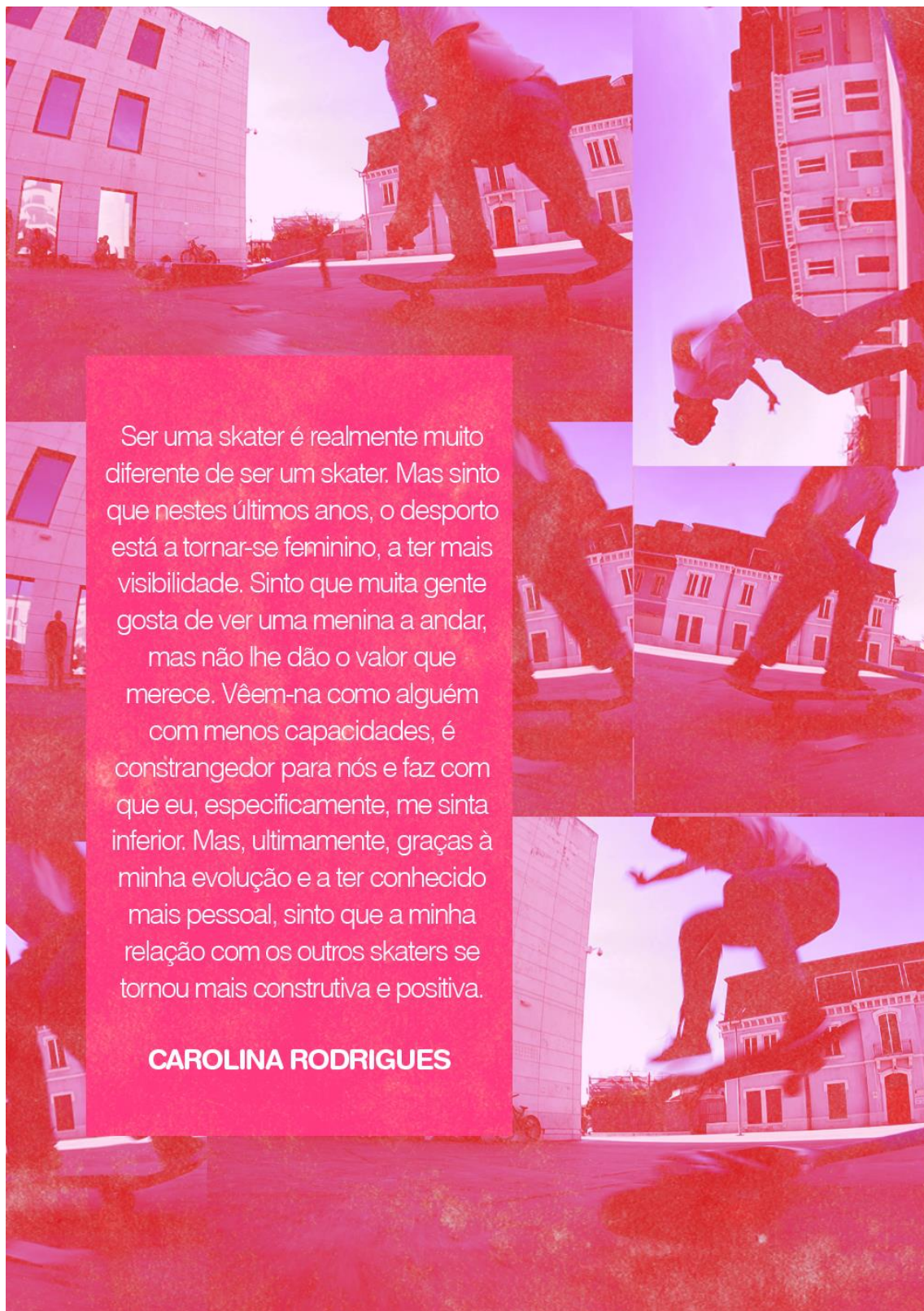
Figura 24 - Depoimento Joana Melo



É sentir uma liberdade imensa.

CAMILA LOPES

Figura 25 - Depoimento Camila Lopes



Ser uma skater é realmente muito diferente de ser um skater. Mas sinto que nestes últimos anos, o desporto está a tornar-se feminino, a ter mais visibilidade. Sinto que muita gente gosta de ver uma menina a andar, mas não lhe dão o valor que merece. Vêem-na como alguém com menos capacidades, é constrangedor para nós e faz com que eu, especificamente, me sinta inferior. Mas, ultimamente, graças à minha evolução e a ter conhecido mais pessoal, sinto que a minha relação com os outros skaters se tornou mais construtiva e positiva.

CAROLINA RODRIGUES

Figura 26 - Depoimento Carolina Rodrigues

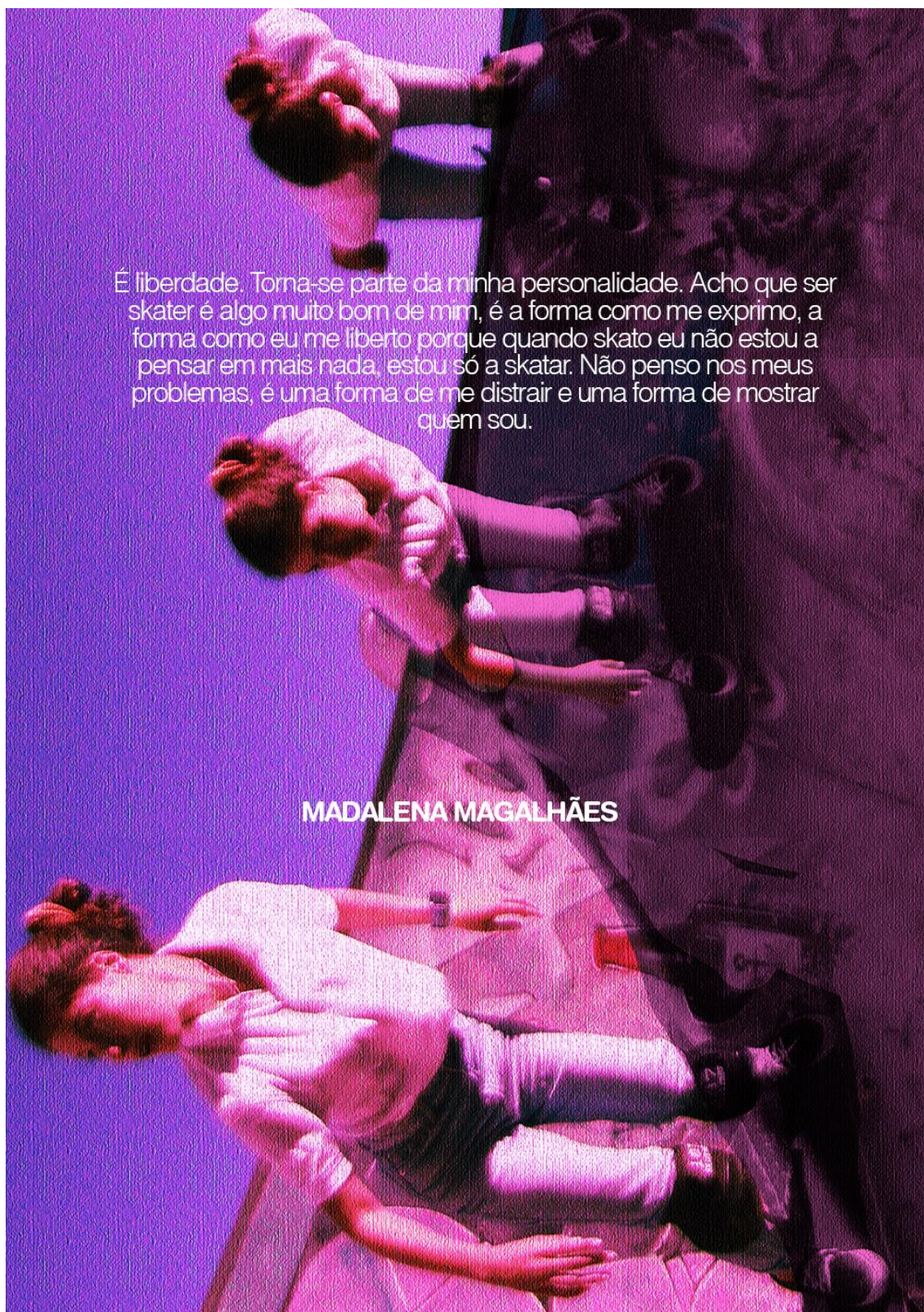


Figura 27 - Depoimento Madalena Magalhães



Existe um antes e um depois. Quando comecei a andar era um pouco mais difícil porque me sentia uma ovelha negra. Era um grupo constituído, nacionalmente, praticamente só por rapazes e sentia que ficava um pouco aquém porque parecia que nunca os iria alcançar. Tinha pouco exemplo da capacidade feminina no skate. Sentia que era sempre parabenizada por pequenas conquistas e que isso chegava. Sentia que gostava de chegar mais longe, não queria sentir limites só por ser do sexo feminino. Queria explorar o meu limite pessoal que não tem que ver com o género. Agora, passados alguns anos, vejo dezenas de raparigas desde que voltei a andar no ano passado, é completamente diferente. Acho que está cada vez mais diluída a fronteira entre o skate puramente masculino, uma prática muito ligada só a força e a capacidades físicas. Tornou-se algo que é mais abraçado por todos os géneros e até todas as idades.

VICKTORIYA KURMAYEVA

Figura 28 - Depoimento Viktoryia Kurmayeva

Basicamente sinto que posso explorar à vontade, estou livre, posso ser eu.

FRANCISCA PATAMEIRA

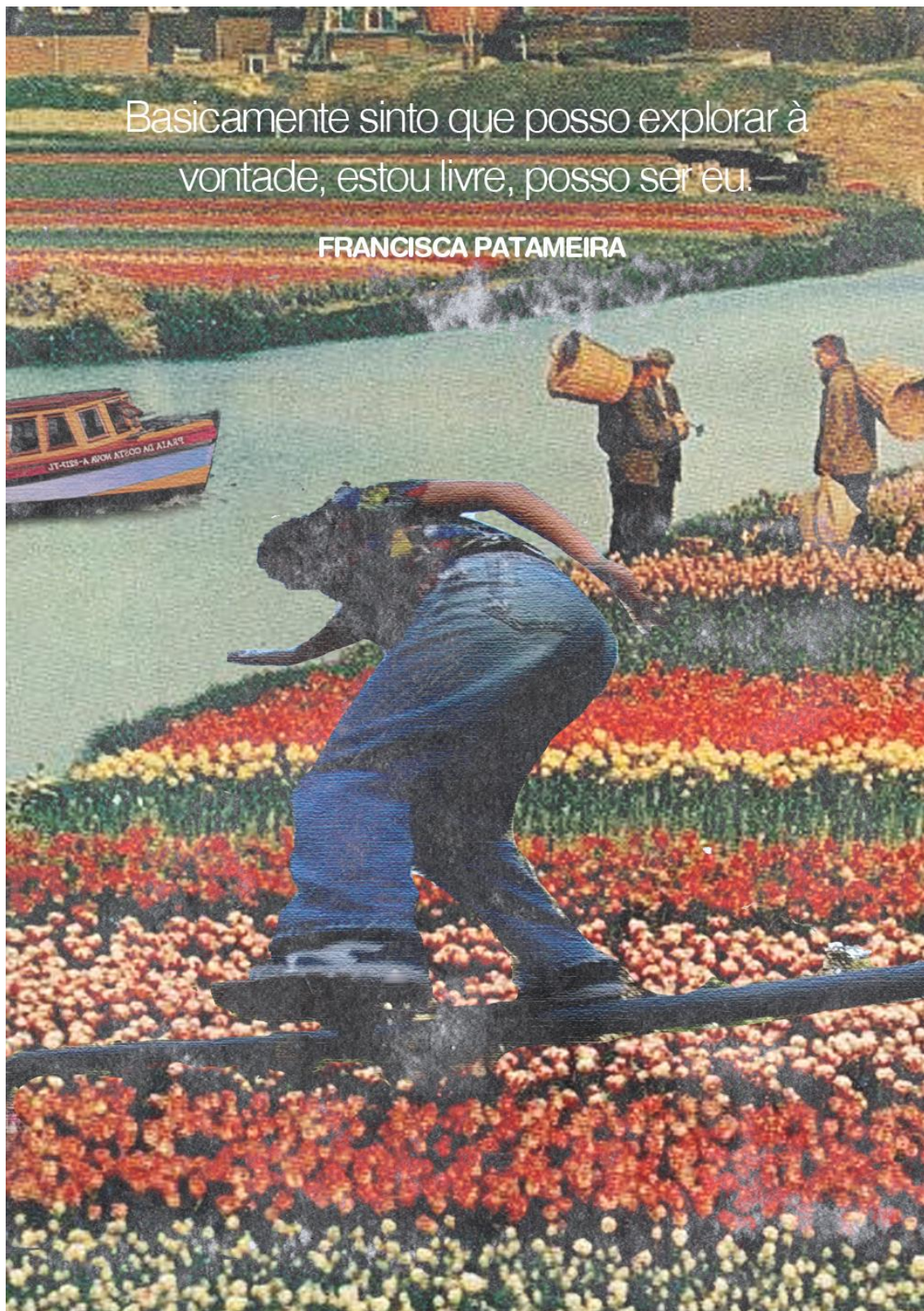


Figura 29 - Depoimento Francisca Patameira

É encarar esta zona de liberdade. É amancipação também. Sinto que o facto de estar aqui, no skatepark entre os homens, dá-me uma certa emancipação. Eu sinto-me confortável e sinto-me a mudar algo. Não sei se mais para a frente ser uma skater vai ser outra coisa qualquer, mas agora ser uma skater para mim é mais numa de ajuda e comunidade. Estar com pessoas e sentir esta liberdade. É também uma zona de arte, de como me descubro enquanto pessoa, descobrir o meu estilo, o que eu quero, de onde venho.

MARIA ROQUE



Figura 30 - Depoimento Maria Roque



Figura 31 - Depoimento Marina Costa

Ao longo dos anos tenho vindo a aperceber-me que ser skater é muito mais do que mandar manobras. É liberdade, é arte, superação. Vivências acima de tudo. Ser uma rapariga no meio de um mundo maioritariamente masculino tem vindo a ser algo normal. O acréscimo e interesse de raparigas a praticar no país tem sido cada vez maior. O espírito de união entre ambos os sexos e o esforço feminino na prática têm vindo a evoluir progressivamente no país. Ser skater pode ser aquilo que uma pessoa quiser. As vivências ensinam acima de tudo a superar, a inspirar umas às outras ou uns aos outros. Acho que essa é a parte mais importante no skate.

RAQUEL DIOGO

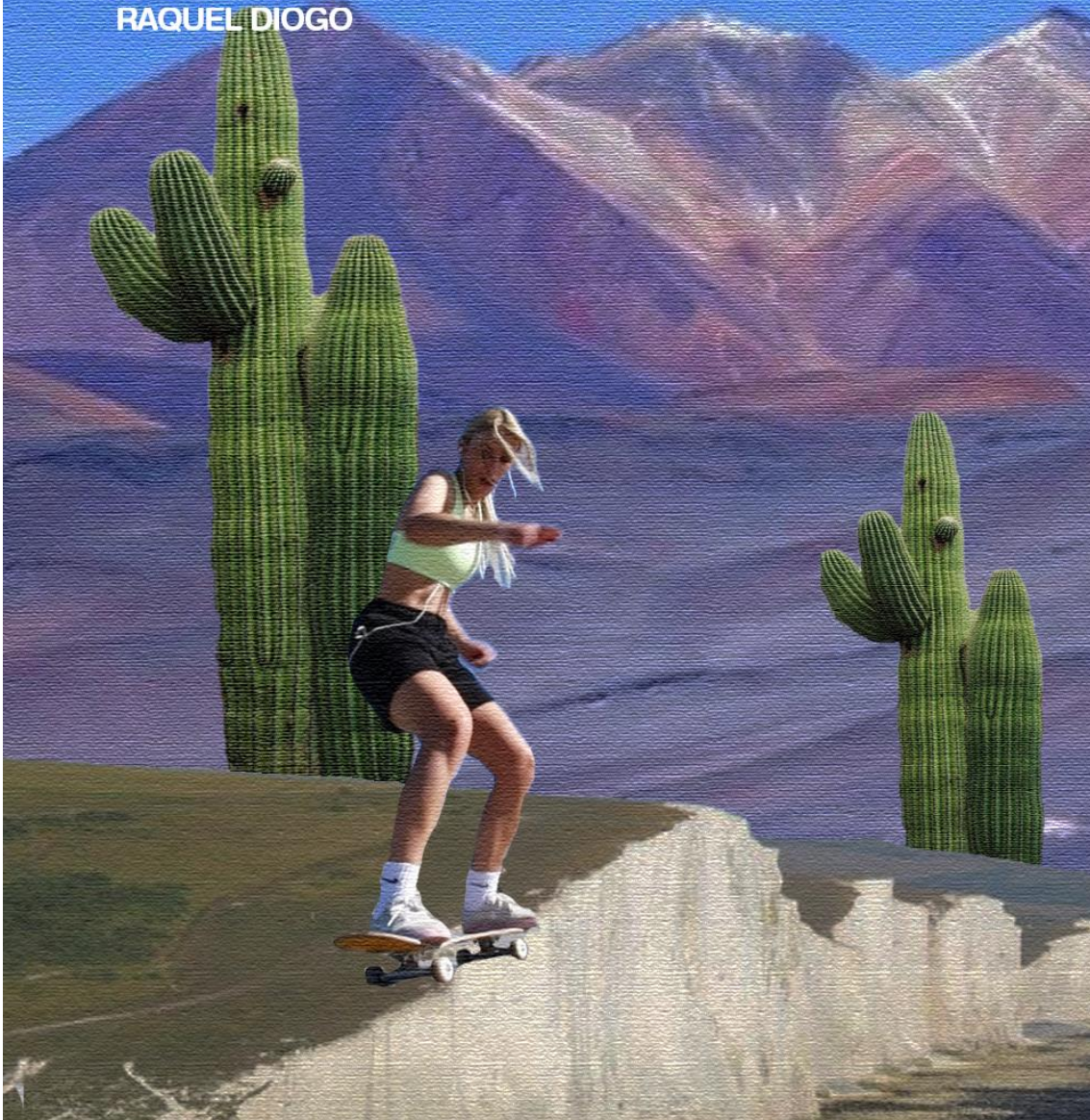


Figura 32 - Depoimento Raquel Diogo



Figura 33 - Depoimentos Rafaela Costa e Mariana Tamayo



Para mim, antigamente, ser uma skater em Portugal, era mais difícil porque não havia apoio. Quando comecei era desmotivador. Agora as raparigas já andam mais, e sinto que sou uma motivação para mais raparigas andarem, porque vêm-me a skatar e também se querem juntar.

TÂNIA BARIDÓ

Figura 34 - Depoimento Tânia Baridó



ALEXANDRA BARROS

No início, por volta de 2012, eu nem tinha noção que era só eu. Para mim éramos skaters, estávamos a skatar. A primeira rapariga com quem skatei foi a Catarina, e só a conheci há dois anos. Ultimamente comecei a perceber que fazia falta e ajuda estar com mais raparigas. Nunca me fez confusão ir ao park e ser a única miúda, estava-me a cagar. Mas com a South Girl Skate comecei a perceber que sermos mais ajuda a cena do skate feminino.

CATARINA FLORIDO

Não é fácil estar à altura do nível masculino, dá um pouco de pressão, seja a streetar, seja no park. Há sempre uma bifurcação de comunidades, ser uma skater é ser uma outsider. Mas tudo depende do contexto em que estamos inseridas, se skatar só com miúdas sinto-me mais "normalizada", ser uma rapariga no meio de rapazes é mais desafiante.

Figura 35 - Depoimentos Alexandra Barros e Catarina Florido



Figura 36 - Contra Capa

Apêndice 6. Guião Do Documentário “PUSH HER”

Em fundo preto, ouvimos as vozes das *skaters* a repetirem a questão (escolher entre estas)

Lúcia Seixo – O que é para mim ser uma *skater*...

Vickie – Esqueci-me da pergunta (risos) Qual a importância do skate para a minha vida?
Desculpa...

Madalena – O que é que significa o skate?

Montage de truques incluindo a maior parte das *skaters* que fazem parte do doc.

Maria Roque - E o skate apareceu assim na minha vida como uma questão que eu nunca tinha... nunca tinha sequer pensado possível, que seria possível sequer e trouxe mesmo uma luz descomunalmente grande, tipo eu comecei a ganhar uma identidade efetivamente minha. Trouxe mesmo um boost de identidade e de força para o que eu vou pregar a minha vida toda, mesmo em níveis profissionais e artísticos, tipo o skate para mim é a base mesmo.

Caetana - apaixonei-me um bocado pelo desporto e pelo estilo de vida que traz, não tanto o estilo de vida mas também o estilo de vida. Mas também a maneira como as pessoas se relacionam, a maneira como as pessoas se ajudam e entreajudam e se celebram uma às outras. Acho isso super engraçado e super importante hoje em dia.

Marta Nery – Na verdade eu comecei a andar de skate porque aos nove anos vi pela primeira vez num skatepark que já nem existe em Carcavelos. Virei-me para o meu pai e disse-lhe “Eu quero experimentar aquilo, aquilo é muita giro, tipo como é que eles colam os pés” fiquei bué à toa, e foi mesmo... foi a própria tábua que me... que me cativou.

Margarida - eu desde bué nova tinha um skate do chinês, daqueles tipo buéda pequeninos, sei lá buedá flat e pronto, não mandava nada, andava em frente e carregava com bué força no tail para o skate saltar bué e chamava-lhe truques tipo bué estranhos, dava-lhes nomes bué estranhos e skatava com o meu irmão “skatava”.

Tânia Baridó - o skate na minha vida surgiu um bocado também por influência do meu pai, roubei-lhe o skate e vim para o skatepark.

Carolina - fui andar demasiado de skate e acabei por ficar de castigo e ter de lidar com isso tudo. Até houve uma altura em que fiquei sem skate, tiraram-me o skate e tive de montar um skate todo ranhoso (risos) assim de peças que eu tinha encontrado e isso tudo.

Vickie - Quando era adolescente vi um anúncio adorei ver aquela sensação de liberdade que me transmitiu e tive bué curiosidade em experimentar andar de skate porque fiquei mesmo com imensa vontade só de aprender a andar e estar a ouvir música... Foi mesmo intenso, de repente parecia que estava num vórtice de adrenalina e de novidade e gostei mesmo de andar de skate. Foi a partir daí que eu comecei a skatar praticamente... regularmente porque entrou logo pá, na minha vida...

Manual da Marta Nery onde uma pessoa se mete à frente e estraga a manobra.

Marta Nery - O que é que significa o skate... Significa o skate... Amor ódio (risos) Tanto podes adorar o skate como também podes irritar-te com o skate. E é engraçado porque o skate é um objeto e... eu vejo o skate também como... a relação com o teu eu. Então é engraçado porque o skate é um objeto mas faz-te sentir tanta coisa que é um bocado aquela relação, como se costuma dizer, de amor ódio (risos) Ya, o skate para mim é um parceiro, pá. Da...da vida.

Francisca - basicamente eu sinto que... não sei... posso explorar à vontade. 'Tou livre, posso ser eu e crio grandes ligações, amizades que sinto que são mesmo verdadeiras. Tipo... ser criativa. Posso criar à vontade, é isso... posso explorar...

Joana - é algo que tu fazes que permite uma grande liberdade e imaginação. Para mim, eu acho que é isso. Se eu faço as manobras mais comuns ou as mais difíceis, não, eu faço manobras em que me sinto confortável, faço manobras que puxam pela minha imaginação e eu acho que é um bocado isso, é procurar com uma tábua com rodas criar alguma coisa que te permita chegar a um... algo.

Caetana - trouxe confiança a minha vida, por aí. Saber que podia fazer coisas que se calhar... e podia fazer coisas à minha maneira que outras pessoas façam ou não, mas, sei lá, eu sou feliz a fazer aquilo, não preciso de estar a fazer uma manobra xpto se gosto de estar a fazer só... sabes? Ollie backside e ollie backside e está feito. Também não é por aí.

Carolina - acho que é um pouco o meu ser e um pouco a minha ajuda nos dias. Se calhar se estou um bocadinho mais triste vou andar de skate ou se estou mesmo feliz, vou andar

de skate (risos) portanto é uma coisa que me acompanha é como se fosse o meu melhor amigo por assim dizer.

Margarida - acima de tudo, trouxe-me bué boas memórias, boas pessoas tipo amigos que eu quero mesmo manter para a vida e o skate ajuda-me numa cena em que tenho bué medo que é crescer, tipo tornar-me responsável ou adulta ou whatever... E o skate deixa-me manter essa criança em mim, ativa.

Alexandra - Sinto-me eu. Às vezes estou mais confortável no skate do que estar a pé, toda atrapalhada a andar.

Maria Roque - eu ganhei uma paixão ao skate que eu diria quase que é o meu ar, tipo eu acordo e o único sítio onde me sinto confortável para meditar é ouvir tábuas de skate no chão. É aquela estúpida cena do pá tens uma amigo teu que vai acordar de manhã e ter a mesma genica que tu e dizer “olha, bora streetar e filmar aí uma cenas” tipo e isso para mim, foi mesmo na mouche, acho que hoje em dia me sinto mesmo completa com as amizades que tenho e com as vontades que se geram à minha volta e os inputs que são dados e o skate trouxe mesmo uma comunidade de amigos, de pessoas que eu sei que vão ‘tar ao meu lado e apoiar-me e lutar pela minha inclusão, pela minha evolução, por tudo e mais alguma coisa, na comunidade do skate e na sociedade em si.

Rafinha- Liberdade

Mariana- É isso, exatamente, era isso que ia dizer.

Rafinha- Podemos ser nós próprios, relaxados... irritada também

Mariana- Depende, é tipo uma forma, não sei explicar, tipo meditação

Rania - Cair, cair e aprender

MONTAGE DE QUEDAS

Catarina - é a liberdade, de expressão e de movimentos e de tudo. Criei a página South Girl Skate, o movimento, sentia que havia necessidade de uma presença feminina ou diferente, sem ser aquele hetero normativo aqui no skatepark e pronto decidi ver quem é que existia já, que pudesse ser mais incentivado a vir, a participar, a formar uma comunidade mais coesa e pronto, também para ter mais companhia para andar de skate.

Vickie - Pronto a importância é mesmo a sensação de liberdade que eu não consigo alcançar ao fazer outras coisas e de comunhão, um bocadinho... que existe entre a minha pessoa e a minha prática. É muito profundo, dificilmente consigo encontrar isso em qualquer coisa que faça, seja trabalho ou outros hobbies. Skate é muito especial em termos de prática e de execução.

Nay - O skate é, como posso dizer, é o meu amparo. Já é um amor para a vida. Como posso dizer, é onde me sinto bem a andar, é mesmo uma relação íntima com o skate, eu me sinto bem a andar, eu me sinto bem em estar em cima. Gosto da sensação de adrenalina e me faz muito bem, me traz felicidade

MONTAGE DE MANOBRAS

Alexandra - Imagina no início nem tinha noção que era tipo só eu, tá a ver? Para mim éramos *skaters*, estávamos a skatar. Depois mais tarde, só bem mais tarde ... a primeira rapariga com quem skatei foi a Catarina, só para veres, conheço a há dois anos, três... comecei a perceber que afinal até fazia falta, não é fazia falta mas tipo ajuda tipo... e dá-te outra cena tipo estás ali com raparigas tipo, sei lá... nunca me fez muita confusão ir no skatepark e ya, sou a única rapariga não vou andar. Não, eu não era assim ‘tá a ver? Estava me a cagar, ia andar porque gostava mas ya, comecei a perceber que se calhar... tipo esta cena da South Girl Skate, tudo isso tipo... ajudou bué e ajuda à cena.

Laís – Eu sempre quis viver só do skate, assim como eu via os rapazes a ganhar dinheiro com isso, a serem profissionais, eu falei “Uau, eu também posso ser profissional?” E aí foi que eu descobri que o caminho para nós é totalmente diferente, não é igual ao dos rapazes. A minha ideia ficou um pouquinho para trás do “será que eu vou ser profissional” porque eu não tinha tantas oportunidades e as miúdas que estão começando hoje em dia conseguem ter essas oportunidades, ou seja, todo o nosso sacrifício, o nosso sangue, o nosso suor, as nossas lágrimas tão dando conta como é que as outras meninas se vão inspirar se não há material nenhum. Então eu acho que as marcas, as distribuidoras, as lojas eles têm que começar a colocar as miúdas debaixo das asas deles, assim como fazem com os miúdos. Eu vejo, eles vêm um miúdo que tá andando ali no skatepark põem logo debaixo da asa deles, já vai patrocínios... e eu quase não vejo isso com as meninas, não é? E Porquê? Porque é que tem essa diferença? Nós só precisamos de uma chance, lá ‘tá. De uma oportunidade.

Vickie - Quando eu comecei a andar era um pouco mais difícil porque me sentia um bocado uma ovelha negra, era um grupo essencialmente, nacionalmente quase, constituído só por rapazes e sentia que havia... sentia que havia pouco exemplo da capacidade feminina no skate. Então sentia quase que sempre era parabenizada por pequenas conquistas e parecia que chegava, então não me sentia muito incentivada publicamente para chegar mais longe porque davas um ollie e “Uhhh uma miúda dar ollie, já chega” tipo não, eu sentia sempre que gostava de chegar mais longe. Não queria sentir limites só por ser de sexo feminino. Havia também outras raparigas e acho que no nosso pequeno núcleo de *skaters* femininas que dava para contar quase numa... com os dedos de uma mão, nos apoiávamos muito e tentávamos abstrair-nos um pouco deste conceito de sermos mais fracas no skate e termos menos possibilidades.

Lúcia- eu fui me apercebendo que as pessoas de fora achavam que o skate era um desporto ou um hobby mais para rapazes, mas na minha visão eu nunca tinha pensado como tal porque era uma coisa que eu gostava de fazer então para mim não tinha género, sabes? Não era uma coisa que eu... que eu pensasse muito. Basicamente eu acho que ser *skater* é tu poderes ser tu, sem filtros.

Marta Nery - Claro que há sempre, somos seres humanos, há sempre aquelas pessoas mais picuinhas de “Ah o skate é para estas pessoas, não é para aquelas” e não sei quê, mas pá... eu quando as pessoas me dizem isso eu começo a dizer “Pá, deixem-se de m#%&!s” ou fico no meu canto, não me chateio. Bué gente achava que eu ia desistir por ser uma miudinha e ainda por cima era bué pequenininha, mas eu não desisti e isso ainda... acho que ser mulher é muito acreditar... temos de acreditar ainda mais em nós, não ligar ao que está à volta e é assim que provamos as coisas, portanto eu sempre fui uma pessoa que acreditei em mim, por muito que pudesse ou não haver gente que acreditasse em mim.

Raquel - É assim, eu quando comecei a andar de skate só havia eu e outra rapariga, então eu aí claro que sentia que era meio excluída, quando estava no skatepark toda a gente passava à frente, eu focava ali também meio envergonhada ao longo do tempo foram aparecendo mais raparigas e as coisas foram-se tornando mais normais, havendo raparigas no skatepark, aqui na Casa da Música então essa parte de exclusão deixou de haver. Pode haver alguma coisa, mas já não é como antes. conheço muitas raparigas que começaram até antes de mim, elas tiveram que competir com os rapazes porque não havia raparigas e ninguém queria apostar. “Ok raparigas, ok vem ao campeonato, se calhar nem vai dar manobra nenhuma, não vamos estar a apostar” o que agora é uma coisa que não existe.

Laís - Não havia categoria feminina, nós pedíamos para o pessoal que organizava os campeonatos na altura “Olha façam categoria feminina” era sempre a mesma desculpa “Ah mas não há menina para participarem, não sei que tem” Puxa, como é que você vai incentivar meninas se vocês estão sempre cortando. Eles nos 20 anos que tiveram aqui fazendo campeonatos não fizeram um, peço desculpa pela palavra, um c#\$%&%\$, porra nenhuma porquê? Porque não incentivaram as meninas e quando vamos cobrar, nós ouvimos respostas deles como “Vocês são ridículas, vocês não andam um c#\$%&%\$” e não é só eu falando palavrão, que eu gosto, mas foi mesmo essa “Vocês não andam um c#\$%&%\$ e andam aqui fazendo papel de palhaças, papel de ridículas” ou seja eu ouvi isso da própria organização o porquê de eles não fazerem um campeonato feminino é muito desmotivador, então eu tenho várias meninas, duas saíram chorando do campeonato, uma delas ficou um tempo sem andar de skate, ridículo, ou seja a coisa que ela mais gosta de fazer, deixou de fazer porque alguém que estava ali à frente disse “Você é ridícula andando de skate, você deveria ter vergonha” Porra, a menina levou aquilo a sério e deixou de andar de skate percebe.

Tânia - deixei de ir a campeonatos por causa de stresses que houve, de dizerem “Se é para virem para aqui dar ollies, não venham” E ouvir isso da organização se calhar custou um bocado tás a ver? E se calhar é por isso que não me meto em campeonatos.

Vickie - de facto na altura era muito chato irmos a um nacional e acho que nem havia categoria feminina, acho que não havia categoria, portanto desencoraja obviamente medir as forças com rapazes que têm um nível obviamente superior. Não é que não fosse possível um dia alcançarmos essas metas, mas sabermos sempre que estamos longe do pódio se calhar tirava vontade a algumas pessoas a participar.

Marta Nery - eu sou aquela miúda que sempre foi aos campeonatos todos e a verdade é que havia muitas vezes falta de raparigas e eu até percebo a questão dos organizadores se calhar não quererem apostar porque acharem que não vale a pena, a minha visão é: vale sempre a pena. Vai sempre haver alguém que queira participar, (...) ganham a culpa se excluïrem a categoria. Ou seja, as desculpas de “Ah mas nunca aparecem miúdas, por isso para que é que vamos fazer” Isso é desculpa mais esfarrapada que eu já ouvi, acho que é... se valorizares vais sempre tentar. É aquela coisa, não desistes à primeira tentativa, como no skate, não desistes quando não consegues dar à primeira um flip, insistes. Pá, acho que as coisas têm que se fazer e é só também incentivando que também as pessoas vão começando a aparecer.

Filmagem da Margarida a ajudar a Joana a droppar sozinha.

Carolina – (...) eu acho que agora é um pouco mais fácil apesar de continuar a ter de ser uma luta, não é bem uma luta mas é continuarmos a ser fortes e a conseguir continuar porque às vezes o mais difícil é mesmo continuar. A Saudade foi uma espécie de ok tu consegues, tipo aquilo que tu se calhar sonhas ou pensas em conquistar, tu vais conseguir isso tudo apesar de não ser totalmente uma certeza mas é continuar a lutar pelos meus sonhos. Apesar de pronto, eu não ligar muito a competições e isso tudo mas foi ter a oportunidade de ter ido à Redbull conquest, foi realmente uma experiência incrível e uma abertura para aquilo que eu consigo fazer com o skate e demonstrar e ver as outras pessoas, foi incrível. Então ter chegado a esse patamar, tipo a esse nível foi bastante importante também para eu conseguir perceber o que é que eu quero do skate, o que quero fazer do skate e pronto, descobri que basicamente quero-me divertir, independentemente das fases, às vezes serem um pouco mais difíceis, acho que é importante pegarmos no skate e aproveitarmos sempre o momento.

Aurora - Senti que é super diferente ser uma rapariga porque maior parte das vezes nós skatamos com rapazes e depois quando há uma rapariga a skatar é sempre diferente, é sempre uma vibe muito diferente porque sentes que estás... sentes que estás mais... com possibilidades de fazer coisas mais parecidas com ela, obviamente é diferente ser rapariga ou rapaz no skate, então é sempre fixe. Ya, a dinâmica é diferente. É muito mais próximo na realidade. Parece que... ao mesmo tempo não porque somos só pessoas e é a mesma coisa mas ao mesmo tempo não é a mesma coisa. Porque é assim uma cena mais conectada. Assim mais ligada uma com a outra talvez.

Caetana - Eu sentia essa pressão logo ao início e pensei, foi antes de ir para a praça da figueira pela primeira vez, eu tinha vergonha de ir para a praça skatar e até que houve um dia em que pensei se não vais conseguir skatar nunca, não vais conseguir evoluir se não te expuseres assim e toda a gente cai. Fui, sabes? Caguei, vou e vou para me atirar. Então fui, fui fazer o que sabia, que era shuvit, tava a tentar subir a mandar ollie cá para cima e a mandar shuvit lá para baixo e tava lá uma rapariga, que é a Tété... que veio ter comigo e disse “Bem, ganda maluca” e não sei quê, trocámos números. Até me disse para pôr o pé mais à frente, lá acertei o shuvit, saí de lá já... Sai, acertei o shuvit first try que fui à Praça da Figueira

Madalena - há mais inclusão nos rapazes porque... há sempre uma diferença quer queiramos quer não e.. sim, acho que... Algumas atitudes de impaciência quando comecei. Eu tinha um skate lá está, via-se que tinha acabado de começar e quando passava à frente de alguém, não tinha muita noção que me estava a pôr à frente dos truques às vezes vinha um comentário, assim do género “Sai da frente miúda”

Maria Roque - Porque efetivamente não é só ser uma mulher no skatepark, é ser uma mulher no mundo e, de repente, uma mulher no mundo ser *skater* é renegar efetivamente todos os princípios que foram pregados durante toda esta história e que os nossos pais, os nossos avós, as gerações mais antigas têm como dados adquiridos, não é? E portanto é uma luta, tipo constante, é uma luta todos os dias, é uma luta para explicar numa mensagem de amor que nós temos o nosso espaço, que nós ainda não estamos num nível em que os homens estão porque fomos educadas desde crianças enquanto eles iam para a rua andar de skate, nós ficávamos em casa a brincar com as bonecas, mesmo que não quiséssemos.

apesar de estar a vir cada vez mais ao de cima e hoje em dia eu já ter alunas que se assumem como gender fluid que é uma coisa que nem existia, estamos para além do que é ser mulher no skatepark, já estamos no que é que é, efetivamente, assumir uma diferença num skatepark... e... e eu acho que isso é de uma beleza gigante, aliás, toda a tradição do skate, efetivamente, abriga os marginais, tipo e thanks god que sou uma marginal, tipo e ainda bem eu cada vez mais... pá ainda bem que na realidade olham para mim e veem me como uma mulher marginal que saiu de casa e foi andar de skate e cagou na louça para lavar, tipo ainda bem e ainda bem que há mais miúdas e ainda bem que há uma miúda que chega lá e diz assim “Eu não me vejo como rapariga e como rapaz, vejo me como uma pessoa” e tu tens tipo que engolir aquela situação, tipo agora lida com isto.

Joana - Eu apesar de ir para o skatepark com uma amiga, houve um momento em que sei lá, eu queria ir e ela se calhar não podia então tinha que ir sozinha. (...). Eu ia para o skatepark sentia-me intimidada e é tipo, chegava lá quase a tremer... inseguranças e depois tinha pessoas, seres a dizer-me coisas desagradáveis e quase mostrando que eu não tinha espaço para estar ali.

“Não quero saber se não querem que eu esteja aqui, eu ‘tou aqui, posso não saber fazer nada mas, vou fazer o que sei, vou-me divertir e vocês têm que me respeitar ponto final”

Cada pessoa faz o que cada pessoa quiser no skatepark e acho que é importante que as pessoas percebam que skate também engloba criatividade, quer queiram quer não, ponto final, tu chegares a um skatepark e teres uma pessoa a dizer-te “isso que estás a fazer não é andar de skate” só... isso aí é tipo, falta de respeito, falta de noção, falta de abertura para a receção de outras pessoas, tipo tudo e mais alguma coisa ‘tás a ver? eu acho que é importante que as pessoas percebam que fazer comentários quando uma rapariga está num skatepark não é agradável porque nós já vamos para lá com medo.

Inês Almeida- Há só aquelas situações pontuais, de um pedido para ir sair ou outra coisa, que tornam a situação um bocadinho mais desconfortável, mas uma pessoa vai aprendendo também a lidar com essas situações.

Margarida - ... o nível de skate era sempre mais alto que o meu e a maioria das pessoas nos skateparks, senão mesmo a totalidade eram sempre rapazes e não que seja um problema das pessoas em si mas, é só um pouco mais intimidante não ser tão fácil de me relacionar com os *skaters* e ultimamente tenho conhecido mais e mais raparigas *skaters* que estão sempre a skatar sozinhas e pronto, vamo-nos conhecendo assim e formamos o nosso circulozinho pequeno mas realmente ter, tipo um gang de skate feminino é uma cena que ainda não tenho bem e que tem... tem sido uma cena a desenvolver entre aspas.

Ana Blockveld - Sinto-me bué intimidada, porque não ando assim tão bem como toda a gente que está lá e sinto que estou a ser um bocado ahhh... não é julgada mas é... ‘tão a criar expectativas que não são reais, pensam sempre “Ah ela secalhar não anda nada”, se calhar até não ando mesmo mas sinto-me bué intimidada, sinto bué olhares que são um bocado desnecessários que se fosse um homem provavelmente não teria.

Catarina - Não é fácil mas pronto. É diferente, né. É ser um bocadinho mais... não é necessariamente isto mas eu enquanto mulher sinto que não tenho tanto à vontade para andar de skate quando há muita gente no park, por exemplo, quando está muita confusão. é uma skatada mais chill, uma skatada mais tranquila. Aprender as coisas com mais calma. Também é tipo representar um género que ainda há pouco no skate, cada vez mais, felizmente mas é isso também é para as outras miúdas verem e sentirem que também podem andar de skate e que não são as únicas.

Nay - é bem melhor a gente skstar, no meu caso, skatar junto com um monte de meninas e pode ter rapazes também, vai ser muito mais divertido, ser muito mais... como é que

posso dizer... me pode trazer mais ânimo para a evolução, para eu poder evoluir, mais força...

Mariana- Ya, mas há poucas raparigas e às vezes é giro veres outra rapariga e fico tipo “Olha, outra rapariga”

Rafinha- Eu sinto bué isso, que eu tive um tempo, uma semaninha, em Lisboa senti que evolui muito mais nessa semana do que se calhar numa semana cá, porque a Virgínia acaba por puxar por mim, pelo meu nível.

Maria Santos - A nova geração já dá mais oportunidades às raparigas, não ficam logo a julgar, porque é rapariga não vai saber andar tão bem.

Sabrina - Representatividade. Muita. Porque eu lembro no Skateboarding day que teve aqui em Lisboa todos os *skaters* representando eram rapazes e então a gente tem que mostrar que a comunidade não é só para os rapazes, é para as raparigas também e muitas raparigas acabam por não skatar porque chegam aqui olha e é só rapazes, têm vergonha, ou não são muito bem-vindas porque são as únicas mas ya, eu acho que ser uma rapariga *skater* é meio que... contraria isso, esse principio que só os rapazes podem skatar.

MONTAGE com queda da Aurora e manobras

Ana Blockveld - Acho que é uma comunidade que ainda está a crescer, acho que podia crescer um bocadinho mais, porque há muitas mulheres que têm medo de começar porque “Ah é só homens” “Não vejo uma mulher aqui” e sentem um bocado intimidadas mas, quando começam a andar acho que é bué empoderante (empoderador) ver aquelas mulheres a skatarem bué e dá-me motivação para continuar, para chegar ao nível delas e acho que ‘tamos a ir num bom caminho, vejo cada vez mais mulheres a skatar e isso é incrível. Até mães vão lá na loja comprar skates para acompanhar os filhos. É mesmo fixe.

Alexandra – Parece que as miúdas experimentam como os miúdos experimentavam. Vou experimentar skate tipo ya gostei, não gostei. Não é aquela cena de rapaz tipo tenho que ir brincar com a Barbie e ele vai experimentar o skate. As miúdas agora já experimentam também. Os pais já as trazem para as aulas... ya tá bué diferente. Está num bom caminho.

Carolina - acho que é um grupo muito pequeno, somos todos muito unidos e queremos representar o skate feminino e temos bastante qualidade no pouco que temos mas acho que conseguíamos... porque eu sei que existem muitas raparigas a andar de skate em

Portugal o que acontece é que não se demonstram, pronto não se abrem ao público porque também têm medo ou ninguém olha bem para elas ou isso tudo.

Raquel - O skate feminino em Portugal mudou radicalmente, nos últimos anos, radicalmente. Sinto que houve uma altura que esteve meio estagnado mas agora tá... não para.

Sabrina - ... tem mais raparigas skatando e se calhar tem muitas em Lisboa que nunca tiveram coragem de skatar mas veem muitas raparigas por aí e “Se elas skatam, eu também consigo. Então vou lá também.

Vickie - Já vejo que há campeonatos só com a categoria feminina, com prémios mais decentes, pessoas com mais apoios. Não sei se há patrocínios suficientes, não consigo perceber às vezes se as pessoas têm só apoio ou patrocínio. Mas o estado sem dúvida está muito mais avançado, muito mais evoluído. Vê-se raparigas que têm um excelente nível de skate e geralmente são muito novas portanto têm muito para dar e cada vez mais pessoas a apanharem o passo.

Laís - Eu faço parte do corpo de juízes do skate, sou a única mulher lá ah e eles falam que agora tem a premiação igual e não sei quê mas isso não quer dizer nada. E as oportunidades? Não é? Eu vejo tantas miúdas que estão aí que desistem de andar de skate porque não há oportunidades, então o skate aqui, o pessoal acha que só por dar o prémio igual ou porque o campeonato é para homens e para mulheres, não! Nós precisamos de mais oportunidades, não é? Agora você vê, quantas vídeo parts tem de meninas? Quantas meninas foram capas de revista? Quantas vezes os fotógrafos chamam “Hey, olha vamos fazer aqui umas fotos” e não sei que tem... Eu não vejo isso, o pessoal acha que tá igual mas não ‘tá, ‘tá muito diferente, estamos muito abaixo daquilo que eles estão, nós precisamos de mais oportunidades e aqui, em Portugal, precisa abrir maior essa janela de oportunidades para nós crescermos.

Catarina - Também nunca houve assim grandes apoios, digo eu. Não pela experiência que tenho mas pelas pessoas com quem já falei, não é... e o que se sabe... é isso há pouca motivação, cada vez há mais, felizmente cada vez aparecem mais páginas, fico super feliz. Páginas de incentivo, eventos, etc. mas pronto, é preciso fazer ainda um grande trabalho em relação a isso e esperemos que no futuro fique melhor.

Margarida - Eu não sei bem dizer como era antes mas, o que eu noto é que houve uma explosão enorme do skate há pouco tempo, não só feminino mas consequentemente também traz mais raparigas para o skate. Acho que comparativamente com alguns países estamos um bocado atrás se bem que isto não é uma competição mas estive em Berlim e lá o nível de skate feminino era muito maior, via-se muito mais raparigas a skatar e cá pronto, acho que é uma evolução que vai um bocado partir desta geração que está agora a skatar.

Joana –Falando sobre o skate feminino em Lisboa, a verdade é que neste momento temos um grupo de WhatsApp e cada vez vamos adicionando mais pessoas e nós temos ido... sei lá, vamos andar de skate, uma manda no grupo “Ai bora andar não sei quê”, não sei quantas juntam-se, vamos, fotografamos, gravamos e a verdade é que temos todas níveis muito distintos de skate e também formas de nos expressarmos e as manobras que fazemos e tudo isso... e é incrível porque nós vamos skatar, apoiamo-nos todas umas às outras, ensinamos as nossas manobras às outras e nesse sentido sinto que tem havido uma evolução. Vejo também o trabalho que é feito em Faro e realmente aquilo também tem puxado para a frente o skate feminino.

Lais- nos deem essa oportunidade e te garanto que essa menina se vai concentrar, vai atrás, e vai tipo “Não, vou evoluir porque eles me ‘tão dando isso e eu quero dar uma resposta”, não é?

Aurora - eu ultimamente tenho encontrado muito mais raparigas a começar a andar de skate, muito mais pessoas interessadas nisso e é bué fixe. No início, não conhecia assim muitas raparigas que andavam de skate só... duas. Hoje em dia já conheço imensas e já conheço novas a tentar começar e isso é bué fixe. Acho bom, acho bom que as pessoas gostem... gostam de ver então querem fazer também é bué fixe e dar aquele hype ajudar “tipo bora anda, tu consegues” isso é bué fixe.

MONTAGE FINAL

Apêndice 7. Transcrições das Entrevistas

Entrevista Alexandra Barros

André Filipe (AF): Como surgiu o skate na tua vida?

Alexandra Barros (AB): Não sei, foi bué natural. Foi aquela cena de miúdos, de experimentar cenas e não sei quê. Experimentei bué cenas, futebol, basquete, bué cenas, depois foi patins e ya, dos patins fui para o skate. Vi uns miúdos que andavam na minha escola e ya. Sei lá, não me lembro bem também. Foi bué natural. Decidi experimentar, gostei e continuei a tentar. Depois pedi um skate e deram-me. A minha tia deu me um skate e fiquei com isto para sempre.

AF: Começaste a skatar sozinha ou tinhas um grupo de pessoal com quem andavas?

AB: Tinha, mas, até hoje, fui a única. Acho que só um anda de skate ainda tipo, mesmo assim a sério, como eu quero fazer a cena tipo ya... mas tínhamos um grupinho.

AF: Já skatas há bué tempo, não?

AB: Desde 2013, 2012...2012.

AF: Há dez anos?

AB: Ya, quase.

AF: O que sentes que o skate trouxe para a tua vida?

AB: Trouxe tudo o que eu tenho agora, posso dizer, ‘tás a ver? Tipo, material e não só. Mas também foi tipo, uma cena que... tipo eu sinto me confortável ‘tás a ver? Do género, não faço para ter cenas, mas é porque me sinto bem a fazer aquilo, não sei. Sinto-me eu. Às vezes estou mais confortável no skate do que estar a pé, toda atrapalhada a andar. Sei lá, é um conforto tipo... Não é tipo para ter cenas...tipo também é fixe. Fazeres uma cena que gostas e receberes retorno, né? Mas é mais pelo conforto, faz-me bem, ya.

AF: Consegues encontrar o ponto em que o skate se tornou assim para ti? Houve um momento na tua vida em que pensaste “eu quero é fazer isto”?

AB: Ya, houve esse momento, claro. Tipo no início então é bué frustrante, as manobras e tudo no geral e sei lá... teres de comprar isto e aquilo. Começas a ver que te aleijas mais e gastas mais do que... depois comecei “Não, se queres mesmo isto ya” comecei a ganhar aquela noção e pessoas no geral, ao longo dos anos foram me também mostrando que eu podia viver disso, do que gosto de fazer etc. Mas é natural sempre. Tipo, nunca forcei... acho eu...

AF: O que é para ti ser uma mulher nesta cena do skate?

AB: Imagina no início nem tinha noção que era tipo só eu, tás a ver? Para mim eramos *skaters*, estávamos a skatar. Depois mais tarde, só bem mais tarde ... a primeira rapariga com quem skatei foi a Catarina, só para veres, conheço a há dois anos, três... não sei. Bué pouco tempo, relativamente pouco tempo tipo assim skatar a sério, tipo bora skatar e não sei quê. Uma coisa é uma amiguinha experimentar o skate, gostei, mas ya... Mas ya, comecei a perceber que afinal até fazia falta, não é fazia falta mas tipo ajuda tipo... e dá-te outra cena tipo estás ali com raparigas tipo, sei lá... nunca me fez muita confusão ir no skatepark e ya, sou a única rapariga não vou andar. Não, eu não era assim ‘tás a ver? Estava-me a cagar, ia andar porque gostava mas ya, comecei a perceber que se calhar... tipo esta cena da South Girl Skate, tudo isso tipo... ajudou bué e ajuda à cena.

AF: Nesse momento em que te apercebeste que eras a única aqui, já tinhas uma noção maior de diferenças de género e coisas assim?

AB: Ya, claro... é tipo isso, eu tinha noção mas nunca me atrapalhou. Nunca pensei “Não vou ali porque...” ou tipo, bué rapazes, não me sinto... não, nunca me atrapalhou mas eu sempre tive essa noção, tás a ver? Sempre tive curiosidade de skatar com uma rapariga, claro. Via cenas de raparigas no skate etc e falava com elas, com a Teté, pelo Facebook e falávamos bué. Nunca tinha estado com elas, mas ya... Tinha aquela cena mas estava me a cagar, viver a minha cena na mesma.

AF: Sentias que elas eram referências para ti?

AB: Claro, elas sempre foram referência claro. A nery, a tété, das antigas, mas tipo ya, foi a minha referência mas não... Acho que foi bué inconsciente também. Também comecei mais nova e as cenas antigamente eram tipo, o pessoal não queria fazer a diferença, né? Agora o pessoal faz a diferença. Estavam-se a cagar, “Bora andar de skate, é bué fixe, bué campeonatos” ... Tudo tem que evoluir também.

AF: Como é que caracterizas a tua relação com outros *skaters*?

AB: Sinto-me sempre mais à vontade com raparigas a andar de skate, claro..., mas também depende... depende dos rapazes, depende das raparigas. Já me senti desconfortável com os dois. Mas é sempre mais fixe, né? Somos minoria e estamos juntas é sempre mais... dá sempre mais motivação.

AF: Sentes-te mais à vontade porquê? Por causa do nível?

AB: Acho que não é do nível, é só mesmo porque entendem. Tipo podem dizer o que quiserem, mas é verdade que as raparigas tipo não evoluem tão rápido, se calhar. Têm mais medo daquilo ou *whatever*. Não digo todas né... há sempre a exceção, mas a maioria. Então ya, tu identificas-te com aquela pessoa sei lá. Tipo ‘tão ali para o mesmo.

AF: Como achas que está o skate feminino em Portugal agora?

AB: Está mesmo... nem estava à espera de em tão pouco tempo... então no Algarve tipo, eu não conhecia nenhuma rapariga que andasse de skate, quanto mais andar comigo no Algarve. Nós ainda tivemos um grupo no início, de algumas de Portugal, eram umas quantas... Agora está diferente, vai a qualquer skatepark e vêes uma rapariga, uma ou duas ou três ou quatro, antes não. Antes as que tinhas eram... ya skatavam fixe até, mas agora já... tipo... as miúdas experimentam, como os miúdos experimentavam. Experimentar skate, gostei, não gostei, ya. Não é aquela cena de rapaz tipo tenho de ir brincar com a Barbie e ele vai experimentar o skate. As miúdas agora já experimentam também. Os pais já as trazem para as aulas... ya tá bué diferente. Está num bom caminho.

Entrevista Ana Cristina Blockveld

AF: Como surgiu o skate na tua vida?

Ana Cristina Blockveld (ACB): O skate na minha vida por acaso foi muito aleatório, tava num date na Ribeira e vimos um pessoal a jogar vólei e a skatar ali no flat e nós perguntamos “Podem tirar-nos uma foto com a polaroid?”, eles disseram que sim e eu perguntei logo “Malta, posso me juntar a vocês?”. Eles, tipo, “Ya, claro”. Disse “Olha, posso usar o teu skate?” E eles “Á vontade. Sabes andar? Queres que te ensine?” Ensinarão-me a andar, apanhei logo o jeito e depois comecei a *hangin’ out* com os gajos durante muito mais tempo, comprei o meu skate e comecei a skatar com eles, depois comecei a ir a outros skateparks, fazer outras coisas, comecei a ser ensinada por outras pessoas, noutra sentido: no pump track, no skatepark mesmo. Depois fui trabalhar para a POP, foi a oportunidade de uma vida, comprei o meu skate de street, comecei a aprender a droppar, a mandar rock to fakie, e epá, foi incrível. Foi uma jornada que eu nunca tinha previsto, não sabia que era isto a minha vida e agora não vejo a vida sem o skate.

AF: O que sentes que o skate trouxe à tua vida?

ACB: Trouxe-me uma comunidade, uma família, amigos e epá, um trabalho também, o meu ganha-pão. Consegui mudar-me para Lisboa, graças a este trabalho e não podia estar mais feliz.

AF: Qual é a importância do skate para a tua vida?

ACB: A importância do skate? É o meu meio de transporte. É a minha felicidade, é o que me faz ligar a outras pessoas, se eu vir alguém com um skate na rua vou lá dizer “Ó Meu Deus, olá! Já passaste na POP. Bora skatar um dia!” E, opá, é uma porta que se abriu na minha vida que abriu mais umas trinta. Agora é a minha vida, não vejo mesmo a minha vida sem o skate.

AF: O que é para ti ser uma *skater*?

ACB: Para mim ser uma *skater* é ensinar outras pessoas, é ser ensinada, é aprender coisas novas. Aprender que se eu cair tenho de tentar de novo, tentar de novo, até conseguir. É persistência e é camaradagem.

AF: Como é a tua relação com outros *skaters*?

ACB: A minha relação com os *skaters*... hmmm... pronto, é uma conexão instantânea. Porque começo a falar com alguém que vejo com um skate e a pessoa fica tipo “Ah andas há quanto tempo?” e querem saber cada vez mais e depois ficam “Dá-me o teu insta, dá-me o teu número, vamos combinar ir skatar!” e é uma conexão buéda rápida que acontece, é memo mágico. Nunca vi isto acontecer antes com outro tipo de pessoas.

AF: Como te sentes quando chegas a um spot ou skatepark novo, sendo uma rapariga *skater*?

ACB: Sinto-me bué intimidada, porque não ando assim tão bem como toda a gente que está lá e sinto que estou a ser um bocado ahhh... não é julgada mas é... “tão a criar expectativas que não são reais, pensam sempre “Ah ela se calhar não anda nada”, se calhar até não ando mesmo mas sinto-me bué intimidada, bué olhares que são um bocado desnecessários que se fosse um homem provavelmente não teria. E tento ganhar um bocado o respeito deles, tento manter me um bocado na minha, se vir que são fixes provavelmente vou falar com eles, pergunto se podem ensinar qualquer coisa, mas... é sempre um bocado uneasy.

AF: Na tua opinião, em que estado se encontra o skate feminino em Portugal?

ACB: Acho que é uma comunidade que ainda está a crescer, acho que podia crescer um bocadinho mais, porque há muitas mulheres que têm medo de começar porque “Ah é só homens” “Não vejo uma mulher aqui” e sentem um bocado intimidadas mas, quando começam a andar acho que é bué empoderante (empoderador) ver aquelas mulheres a skatarem bué e dá-me motivação para continuar, para chegar ao nível delas, para ser amiga delas e acho que ‘tamos a ir num bom caminho, vejo cada vez mais mulheres a skatar e isso é incrível. Até mães vão lá na loja comprar skates para acompanhar os filhos. É muito fixe.

AF: Achas que é um problema de representatividade?

ACB: Acho. Acho que se tivéssemos mais mulheres representadas em Portugal, tipo pros, acho que ia encorajar mais meninas pequeninas a começar a skatar para depois também serem pros no tempo delas.

Entrevista Aurora Santos

AF: Como é que o skate surgiu na tua vida? Porque é que começaste a skatar?

Aurora Santos (AS): Comecei a skatar porque fazia anos e ia receber dinheiro e pensei “O que é que vou comprar nestes anos?” e comprei um skate.

INTERRUPÇÃO

AS: Então comprei o meu primeiro skate com o dinheiro do aniversário e por acaso eu achava que não ia conseguir, não sei porquê, nunca tinha andado assim deste tipo de skate, já tinha andado noutros tipos de skate e achava que nem ia conseguir dar um ollie e não sabia dar nada e depois do nada aprendi a dar um ollie assim mais ou menos comecei a ter assim mais esperança e gostei... e fiquei viciada no skate... (risos) E então até agora... Comprei esse skate depois comprei uma tábua nova e fiquei super feliz, evolui bastante por causa disso e entretanto tou assim... com algumas tábuas novas, era suposto falar das tábuas?

AF: Na boa, já explicaste como surgiu o skate, foi um bocado por vontade própria.

AS: Sim, os meus amigos também andavam de skate, na altura não tanto, mas eu pensei “Vou andar de skate acho que vai ser fixe”

AF: Sentes que foi uma forma de estares mais junto dos teus amigos ou foi só mesmo, olhaste para o pessoal a andar de skate...

AS: Ya, e pensei “Ya, isto vai ser fixe” vou andar de skate e depois fui descobrindo que isso era assim, comunidades e... Não sabia nada, não sabia nada sobre skate.

AF: O que achas que é ser uma rapariga no meio de uma comunidade que é maioritariamente masculina e que tem traços muito competitivos ou traços até bastante masculinos

AS: Eu acho que ser uma rapariga no meio de uma comunidade com mais homens é... deixa pensar é que eu não sei explicar, eu sei que é diferente...

AF: Se achares que é mais fácil fala um pouco da tua experiência.

AS: Senti que é super diferente ser uma rapariga porque maior parte das vezes nós skatamos com rapazes e depois quando há uma rapariga a skatar é sempre diferente, é sempre uma *vibe* muito diferente porque sentes que estás... sentes que estás mais... com possibilidades de fazer coisas mais parecidas com ela, obviamente é diferente ser rapariga ou rapaz no skate, então é sempre fixe. Até traz um grande impacto assim quando os rapazes tão a skatar e têm uma rapariga é sempre bué diferente as pessoas ficam assim *Wow*, porque não é nada normal, quer dizer já é mais normal, mas super menor.

AF: Então se calhar a representatividade é uma coisa muito importante neste meio, do género haver mais raparigas ou corpos femininos...

AS: Ya, ya é isso. Sei lá, o corpo feminino claro que vai ter diferenças no impacto com o skate, com qualquer desporto. Então ya, acho que ia fazer um grande impacto, aliás, já está a fazer. Hoje em dia já estão muito mais raparigas a andar de skate e isso é tão bom...

INTERRUPÇÃO

AS: Ya, a dinâmica é diferente. É muito mais próximo na realidade. Parece que... ao mesmo tempo não porque somos só pessoas e é a mesma coisa mas ao mesmo tempo não é a mesma coisa. Porque é assim uma cena mais conectada. Assim mais ligada uma com a outra talvez.

AF: Sentes te mais segura a skatar com raparigas ou não tem tanto a ver com a questão de segurança?

AS: Ok, eu percebo isso. Talvez tenha um bocado mas nem tanto. Faz um bocadinho de impacto tar a skatar com mulheres mas também é uma questão de estares segura contigo própria. Às vezes quando não estou muito segura comigo própria talvez se tiver a skatar

com outra gaja é bué fixe, é fico mais ali tipo “Não estou sozinha” mas às vezes quando estás bem contigo própria skatar só com rapazes também é bué fixe.

AS: No início eu sentia-me super envergonhada, mas eu acho que isso é normal, toda a gente... talvez não... talvez nem toda a gente, maior parte... sente-se assim bem envergonhado, com medo de ir fazer não sei quê porque vai estar ali a estorvar e pronto. Agora hoje em dia já não é assim, agora hoje em dia já tenho mais confiança “Tão, isto é para todos, todos podem fazer o que quiserem” tudo livre pronto

AF: Qual o estado do skate feminino em Portugal?

AS: Eu acho isto bué interessante, eu ultimamente tenho encontrado muito mais raparigas a começar a andar de skate, muito mais pessoas interessadas nisso e é bué fixe. No início, não conhecia assim muitas raparigas que andavam de skate só... duas. Hoje em dia já conheço imensas e já conheço novas a tentar começar e isso é bué fixe e no meu grupo de amigos as raparigas começaram todas a andar de skate então é super fixe, íamos quase dez, era bué fixe. Acho bom, acho bom que as pessoas gostem... gostam de ver então querem fazer também é bué fixe e dar aquele hype ajudar “tipo bora anda, tu consegues” isso é bué fixe

Entrevista Caetana Serra

AF: Como surgiu o skate na tua vida?

Caetana Serra (CS): O skate surgiu na minha vida, no final de 2018, início de 2019. Mais 2019. Skate, street skating, porque... (Recomeça) O skate começou mais a sério na minha vida agora em 2019 quando eu comecei andar de skate com os meus amigos, já street skating porque antes andava num skate mais pequeno e era só mesmo para evitar filas no metro e andar mais depressa pela cidade porque odeio estar à espera nas filas e ter de estar dependente das outras pessoas para chegar a algum lado. E foi assim, e depois descobri um bocado... apaixonei-me um bocado pelo desporto e pelo estilo de vida que traz, não tanto o estilo de vida, mas também o estilo de vida. Mas também a maneira como as pessoas se relacionam, a maneira como as pessoas se ajudam e entrem ajudam e se celebram uma às outras. Acho isso super engraçado e super importante hoje em dia.

AF: O que sentes que o skate trouxe para a tua vida?

CS: O skate surgiu na minha vida também numa fase assim um bocado perturbada, faculdade e pressões e também outras coisas e serviu-me de escape, de... de naquele

momento não estava a pensar em nada, mas sim no skate. Ajudou-me a pensar um bocadinho mais à frente também no que é que isso significa de ‘tar aqui, no agora. Naquele momento presente, ou seja, ajudou-me a crescer nesse sentido ajudou-me a crescer nesse sentido até pessoal de ‘tar aqui agora e sei lá... é... imagina tu olhas para trás e é “Ah eu fiz isto” por isso se calhar quando surgir outro imprevisto na minha vida, tipo se calhar já vou estar mais pronta para enfrentar porque sei que já fiz sito, já fiz aquilo percebes? Já é uma coisa diferente. E sim, foi isso.

AF: Trouxe o desenrascanço à tua vida?

CS: Sim, trouxe um bocado... imagina sempre fui um bocado desenrascada também mas trouxe essa confiança. Trouxe ainda mais... trouxe confiança a minha vida, por aí. Saber que podia fazer coisas que se calhar... e podia fazer coisas à minha maneira que outras pessoas façam ou não, mas, sei lá, eu sou feliz a fazer aquilo, não preciso de estar a fazer uma manobra *xpto* se gosto de estar a fazer só... sabes? Ollie backside e ollie backside e está feito. Também não é por aí.

AF: Qual a importância do skate na tua vida?

CS: Hoje em dia, skate já... já é um vício, já é quase uma droga que eu preciso pá’... pá’ tar ok, porque se há semanas em que eu não vou skatar, se há um mês em que skatei, sei lá, muito poucas vezes, não... é um mês em que eu não estou bem e se calhar cá para fora nota-se isso porque se não estou bem comigo mesma, à minha volta também não vai estar bem e acho que é importante manter esse equilíbrio, fazer esse exercício e também quando te lesionas esperar até ficares bem e recuperares. É complicado, às vezes, abdicar, é esse vício que só queres e quando vês, tás a ver? Mandou x manobra e tu ficas com pica e já só queres (suspiro) é horrível.

AF: O que é para ti ser uma *skater*?

CS: Não sei, eu acho que há pessoas e pessoas. E não vejo muito isso da... sei lá, eu acho que segundo a biologia o skate masculino e o skate feminino têm diferenças, mas a atitude das pessoas eu acredito que há pessoas e pessoas. E há, sei lá... sabes? Há raparigas *skaters* muita bacanas e há *skaters* rapazes muita bacanos como há de haver de certeza miúdas *skaters* que, sei lá, não são tão bacanas sabes? Como rapazes *skaters* que não são tão bacanos. Eu não vejo tanto isso da... sei lá, óbvio que há aquela desigualdade às vezes, mas eu já tive tantas sessões boas que é só na paz e foi muito isso que eu aprendi, tanto

raparigas como rapazes sempre me ajudaram imenso, sempre me motivaram imenso, sempre me inspiraram imenso e acho que é muito rodeares-te de pessoas boas, com boa gente. Eu acho que não é tanto aquele skate, sabes? Ser aquele *skater* ou ser X *skater*, eu acho que é mais tipo, ‘tares lá, naquela tarde, ‘tá uma boa conversa, ainda aprendes um tópico novo, uma coisa superinteressante que se calhar nunca tinhas pensado, abres a tua mente, estás em contacto com imensa gente, tipo estranhos que vão só para aquele spot skatar e têm isso em comum e de repente ele tá e pá, manda ganda manobra e tu “Wohhooo” tás a ver? E já aí, já tá *icebreaker* e já fazes aquela amizade e se for preciso já falam, já trocam uma ideia, eu acho isso super engraçado no skate.

Ser uma *skater* é nunca estar sozinho, eu acho.

AF: Não é uma questão de emancipação?

CS: Também, também. Mas tanto para mulheres como para homens. Sei lá, esse acréscimo de confiança, sabes? Tipo sei lá, um gajo, tenho a certeza, que quando descem... quando skatam de 6 metros ou 10 metros ou lanço de 18 escadas, tipo seja homem ou mulher vai ficar tipo ahhh (espanto) *I did this*, sabes? Tipo... depois olhas para trás e se calhar etapas da vida não parecem tão assustadoras porque já passaste por aquilo que é super assustador. Percebes? É um bocado fazer essa analogia. Para além de, sei lá, tudo o que traz, ‘tás no esforço e ‘tás com dedicação e depois o bom físico e... gosto disso também.

AF: Como caracterizas a tua relação com outros *skaters*?

CS: Eu caracterizo a minha relação... ótima! Tenho uma relação ótima com outros *skaters*, sei lá boa e má. Há boas pessoas e pessoas que não são assim tão boas e, ou que naquele dia não são assim tão boas ou que naquele dia estão chateadas... Eu não ligo muito a essas coisas, nem quando são arrogantes ou assim. Claro que há atitudes que não se gosta ou atitudes que se gosta muito mas eu tento não ligar a isso e não me focar nessas coisas porque, como estava a dizer acho que o mais importante é o skate e... a pessoa ser boa ‘tares tipo... sentires-te à vontade para partilhar e falar sobre qualquer coisa.

AF: Como te sentes quando chegas a spot ou skatepark novo? Sentes que há pressão por chegares a um sítio novo?

CS: Não, não sinto. Não sinto essa pressão. Estando sozinha ou não. Eu sentia essa pressão logo ao início e pensei, foi antes de ir para a praça da figueira pela primeira vez,

eu tinha vergonha de ir para a praça skatar e até que houve um dia em que pensei se não vais conseguir skatar nunca, não vais conseguir evoluir se não te expuseres assim e toda a gente cai. Fui, sabes? Caguei, vou e vou para me atirar. Então fui, fui fazer o que sabia, que era shuvit, tava a tentar subir a mandar ollie cá para cima e a mandar shuvit lá para baixo e tava lá uma rapariga, que é a Tété... que veio ter comigo e disse “Bem, ganda maluca” e não sei quê, trocámos números. Até me disse para pôr o pé mais à frente, lá acertei o shuvit, saí de lá já... sai, acertei o shuvit first try que fui à Praça da Figueira, nunca tinha ‘tado a fazer street, nunca tinha feito gaps, nunca tinha feito nada e foi *scary* mas ótimo ter tido a Tété lá e depois conheci imensa gente boa através da Tété sabes? Ou seja, quando tentam dizer aquelas rivalidades, sim eu sei que existem que há pessoas que são assim, mas eu não vejo isso nada assim, porque há muito boa gente e tipo, o engraçado do skate é tens pessoas de 5 anos como pessoas de, sei lá, 40 anos, 60 anos. Já vi um gajo de 60 anos que andava aí a mandar *bowls* e mandar de 50’s e *back 50’s* sabes? Tipo já aí mesmo pesado. E ya, é isso tipo tu aprendes muito se ouvires e também a falar, aprendes a errar, aprendes a ir magoar-te, aprendes a cair.

AF: Em que estado se encontra o skate feminino, em Portugal?

CS: Chocantemente bom, está cada vez melhor, ainda hoje antes de chegares cá, à Praça, tava dominado por raparigas, duas já a dar *lines*, a filmar, muito *style*. E tenho visto cada vez mais mesmo, mesmo, mesmo e estão a skatar bem! A partir a loiça toda tipo... e é ganda cena. É granda *vibe*, acho mesmo bacano.

Entrevista Carolina Rodrigues

AF: Como surgiu o skate na tua vida?

Carolina Rodrigues (CR): Ok, eu comecei... tive a minha primeira experiência quando recebi um skate num... numa coisa de chocolate e... e desde aí já tinha visto o skate, já me tinha posto em cima e achava engraçado mas depois entretanto aconteceram algumas coisas, eu fui morar com o meu avô, também perdi esse skate, os meus tios tinham um skate, eu de vez em quando andava mas depois aos onze anos tive um amigo que também me começou a incentivar mas também fazia karaté então não... não continuei e há cerca de um ano e pouco atrás decidi voltar a pegar no skate e esse meu amigo também me

ajudou, mais uma amiga que entretanto desistiu e foi isso, comecei a pegar, comecei a agarrar, comecei a não querer largar basicamente.

AF: O que significa o skate para ti ou que é que o skate trouxe à tua vida?

CR: Bom o skate trouxe imensa coisa. Não vou dizer que foram só coisas boas, também trouxe algumas coisas más... Neste ano foi uma grande... um grande desenvolvimento pessoal... e também social... entre conhecer novos amigos, ter experiências novas, o skate basicamente... teve comigo este último ano da minha vida, bastante presente e foi bastante importante para mim e continua a ser... E é isso, acho que skate... pronto, acho que é um pouco o meu ser e um pouco a minha ajuda nos dias. Se calhar se estou um bocadinho mais triste vou andar de skate ou se estou mesmo feliz, vou andar de skate (risos) portanto é uma coisa que me acompanha é como se fosse o meu melhor amigo por assim dizer, ya.

AF: Fala um pouco de experiências, exemplos de situações, que já tenhas tido dentro da comunidade, quer sejam bons ou maus.

CR: Experiências más como se calhar não me sentir tão integrada, isso era mais no começo. Sentia também que por ser rapariga era um pouco mais difícil integrar-me no meio, era um pouco mais difícil eu juntar-me, mas à medida que também fui começando a andar mais de skate as pessoas também me foram conhecendo melhor e isso tudo... também fui ouvindo novas experiência... novas ideias e as pessoas a contarem as histórias e tudo o que passaram também... Também tive momentos em que, pronto... fui andar demasiado de skate e acabei por ficar de castigo e ter de lidar com isso tudo. Até houve uma altura em que fiquei sem skate, tiraram-me o skate e tive de montar um skate todo ranhoso (risos) assim de peças que eu tinha encontrado e isso tudo. Ainda estive a andar com ele algum tempo, até pronto, voltar a ter o meu skate. E experiências ótimas como ir gravar, conhecer pessoas novas, encontra-se sempre pessoas incríveis e... é isso, foram imensas coisas que passei também e ainda vou passar, então... Ah e só mais uma coisa. Acho que uma coisa bastante boa que me aconteceu apesar de pronto, eu não ligar muito a competições e isso tudo mas foi ter a oportunidade de ter ido à *Redbull conquest*, foi realmente uma experiência incrível e uma abertura para aquilo que eu consigo fazer com o skate e demonstrar e ver as outras pessoas, foi incrível. Então ter chegado a esse patamar, tipo a esse nível foi bastante importante também para eu conseguir perceber o que é que eu quero do skate, o que quero fazer do skate e pronto, descobri que basicamente

quero-me divertir, independentemente das fases, às vezes serem um pouco mais difíceis, acho que é importante pegarmos no skate e aproveitarmos sempre o momento.

AF: E para ti, o que é ser uma mulher no meio deste mundo maioritariamente masculino?

CR: Bom, eu ao longo deste ano... deste tempo que não fui andando de skate... eu acho que no começo era mais difícil, no começo era mais difícil pensar ou se calhar integrar-me porque eram só rapazes mas eu sempre tive muita facilidade em integrar-me assim nos grupos, na escola e isso tudo, ter sempre pessoas da minha idade... de... da minha idade mas maioritariamente rapazes então foi um pouco mais fácil eu conseguir integrar-me mas foi sempre aquele estranhamento, levar sempre com um pouco de... aqueles olhares, aquele tudo mais mas acho também que com o apoio que muitas raparigas já conseguiram e... pronto, aquilo que se está a criar no skate, no feminino eu acho que agora é um pouco mais fácil apesar de continuar a ter de ser uma luta, não é bem uma luta mas é continuarmos a ser fortes e a conseguir continuar porque às vezes o mais difícil é mesmo continuar. Começar até que é fácil porque pegamos num skate, vamos para um sítio, mas depois aquele... o entendimento às vezes também com o skate, porque pronto, temos de nos focar às vezes e abstrair-nos um pouco do que é que acontece, se calhar mais do que um rapaz, uma rapariga tem de aceitar mais isso do que um rapaz. Mas acho que aos poucos é mais... vamos conseguindo ser mais fortes, um grupo mais unido.

AF: Estado do skate feminino cá em Portugal?

CR: Cá em Portugal acho que está um pouco baixo, um pouco bastante baixo. Praticamente conheço todas as raparigas que andam de skate e não conheço todos os rapazes obviamente (risos) Então acho que é um grupo muito pequeno, somos todos muito unidos e queremos representar o skate feminino e temos bastante qualidade no pouco que temos mas acho que conseguíamos... porque eu sei que existem muitas raparigas a andar de skate em Portugal o que acontece é que não se demonstram, pronto não se abrem ao público porque também têm medo ou ninguém olha bem para elas ou isso tudo... Então uma coisa que eu realmente vi no *Girls Skateboarding Day*, foi que realmente nós conseguíamos estar mais juntas e conseguíamos ter mais apoios juntas e que havia realmente muitas raparigas a skatar. Mas que realmente ainda existe muito preconceito ou desentendimento com uma rapariga que está a andar de skate, ainda é visto como um skate muito... como um desporto muito masculino. Mas acho que todas juntas e com os

projetos que temos e com tudo mais acho que vamos conseguir fazer com que as raparigas fiquem mais unidas e tudo mais.

AF: Achas que o facto de teres entrado numa team, como a Saudade, também te ajudou a tornares-te mais credibilizada, vá.

CR: Definitivamente, acho que sim. Apesar de... como hei de dizer... ainda não foi um lançamento assim tão grande da marca e isso tudo mas já sou vista se calhar com... como uma rapariga que já anda de skate, já tem alguma coisa no skate, já conquistou algo, então se calhar é mais fácil aplaudirem-me ou verem-me ou irem ao meu Instagram e tudo mais, apesar de pronto ... apesar de serem redes sociais ainda é uma maneira de nos conseguirmos demonstrar-nos e isso ajudou muito... e eu acho que sim, acho que a Saudade foi bastante importante também para eu conseguir entender que realmente existe quem olhe para mim não é e que eu consiga, não sei (risos) é um pouco difícil de explicar. Sinto que também ganhei uma certa confiança em certas coisas, sinto que também foi muito contra o meu ser também, de conhecer mais pessoal, e desenvolvimento artístico também, porque gosto de artes e ter entrado foi uma espécie de ok tu consegues, tipo aquilo que tu se calhar sonhas ou pensas em conquistar, tu vais conseguir isso tudo apesar de não ser totalmente uma certeza, mas é continuar a lutar pelos meus sonhos.

Entrevista Catarina Florido

AF: Como surgiu o skate na tua vida?

Catarina Florido (CF): Surgiu em 2020, na pandemia, quando fiquei sem trabalho, sem nada para fazer... aliás, comprei o skate e pouco tempo depois conheci o Viriato, o meu namorado e ele ensinou-me a andar de skate e tudo mais mas... foi muito intenso, todos os dias como não tinha nada para fazer, todos os dias íamos skatar e foi assim que surgiu o gosto.

AF: Achas que o skate tem alguma importância para a tua vida?

CF: Bastante. Tornou-se tudo na minha vida, basicamente, o meu dia-a-dia, o meu estilo de vida. Criei a página South Girl Skate, o movimento, tenho a associação da Wallride com o Viri e mais montes de gente e o meu dia, a minha vida gira à volta disto.

AF: O que é que significa o skate para ti?

CF: Opá é a liberdade, de expressão e de movimentos e de tudo. É uma cultura diferente de todas as outras, mais do que um desporto, nunca gostei de desporto, sempre tive nega a educação física, por isso não tem nada a ver... Desculpa, a pergunta... ah... é isso a liberdade de expressão e pronto, é a coisa que me dá mais gosto de fazer, hoje em dia.

AF: O que despoletou a criação da página e de te quererem envolver mais no sentido comunitário?

CF: Pronto, localmente, em Faro, só existia a Alexandra que era a única regular, local vá. Então sentia que havia necessidade de uma presença feminina ou diferente, sem ser aquele hétero normativo aqui no *skatepark* e pronto decidi ver quem é que existia já, que pudesse ser mais incentivado a vir, a participar, a formar uma comunidade mais coesa e pronto, também para ter mais companhia para andar de skate, para além do Viri. E pronto, é isso. Juntar mais raparigas no geral.

AF: O que sentes que é ser uma mulher no meio desta comunidade maioritariamente masculina.

CF: Não é fácil mas pronto. É diferente, né. É ser um bocadinho mais... não é necessariamente isto, mas eu enquanto mulher sinto que não tenho tanto à vontade para andar de skate quando há muita gente no *park*, por exemplo, quando está muita confusão. Quanto mais fosse para campeonatos e me tivesse de jogar para um *best trick* enquanto ‘tá mil pessoas a andar ao mesmo tempo, por exemplo sei lá. É aquela cena de... é uma skatada mais *chill*, uma skatada mais tranquila. Aprender as coisas com mais calma, também. É aquela energia mais feminina, mais calma, mais... pronto diferente da masculina... Também é tipo representar um género que ainda há pouco no skate, cada vez mais, felizmente, mas é isso também é para as outras miúdas verem e sentirem que também podem andar de skate e que não são as únicas, sei lá. É isso, representar.

AF: Para ti, porque é que o skate feminino em Portugal está como está?

CF: Também nunca houve assim grandes apoios, digo eu. Não pela experiência que tenho, mas pelas pessoas com quem já falei, não é... e o que se sabe... é isso há pouca motivação, cada vez há mais, felizmente cada vez aparecem mais páginas, fico super feliz. Páginas de incentivo, eventos, etc., mas pronto, é preciso fazer ainda um grande trabalho em relação a isso e esperemos que no futuro fique melhor.

AF: Qual a tua primeira impressão ou primeiro impacto quando chegas a um skatepark ou spot novo

CF: O costume é... Por exemplo, em Portugal o costume é tipo, se houver uma ou duas raparigas é muito. Pronto, depende das zonas também. Gosto quando está pouca gente, quando está muita gente penso logo “Fogo, tempo desperdiçado”. É complicado, habituar-me ao park e andar com *locals* que já sabem para trás e para frente e quando veem uma pessoa nova sentem aquela necessidade de andarem quase em cima para mostrar que andam melhor ou *whatever*. É um bocado assim. É sempre uma boa experiência ir a parks e spots diferentes por isso tento aproveitar.

AF: Sentes-te mais à vontade a ir a um spot acompanhada por raparigas ou rapazes?

CF: Se for com rapazes... pronto, eu adoro ir sempre com raparigas, mas lá está, é aquela cena, de com quem tenho mais confiança. Aí os géneros não têm muita coisa que se lhe diga. Porque pronto o meu namorado é homem e claro que tenho mais confiança com ele do que se fosse uma rapariga que mal conheço, mas é isso... No geral quanto mais raparigas forem mais tipo sinto mais confiança tipo “Ok, não sou a única rapariga a apresentar-me a este mundo” tipo não de uma parte interior, mas exterior, como o exterior me vê basicamente.

AF: Sentes que pode haver essa dificuldade ou esse complexo, entre aspas, por causa do nível a que skatas? Não estares ainda muito à vontade com as tuas habilidades?

CF: Sim, sem dúvida. Se uma pessoa andar de skate em ambientes que não são o nosso skatepark local tem muita tendência a pronto, tipo tens de mostrar o que é que vales basicamente, estás ali quase... tão júris a olhar para ti só porque não é o sítio onde estás mais habituada a estar.

AF: Como caracterizas a tua relação com outros *skaters*?

CF: É boa. Depende das pessoas em geral. Das suas personalidades, mas tento sempre... pronto se alguém é *skater* eu sinto que aquela pessoa me compreende melhor do que se for uma pessoa normal que não percebe nada de skate, né. Porque nós temos uma cultura muito própria, muito... não sei... sinto que só quem anda mesmo regularmente sabe o que é skate, não aquelas pessoas que vão tentar um dia e não vivem aquilo a 100% então é isso. Acho que a minha relação com alguém que seja *skater* é sempre... tento sempre

tipo, que seja boa porque eu compreendo o que é que aquela pessoa passa, assim como ela compreende as minhas dificuldades.

Entrevista Francisca Patameira

AF: Como surgiu o skate na tua vida?

Francisca Patameira (FP): Então basicamente era Natal, passagem de ano e eu em janeiro decidi comprar um skate porque sim, porque queria experimentar coisas novas. Comprei um skate, a minha irmã também tinha um na altura, começamos a andar juntas e a partir daí ela começou-me a puxar e comecei a ir ao skate... ao início tinha um bocado de vergonha... comecei “ok, não interessa, bora”. Entrei e desde aí não parei, foi sempre... um bocado viciante.

AF: O que significa para ti ser uma *skater*?

FP: Para mim ser uma *skater*... basicamente eu sinto que... não sei... posso explorar à vontade. Tou livre, posso ser eu e crio grandes ligações, amizades que sinto que são mesmo verdadeiras.

AF: O que significa o skate para ti?

FP: Tipo... ser criativa. Posso criar à vontade, é isso... posso explorar... Tipo eu faço como desporto e muitas vezes tenho que ir treinar. Na minha cabeça eu digo “Não, tenho mesmo de ir treinar” porque senão perco as manobras e assim e quero evoluir mas tento levar também como... ou seja, uma brincadeira... tipo, não acero uma manobra mas tipo, vai sair é ir tentando, acreditar um bocado.

AF: Achas que as pessoas olham para os rapazes e para as raparigas a andar de skate da mesma forma? Achas que existe preconceito e ele está dentro da comunidade ou fora?

FP: Ok, eu não estou há muito tempo no skate, né? Tipo há dois anos, mas sinto que tem vindo a melhorar um bocado e há imensas raparigas agora a começar a andar, mas... não sei, também já senti dentro do skate isso de, não sei... ser rapariga. Nem é por mal, é não estarem à espera porque também não é muito comum... Tipo não ‘tão à espera e se calhar começas a andar e ficam tipo “ah ya ok anda bem” ... mas são todos bué na boa tipo integram-te bué bem. Mas se calhar no início não estão à espera, só isso. Mas dentro da comunidade do skate... sempre me integraram bem tipo...

Entrevista Inês Almeida

AF: O que é significa o skate para ti?

Inês Almeida (IA): O que é significa o skate para mim? Não sei, é uma forma de descontração, uma forma de brincadeira, é... nem sei é natural. Não sei que dizer mais.

AF: O que é para ti ser uma *skater*?

IA: Para mim ser *skater* é poder divertir-me com uma coisa que adoro, é divertir-me a cair, é poder lidar um bocadinho com as frustrações em cima de um objeto sobre rodas. É conhecer pessoas que eu nunca conheceria de outra maneira, de backgrounds completamente diferentes e abrir-me um bocadinho a novas coisas.

AF: Como foi a tua experiência dentro da comunidade?

IA: Comigo sempre foi um bocado tranquilo, comecei a aprender sempre um bocadinho mais sozinha ia mais cedo para skateparks para... há sempre aquela... sentes-te intimidada quando vês imensas pessoas a andar, especialmente por serem quase todas do sexo masculino, mas depois começaram a ser sempre todos muito simpáticos, apoiaram sempre novas aprendizagens. Há só aquelas situações pontuais, de um pedido para ir sair ou outra coisa, que tornam a situação um bocadinho mais desconfortável, mas uma pessoa vai aprendendo também a lidar com essas situações.

Entrevista Joana Correia de Sampaio Melo

AF: O que é que significa o skate para ti?

Joana Melo (JM): Antes de eu andar de skate, eu fazia ginástica acrobática de alta competição e todas as acrobacias e tudo o que isso envolve, que eu fazia têm regras muito específicas e estipuladas. O skate ao contrário disso, eu acho que, quer seja considerado um desporto ou não, é algo que tu fazes que permite uma grande liberdade e imaginação. Para mim, eu acho que é isso. Se eu faço as manobras mais comuns ou as mais difíceis, não, eu faço manobras em que me sinto confortável, faço manobras que puxam pela minha imaginação e eu acho que é um bocado isso, é procurar com uma tábua com rodas criar alguma coisa que te permita chegar a um... algo. Isto foi tão específico (risos) Às vezes para mim o skate é só tipo, tou com bué raiva e vou para o skatepark e ainda fico com mais raiva porque não acerto nada mas é tipo ... posso dizer palavras? Tipo f#\$%-se, pegar na tábua e conseguir mandá-la para o chão com bué força e cenas assim... tipo isso é bué bom, bué libertador... Mas não façam isso no skatepark amigos...

AF: O que é que o skate trouxe à tua vida?

JM: Sinceramente, no início, o skate não me trouxe assim tão boas coisas. Eu apesar de ir para o skatepark com uma amiga, houve um momento em que sei lá, eu queria ir e ela se calhar não podia então tinha que ir sozinha. Nessa altura e também porque eu não fazia nada mais que um ollie, não foi propriamente uma experiência feliz e que me trouxe coisas boas. Eu ia para o skatepark sentia-me intimidada e é tipo, chegava lá quase a tremer... inseguranças e depois tinha pessoas, seres a dizer-me coisas desagradáveis e quase mostrando que eu não tinha espaço para estar ali. Depois de ter ido para Barcelona, e foi aí que eu aprendi tipo, todos os truques que eu sei, foi aí que a minha mentalidade mudou, a minha atitude mudou, depois disso é assim, o skate começou a trazer-me amigos, amigas, novas experiências, viagens hmmm muitas quedas, dentes partidos também. Mas acho que mais do que isso tudo foi tipo ensinamentos ... é assim, eu acho que apesar da experiência inicial não ter sido a melhor, eu acho que também... se calhar a minha mentalidade, a forma como eu encarava as coisas, a mudança nisso fez com que houvesse uma mudança da minha presença no skatepark, foi tipo “Não quero saber se não querem que eu esteja aqui, eu tou aqui, posso não saber fazer nada mas, vou fazer o que sei, vou-me divertir e vocês têm que me respeitar ponto final”. Eu acho que cada pessoa faz o que cada pessoa quiser no skatepark e acho que é importante que as pessoas percebam que skate também engloba criatividade, quer queiram quer não, ponto final, tu chegares a um skatepark e teres uma pessoa a dizer-te “isso que estás a fazer não é andar de skate” só... isso aí é tipo, falta de respeito, falta de noção, falta de abertura para a receção de outras pessoas, tipo tudo e mais alguma coisa ‘tás a ver? E tou só a dizer isto porque eu acho que é importante que as pessoas percebam que primeiro, fazer comentários quando uma rapariga está num skatepark não é agradável porque nós já vamos para lá com medo. Ainda no outro dia estava a falar com a Carol e com a Sophie, que foi uma rapariga da Alemanha que esteve cá connosco e acho com a Magy também... Estávamos a falar que ainda hoje e atenção, a Carol estava a dizer hoje ainda me acontece mas acontece muito menos e eu estava a dizer “Carol, a mim hoje ainda me acontece não sei se acontece muito menos mas nós tipo continuamos a chegar a um skatepark ou a um sitio qualquer que seja para skatar e sentimo-nos intimidadas pelas pessoas que ali estão” Tipo a partir do momento em que a mentalidade geral das pessoas não mudar acerca do assunto isto não vai, isto não vai andar para a frente. E também é por isso que eu acho que nós temos tentado estar mais juntas e skatar juntas que é para tipo “Malta, nós estamos

aqui, queremos ser respeitadas tipo...” Isto é muito mais fácil fazer em grupo do que uma sozinha.

AF: Em que estado e encontra o skate feminino em Portugal?

JM: Então, falando sobre o skate feminino em Lisboa, a verdade é que neste momento temos um grupo de WhatsApp e cada vez vamos adicionando mais pessoas e nós temos ido... sei lá, vamos andar de skate, uma manda no grupo “Ai bora andar não sei quê”, não sei quantas juntam-se, vamos, fotografamos, gravamos e a verdade é que temos todas níveis muito distintos de skate e também formas de nos expressarmos e as manobras que fazemos e tudo isso... e é incrível porque nós vamos skatar, apoiamo-nos todas umas às outras, ensinamos as nossas manobras umas às outras e nesse sentido sinto que tem havido uma evolução. Vejo também o trabalho que é feito em Faro e realmente aquilo também tem puxado para a frente o skate feminino... podia estar melhor? Podia. Em comparação com aquilo que estava quando comecei a andar de skate e agora, completamente diferente. Eu ia para o skatepark e não havia uma única rapariga, não conhecia ninguém, neste momento como já disse nós somos várias e damo-nos bem umas com as outras, puxamos uma pelas outras, vamos a eventos juntas... Eu acho que ainda não estamos lá, mas estamos a caminhar e pouco a pouco eu acho que as coisas, eventualmente se continuarem neste ritmo hão de chegar a um nível em que nos podemos mostrar satisfeitas com o trabalho que foi feito.

Entrevista Laís Reis

AF: Como surgiu o skate na tua vida?

Laís Reis (LR): Bom, o skate surgiu na minha vida... foi na escola, tinha catorze anos de idade e toda a vez que eu saía da escola via um grupo de rapazes andando de skate à frente da minha escola, eu sempre fui assim meio rebelde então achei aquilo demais e comecei a conversar com eles, pegar no skate emprestado e aprendi a descer uma rua e achei aquilo fantástico então foi a partir daí que eu fui ganhando o bichinho pelo skate.

AF: O que sentes que o skate trouxe à tua vida?

LR: Eu sinto que o skate, veio assim pra somar, muito mais para somar ele... transformou a minha vida. Eu hoje não consigo me ver sem andar de skate, não sei o que seria da minha vida sem essa parte tão importante para mim no skate. Trouxe para mim amigos, trouxe para mim trabalho, trouxe para mim quem eu sou. Então faz não só parte da minha

vida, mas também parte de quem eu realmente sou. Então skate é muito fixe, eu gosto muito (risos).

AF: Qual a importância do skate na tua vida?

LR: O skate, ele... ele trouxe para mim grandes valências e competências, acho que não só hmm pessoais, não é? mas também profissionais então ... ser um pouquinho destemida, ou seja, poder falar, não ter medo, não é? E não só não ter medo, mas quando a gente tá com medo, ir com medo mesmo, quando a gente vai droppar uma rampa. Então isso me ajudou muito em entrevistas de trabalho... na minha vida pessoal, ganhar coragem para conversar com tal pessoa e isso me criou muita coragem. Por isso acho que o skate ele entra com essas valências não só pessoais mas também profissionais.

AF: O que é para ti ser uma *skater*, uma mulher *skater*?

LR: Bom, isso assim é um assunto bem delicado, porque quando comecei a andar de skate há uns 20 anos atrás, nós nunca imaginámos que... eu sempre quis viver só do skate, não é? Assim como eu via os rapazes a ganhar dinheiro com isso, a serem profissionais, eu falei “Uau, eu também posso ser profissional?” E aí foi que eu descobri que o caminho para nós é totalmente diferente, não é igual ao dos rapazes. Então, hoje em dia skate para mim é diversão, é tar ali, curtir, mas eu gostava que hoje fosse diferente, que fosse tipo “Fogo eu consigo mesmo ser *skater*” tipo consigo trabalhar com isso, ser *skater* profissional, consigo fazer dinheiro com isso. Então o skate para mim, eu vejo, para mim, é tudo não é. Calma, tou-me enrolando toda aqui, tenho que começar de novo. Também estava ali a senhora a explicar tão alto... F#%&-se (risos). Ahhmmm mas o skate... Eu acho que a gente está num bom caminho, não é? Por exemplo, eu ando de skate há vinte anos e a minha ideia ficou um pouquinho para trás do “será que eu vou ser profissional” porque eu não tinha tantas oportunidades e as miúdas que estão começando hoje em dia conseguem ter essas oportunidades, ou seja, todo o nosso sacrifício, o nosso sangue, o nosso suor, as nossas lágrimas tão dando conta, então hoje, por exemplo a Alexis Sablone, ontem ahhh ela entrou... Alexis Sablone anda de skate há pfff muitos anos e é uma das melhores *skaters* que eu conheço, ela entrou agora como uhmmm líder da equipa de skate feminino nos Estados Unidos, então nós vamos ganhando mais espaços. Então uma miúda começa a andar de skate hoje, consegue projetar “Eu quero ser profissional, quero ganhar vida com isso” e se ela fizer carreira ela consegue isso, então é muito fixe.

AF: Como caracterizas a tua relação com outros *skaters*? Tanto rapazes como raparigas?

LR: Ahh isso acho que é... relacionamento é como qualquer outro relacionamento, não é? Quando você conhece, primeiro, já tem aquela simpatia, não é? Você vê um *skater* passando na rua, você vai cumprimentar, vai sorrir, naturalmente. A pessoa sorri para você, você sorri pra ela. Porque os dois estão de skate, não é? E depois, com tempo você vai conhecendo as pessoas e é aí que vem ahh... não podemos esquecer que nós somos *skaters* mas há uma pessoa ali por trás daquele *skater*, então a minha relação vai lá 'tá, sempre há um amor à primeira vista e depois conhecer melhor as pessoas.

AF: Como te sentes quando chegas a um spot ou skatepark novo? Sentes-te intimidada, qual é normalmente a tua sensação?

LR: Bom, eu já passei por essa fase de estar intimidada, não é? Não me sinto intimidada, eu vou logo. A primeira coisa que faço é chegar e cumprimentar as pessoas, porque são os locais ali então acho que é o mínimo de respeito que tou indo na "casa" deles, não é? Assim como vejo aqui a minha "casa", lá é a "casa" deles, então cumprimento e não fico tímida, faço logo amizades, vou logo conversando e vamos andar de skate, é isso. Já passei essa fase de ficar tímida.

AF: Na tua opinião, em que estado se encontra o skate feminino em Portugal?

LR: Bom, bem mau. Bem fraco. Muito fraco mesmo. Eu faço parte do corpo de juizes do skate, sou a única mulher lá ah e eles falam que agora tem a premiação igual e não sei quê, mas isso não quer dizer nada. E as oportunidades? Não é? Eu vejo tantas miúdas que estão aí que desistem de andar de skate porque não há oportunidades, então o skate aqui, o pessoal acha que só por dar o prémio igual ou porque o campeonato é para homens e para mulheres, não! Nós precisamos de mais oportunidades, não é? Agora você vê, quantas *video parts* tem de meninas? Quantas meninas foram capas de revista? Quantas vezes os fotógrafos chamam "Hey, olha vamos fazer aqui umas fotos" e não sei que tem... Eu não vejo isso, o pessoal acha que tá igual, mas não 'tá, 'tá muito diferente, estamos muito abaixo daquilo que eles estão, nós precisamos de mais oportunidades e aqui, em Portugal, precisa abrir maior essa janela de oportunidades para nós crescermos.

AF: Achas que isso se pode atingir através do quê?

LR: Eu acho que a maior solução é um pouquinho mais de fé, acreditar um pouquinho mais nas meninas e nos potenciais. Ninguém nasceu já andando, nós vamos evoluindo. Então eu noto que há... que os rapazes... quando digo rapazes, as marcas, os fotógrafos,

não botam tanta fé na gente. Tipo “Ah ela está andando daqui a pouquinho ela vai parar” Então esse tipo de pensamento vai gerar... é uma bola de neve, não é? Ou seja, pensam isso e realmente não apoiam aquela menina, não há ... como é que as outras meninas se vão inspirar se não há material nenhum. Então eu acho que as marcas, as distribuidoras, as lojas eles têm que começar a colocar as miúdas debaixo das asas deles, assim como fazem com os miúdos. Eu vejo, eles veem um miúdo que tá andando ali no skatepark põem logo debaixo da asa deles, já vai patrocínios... e eu quase não vejo isso com as meninas, não é? E porquê? Porque é que tem essa diferença? Nós só precisamos de uma chance, lá tá. De uma oportunidade. Que nos deem essa oportunidade e te garanto que essa menina se vai concentrar, vai atrás, e vai tipo “Não, vou evoluir porque eles me ‘tão dando isso e eu quero dar uma resposta”, não é?

AF: Achas que esta, chamemos-lhe assim, “deficiência” do skate feminino português foi causada porquê? Qual foi o maior fator que fez com que o skate feminino não evoluísse ou não andasse atrás do masculino, cá em Portugal?

LR: Ok, eu vou ser bem polémica agora. Assim como no Brasil, Portugal também é extremamente machista. Então já visto pela sociedade que nós somos mais fracas, não somos capazes, nós temos de estar sempre provando a nós mesmas que podemos, que aqui é o nosso lugar, não é? Então, Portugal fica sempre... lá está é machista, a sociedade pensa... se você vê um rapaz a andar de skate “Nossa, fixe. O rapaz está andando de skate.” Se for uma menina tipo “Mas a menina não tem mais nada que fazer? Porque é que ela ‘tá andando de skate?” E isso depois ainda piora para mulheres mais velhas que estão andando de skate ou têm filhos “Puxa ela ‘tá aqui no skatepark andando e o filho dela quem é que tá cuidando?” Mas tenho montes de *skaters* pais que estão andando e ninguém pergunta para eles onde estão os filhos, percebe? Então esse pensamento da sociedade ainda machista isso faz... isso oprime muito as mulheres. As mulheres ainda são muito tímidas porque muitas com quem eu converso acham que o lugar delas não é no skatepark, não é em cima de um skate, a família não apoia, os amigos não apoiam então lá está, é uma bola de neve, não é? O pensamento da sociedade machista e isso faz com que oprime as meninas e não possam ir andar.

AF: Focando mesmo dentro da comunidade, achas que foi esse pensamento machista dentro da comunidade do skate ou organizações, patrocínios como já falaste, também não ajudaram à evolução do skate feminino?

LR: Sim, o skate é extremamente machista. A partir do momento em que eu tenho um desporto qualquer ou... como o skate que é praticado por... maioritariamente por homens então há esse pensamento machista, não é? Nós temos por exemplo o caso dos X Games que as meninas fizeram ali como se fosse uma greve, dantes eram só homens então elas fizeram lá um barulho para entrar o feminino também nos X Games. Depois, anos depois vieram a saber que a premiação dos homens era 25 vezes maior do que a das mulheres então fizeram mais uma vez boicote para que a premiação fosse igual, ou seja, nós sofremos dentro da nossa própria comunidade, não é? Ahh por exemplo donos de marcas, maioria dos donos de marca de skate são pessoas que andam de skate, são pessoas que sabem quanto é difícil chegar a um lugar conseguir conquistar uma coisa e mesmo assim olham sempre para nós como “Ah que bonitinha ela está andando, legal, boa miúda” E a gente não precisa de tapinha nas costas, nós precisamos de alguém que nos dê a mão e nos fale assim “Não, eu te vou ajudar, ou eu vou te apoiar”

AF: E cá em Portugal revês um bocado isso na situação que acontecia com as organizações antigas, de nem haver uma vertente mesmo feminina ou a inclusão que havia das raparigas... foi o que a Vickie me disse que sentia-se condicionada indo aos campeonatos e não tinha vontade porque competia contra rapazes e sabia que não tinha hipóteses.

LR: Eu tou cá em Portugal há 11 vai fazer agora 12 anos que tou cá em Portugal e aqui é uma realidade muito diferente do que é no Brasil, no Brasil já havia categoria feminina e aqui eu me deparei como se fosse para aí 20 anos atrás do que tá lá no Brasil. Não havia categoria feminina, nós pedíamos para o pessoal que organizava os campeonatos na altura “Olha façam categoria feminina” era sempre a mesma desculpa “Ah, mas não há menina para participarem, não sei que tem” Puxa, como é que você vai incentivar meninas se vocês estão sempre cortando. Eles nos 20 anos que tiveram aqui fazendo campeonatos não fizeram um, peço desculpa pela palavra, um c#%\$&%\$, porra nenhuma porquê? Porque não incentivaram as meninas e quando vamos cobrar, nós ouvimos respostas deles como “Vocês são ridículas, vocês não andam um c#\$%&%\$” e não é só eu falando palavrão, que eu gosto, mas foi mesmo essa “Vocês não andam um c#\$%&%\$ e andam aqui fazendo papel de palhaças, papel de ridículas” ou seja eu ouvi isso da própria organização o porquê de eles não fazerem um campeonato feminino é muito desmotivador, então eu tenho várias meninas, duas saíram chorando do campeonato, uma delas ficou um tempo sem andar de skate, ridículo, ou seja a coisa que ela mais gosta de

fazer, deixou de fazer porque alguém que estava ali à frente disse “Você é ridícula andando de skate, você deveria ter vergonha” Porra, a menina levou aquilo a sério e deixou de andar de skate percebe? Então é muito complicado. Hoje em dia o que a Federação tem feito não porque tou trabalhando com eles, eu dou na cabeça deles, ok? Tem feito mais essa parte, ou seja, as meninas, temos que incluir as meninas. Ainda luto, não está como eu gostaria que fosse, não é? Ainda somos prejudicadas em alguns aspetos, por isso que acho que tou lá, é essa a minha importância lá dentro é para lutar por nós, pelos nossos direitos que nós devemos, mas acho que já começa a mudar um pouquinho e claro, também não sou só eu, não é? A World Skate, a organização mundial de skate também, em 2017, impôs essas regras para quem quisesse fazer os campeonatos porque se ia tonar numa modalidade olímpica, não é? Então a federação teve de trabalhar em conjunto com a World Skate e pá, acho fixe. A World Skate, só o facto de eles quererem mais mulheres, a pontuação por exemplo, toda a gente fala “Puxa, a pontuação de homem e mulher tinha que ser diferente porque as meninas não tão ao mesmo nível que os homens” Não! As pontuações são iguais porque imagina, eu aí consigo ver a evolução daquela menina. Então enquanto eu tenho um cara que dá no corrimão de uma *big section nollie heel nollie flip out*, por exemplo e tem nota oito e meio e, uma miúda que vai lá e dá um *crooked* e tem uma nota cinco e meio seis, ok? Eu sei e aquela menina sabe que para chegar num oito ela precisa evoluir. Entrar e dar uma manobra de *flip* para o corrimão. Então tem um certo padrão, para quem quer continuar nos campeonatos sabe “Eu tou nesse nível, eu quero ir para esse. Que é que preciso aprender, preciso aprender dar um *flip crooked* para conseguir ter a nota maior” então ok, vai evoluindo. Acho que essa escala que eles fizeram é muito fixe porque você se pode comparar, ou seja, está na mesma escala que os melhores do mundo. Se quer ser dos melhores do mundo, você sabe para onde ir. É quantitativa, é palpável. Mensurável.

Entrevista Lúcia Seixo

AF: Como é que surgiu o skate na tua vida?

Lúcia Seixo (LS): O skate na minha vida começou propriamente no oitavo ano. Na escola havia um grupo de *skaters*, que levavam o skate para a escola e andavam no intervalo e aquilo cativava-me, depois pedi o skate aos meus pais e a partir daí comecei a juntar-me ao tal grupo e a partir daí nunca mais parei. Pronto, com algumas pausas, por causa da escola e do trabalho, mas foi sempre algo que ficou na minha vida, até hoje. Nesse grupo era o Gil, era o Cláudio, era o Nuno... eram muitos mais e pronto. Foi a partir daí que o skate entrou na minha vida foi por causa da escola. Também foi bastante importante na minha escola o conselho executivo ou diretivo, não sei muito bem como é que hoje ainda se chama... pronto a administração... foi muito importante a administração da escola deixar os jovens levarem o skate para a escola porque nós tínhamos alguma coisa para fazer no intervalo, que era algo saudável e... e já que as pessoas podiam levar a bola, jogar à bola, saltar à corda, o skate era também um desporto, um hobby que era bem visto pelas pessoas que estavam na administração da escola e foi bastante importante, não sei se todas as escolas permitem isso mas acho que... pelo menos a mim mudou a minha vida. A minha escola permitir que nós pudéssemos levar o skate.

AF: E como é que te sentias de ser... por exemplo disseste o nome dos teus colegas e eras a única rapariga, como é que te sentias por seres a única rapariga no meio de tantos rapazes e ainda por cima numa idade, na adolescência...

LS: Eu também... imagina... Eu nunca pensei assim... Como é que hei de explicar. Ya, eu nunca pensei muito nisso, pouco a pouco eu fui... eu fui me apercebendo que as pessoas de fora achavam que o skate era um desporto ou um hobby mais para rapazes, mas na minha visão eu nunca tinha pensado como tal porque era uma coisa que eu gostava de fazer então para mim não tinha género, sabes? Não era uma coisa que eu... que eu pensasse muito. Essa coisa de... Sei lá, olha a primeira vez que alguém me fez pensar que havia coisas para rapazes e coisas para raparigas foi quando eu andava no infantário, isto nada a ver mas... tão a primeira vez que eu percebi que a sociedade dividia coisas para rapazes e coisas para raparigas foi quando eu estava no infantário e houve uma troca de presentes e a mim calhou-me uma escavadora e eu fiquei super contente, o meu pai tinha vários brinquedos de escavadora mas não me deixava brincar com eles e eu recebi a minha escavadora e fiquei bué contente e depois a minha educadora pegou no meu presente

e disse assim “lúcia, vamos trocar por um brinquedo de menina” e eu “*What!?*” Como assim de brinquedo de menina. Foi a primeira vez em que eu pensei. Depois mais tarde é que eu comecei a... ok a sociedade põe aqui uma divisão, mas que hoje em dia já não, já se está a trabalhar para isso e acho que é muito importante porque na verdade as pessoas devem fazer e ter o que quiserem, o que sentirem. Independentemente dos padrões que existem.

AF: O que achas que o skate trouxe à tua vida?

LS: O skate é das coisas mais importantes na minha vida porque foi uma escola de vida, sem dúvida alguma. Para conseguires alguma coisa na tua vida tu tens que acreditar à partida que é possível e depois tens de respeitar um processo e processo é tu arriscares, tu falhares, tu voltares a insistir nessa falha até que depois de muita disciplina e consistência, aquilo que tu acreditaste no princípio se tornou realidade e isso é a fórmula do skate, sabes? Quando tu pensas que vais dar um *kickflip* e mesmo que nunca tenhas dado algum, porque tu viste alguém a dar tu vais pensar que tu também vais conseguir. Então a primeira parte já está concluída que é tu um dia acreditares que também vais conseguir. Depois vais passar por frustração, tu tentares, tentares e não conseguires, mas vais continuar a acreditar e vais continuar a lutar para que dê aquela manobra e depois de muita falha aquilo começa a parecer-te algo que se pode tornar realidade mais próximo do que aquilo que estavas à espera e até que tu consegues. A vida é isso mesmo, fora do skate tudo na vida é através deste processo e o skate ensinou-me isto. Ensinou-me que por mais que... por mais que no início tu acreditas que as coisas estejam um pouco longe da realidade, se tu trabalhares, se tu te sacrificares, se tu tiveres consistência, disciplina, tudo consegues. Esta filosofia que o skate me deu eu coloco na minha vida em tudo, tanto pessoalmente, como profissionalmente e acho que o skate mudou a minha vida ai porque hoje tenho uma mentalidade muito forte graças ao skate e tudo o que conquistar na minha vida pode-se dizer que é muito graças aquilo que eu aprendi no skate, que o skate me trouxe, essa filosofia, todos os amigos, todas as experiências, todas as pessoas boas que eu fui conhecendo ao longo da vida e toda essa energia boa, essa energia ambiciosa, essa energia pura... o skate para mim é muito isso.

AF: Qual a importância do skate para a tua vida?

LS: Foi muito importante por várias coisas, não é? Por... as experiências que eu tive em viagens, as pessoas que eu conheci, mas também muito por essa mentalidade que trouxe à minha vida e que eu coloco em prática em outros aspetos.

AF: O que é para ti ser uma *skater*, uma mulher *skater*?

LS: Eu nunca vi algo a ver com a emancipação. Vi que era uma cena que eu gostava. Pronto o skate é um desporto que me dava um certa pica, uma certa motivação, que eu gosto de fazer e sempre vi só por aí.

AF: Como é a tua relação com outros *skater*?

LS: Olha, a minha relação com os *skaters* é bastante tranquila, nunca me lembro de ter tido um stress por ser rapariga num desporto dito de rapazes, que hoje em dia, graças a deus, já... esse estigma está a ser quebrado e foi sempre super tranquila porque... eu acho que o skate tem... tem essa vantagem que é, independentemente do género, sei lá da religião, etnia, como estava a dizer há pouco, classe económica, eu acho que os *skaters* são bastante respeitadores e se tu tiveres no grupo certo, com a energia certa eu penso que... que qualquer negatividade te vai afetar.

AF: Em que estado se encontra o skate feminino em Portugal?

LS: Olha, encontra-se num estado muito bom, num estado muito saudável. Há várias *skaters* com muito talento, hoje em dia. É algo que vai, cada vez mais, evoluir. Também muito graças à evolução do skate feminino lá fora... o skate feminino em Portugal está muito bem entregue, há muitas raparigas, hoje em dia, que na minha altura era impensável. Irmos a um campeonato e haver mais que 15 inscritas e hoje em dia é uma realidade e com muito bom nível, com diversidade de manobras, todas elas andam com muito estilo, com muita fluidez e eu acho que é uma realidade que vai-se manter e que o skate feminino cada vez, cá em Portugal, como no mundo também, é um reflexo do que está a acontecer no mundo, vai continuar a evoluir e cada vez mais se colocando ao nível do skate masculino

AF: Tu achas que projeção e este crescimento no skate feminino cá em Portugal demorou tanto tempo a acontecer, porquê?

LS: Eu acho que... da mesma forma que demorou no mundo inteiro... acho que a evolução do skate feminino em Portugal foi acompanhada pela evolução do skate feminino lá fora. Antigamente no mundo, se olhares também havia muito poucas e a

pouco e pouco, quando o skate lá fora foi evoluindo aqui também, foi um reflexo, é normal. Então eu acho que não foi só aqui em Portugal que demorou um pouco mas foi no mundo todo e sim, isso também foi um pouco influenciado também pela questão... as famílias mais conservadoras talvez verem o skate como um desporto para rapazes e se calhar não darem oportunidades às filhas para... para tentarem andar de skate ou também oportunidades de marcas, oportunidades de organizadores de eventos que hoje em dia já não se veem e isso também ajuda muito à evolução. Hoje as raparigas também têm muitos mais exemplos em que se possam... refletirem... em que possam ver que...

REPETE

O skate feminino em Portugal demorou a um pouco a evoluir, mas não foi só em Portugal, foi no mundo todo e desde que houve maior... maiores oportunidades lá fora e o skate feminino começou a evoluir lá fora aqui também se começou a refletir, começou a evoluir cá. Isso também foi graças à abertura de marcas a apoiar mais raparigas, também à evolução de mentalidades em famílias que permitem que as meninas também possam tentar andar de skate e que se calhar não era uma possibilidade há uns anos atrás, um pai ou uma mãe darem um skate a uma menina. E pronto, também graças a ter mais... os campeonatos mundiais terem... darem mais visibilidade ao campeonato feminino e isso tudo foi chave para hoje o skate feminino, seja... esteja muito forte tanto cá dentro como lá fora.

AF: O que é para ti ser uma *skater*? (repetição)

LS: É um estilo de vida, é a conexão que tu tens à rua, com as pessoas que estão na rua, com as pessoas com quem vais andar de skate. Ser *skater* é ter uma energia diferente, é olhar para o mundo de maneira diferente. Olhar para umas escadas e para lá de... *skater* para mim é ter uma energia diferente para o mundo, é ter uma conexão diferente à rua é estar na rua com aquelas pessoas que partilham a mesma paixão contigo, que é andar de skate, é ver a rua de maneira diferente. Ver umas escadas, um corrimão de maneira diferente do mundo. Olhar para as coisas em todos os aspetos da tua vida de maneira diferente. É uma pergunta um pouco diferente... difícil, mas basicamente eu acho que ser *skater* é tu poderes ser tu, sem filtros.

Entrevista Madalena Magalhães

AF: O que é para ti ser uma *skater*?

Madalena Magalhães (MM): É liberdade, é tudo o que eu faço aqui, é a maneira como eu me exprimo é... (risos) a minha maneira de ser. Tudo o que eu faço aqui é... é como se eu fosse um pássaro, é liberdade. É poder fazer o que eu quero, à minha maneira, sem ninguém me julgar, porque aqui somos todos uma família e ser *skater* para mim é tudo, não sabia o que fazia sem o skate na minha vida.

AF: O que é que para ti, significa o skate?

MM: O que é que significa o skate... ah skate é uma essência, eu acho que... não sei, é uma forma de expressão, toda a gente que anda de skate expressa-se aqui e é a sua maneira de ser e acho que skate faz parte de cada *skater*.

AF: Qual é a tua experiência dentro da comunidade de skate?

MM: Quando comecei a vir aqui não falava com ninguém e sentia que era julgada por ser pequena e além disso não havia aqui quase raparigas nenhuma, quando comecei a vir foi há quatro anos atrás mais ou menos, depois comecei a perder a vergonha e a falar com as pessoas e a partir daí foi só evoluir, fiz amigos, pessoas com quem ainda hoje me dou desde há quatro anos atrás e pessoas que me ajudam a evoluir e foi assim que eu evoluí no skate, não tendo vergonha porque no início é sempre complicado, vamos ter sempre vergonha, somos poucas raparigas e somos poucas no meio de tantos rapazes mas acho que sim, acho que é um processo e se falarmos com as pessoas não perdemos nada, é só boas amizades e evoluir.

AF: Achas que há algum bloqueio por parte dos rapazes e atitudes por parte de rapazes quando veem uma rapariga no park?

MM: Eu acho que há mais inclusão nos rapazes porque... há sempre uma diferença quer queiramos quer não e... sim, acho que... Algumas atitudes de impaciência quando comecei. Eu tinha um skate lá está, via-se que tinha acabado de começar e quando passava à frente de alguém, não tinha muita noção que me estava a pôr à frente dos truques às vezes vinha um comentário, assim do género “Sai da frente miúda”, mas acho que é não ligar e faz parte é, a evolução é a melhor parte e os rapazes começam a respeitar-nos e assim. Também como nos vêm aqui mais vezes, é uma questão de insistir, porque se vimos aqui uma vez e desistimos porque ouvimos um comentário ou outro, nunca vamos

evoluir, mas se insistirmos e ... faz parte da pessoa, faz parte da personalidade, se quisermos muito, não ligamos e continuamos a vir e os rapazes respeitam-nos pela nossa persistência e verem que nós queremos mesmo e que somos parte do skatepark.

Entrevista Margarida Ribeiro

AF: Como é que surgiu o skate na tua vida?

Margarida Ribeiro (MR): Ok... Pá tipo mesmo...

AF: Ya, fala de como é que começaste a skatar ou porque é que começaste a skatar.

MR: Ok, é que imagina eu posso começar a dizer que quando era mais nova tinha um skate do chinês e nhó nhó nhó ou então que eu antes skatava e um dia encontrei um skate à chuva na Ericeira e aí é que comecei, tás a ver?

AF: É a história que quiseres.

MR: Ok, não sei o que achas mais fixe. Ok, então eu desde bué nova tinha um skate do chinês, daqueles tipo buéda pequeninos, sei lá buedá flat e pronto, não mandava nada, andava em frente e carregava com bué força no *tail* para o skate saltar bué e chamava-lhe truques tipo bué estranhos, dava-lhes nomes bué estranhos e skatava com o meu irmão “skatava”. Depois fui sempre tendo alguns skates em casa, aprendi a dar *ollie* e pronto, fiquei me por isso depois deixei só de andar de skate. Porque eu sempre quis ter um amigo ou um grupo de amigos *skaters* e nunca conhecia tipo ninguém que skatasse, então acabei por deixar o skate um bocado de parte e fui para o surf, e um dia estava na Ericeira e estava a chover bué e estava um skate na estrada, no meio da chuva, sem ninguém à volta tipo ninguém em lado nenhum e eu fiquei ali bué tempo a olhar para o skate a ver se alguém aparecia, tipo fui à *Boardriders* lá ao skatepark da Ericeira e ya, não apareceu lá ninguém então acabei por ficar com o skate e entretanto fui conhecendo pessoas que skatavam e agora são os meus amigos, os meus amigos *skaters* e pronto, isso foi para aí à quatro anos e para aí à dois anos comecei a skatar mesmo regularmente, todos os dias, e pronto, aqui ‘tou eu.

AF: O que sentes que o skate trouxe à tua vida? Se é que trouxe alguma coisa.

MR: Ya, trouxe. O skate, acima de tudo, trouxe-me bué boas memórias, boas pessoas tipo amigos que eu quero mesmo manter para a vida e o skate ajuda-me numa cena em que tenho buéda medo que é crescer, tipo tornar-me responsável ou adulta ou *whatever*... E

o skate deixa-me manter essa criança em mim, ativa. Portanto é um bocado isso que eu tiro do skate para além da comunidade, toda a gente é supersimpática e conhecer novas pessoas uhhmmm explorar, não passo tanto tempo em casa e pronto, foi isso que o skate me trouxe.

AF: Qual é a importância do skate para a tua vida?

MR: Ah, um bocado como há bocado o skate mantém-me, não é que eu seja velha né, mas o skate mantém-me e vai me sempre manter jovem. Não sei. Curiosa e ativa, essas cenas todas fixes que se calhar se vão perdendo um bocado ao longo dos anos e pronto, é um bocado isso.

AF: O que é para ti ser uma *skater*? Uma rapariga, uma mulher neste mundo maioritariamente masculino.

MR: Isso de início intimidava-me um bocado, porque... não sei... o nível de skate era sempre mais alto que o meu e a maioria das pessoas nos skateparks, senão mesmo a totalidade eram sempre rapazes e não que seja um problema das pessoas em si mas, é só um pouco mais intimidante não ser tão fácil de me relacionar com os *skaters* e ultimamente tenho conhecido mais e mais raparigas *skaters* que estão sempre a skatar sozinhas e pronto, vamo-nos conhecendo assim e formamos o nosso circulozinho pequeno mas realmente ter, tipo um gang de skate feminino é uma cena que ainda não tenho bem e que tem... tem sido uma cena a desenvolver entre aspas.

AF: O que procuras no skate é ter companhia de outras raparigas?

MR: Exato, não que seja melhor do que skatar com rapazes é apenas alguém com quem me posso relacionar mais e cujo nível de skate e isso tudo está mais no mesmo, né? Evoluímos juntas, 'tás a ver?

AF: Como caracterizas a tua relação com outros *skaters*?

MR: Eu tou sempre fixe com toda a gente. Pelo menos gosto de pensar que sim, tento cumprimentar as pessoas quando chego ao skatepark e se as pessoas forem fixes para mim, eu sou fixe de volta e vice-versa e até agora não encontrei grandes problemas. Portanto acho que se toda a gente mantiver este espírito da comunidade dos *skaters*, tipo o de abertura e da amizade, eu acho que estamos sempre, para sempre.

AF: Como é que te sentes quando chegas a um spot novo ou skatepark novo?

MR: Se eu estiver sozinha é um bocado intimidante, apenas pelo facto de eu estar sozinha. Pronto, não ser tão natural, mas, mesmo assim eu procuro sempre cumprimentar as pessoas e pronto, mostrar um espírito fixe, tou ali também só para skatar e me divertir. Se tiver com amigos pronto, é um bocado a mesma coisa só que uma *vibe* mais tranquila porque sinto que tenho as minhas pessoas comigo também, mas muitas vezes acabamos por skatar juntos e depois até ir para outros spots com outras pessoas que conhecemos no sítio portanto acho que é sempre mostrar abertura e ‘tá fixe.

AF: Qual o estado do skate feminino em Portugal?

MR: Eu não sei bem dizer como era antes, mas o que eu noto é que houve uma explosão enorme do skate há pouco tempo, não só feminino, mas consequentemente também traz mais raparigas para o skate. Acho que comparativamente com alguns países estamos um bocado atrás se bem que isto não é uma competição, mas estive em Berlim e lá o nível de skate feminino era muito maior, via-se muito mais raparigas a skatar e cá pronto, acho que é uma evolução que vai um bocado partir desta geração que está agora a skatar.

Entrevista Maria Roque

AF: Como é que surgiu o skate na tua vida?

Maria Roque (MR): O skate surgiu na minha vida aos meus 16 anos, salvo erro, através de um amigo meu que é o Diogo Carmona e que me apresentou maior parte dos meus amigos de hoje em dia, malta de skate. Comecei a ir para o parque das gerações, neste caso, a conviver todos os dias no final das aulas. Primeiro, fazia surf e então via lá os *carvers* e etc. eles disseram “Ah porque não experimentas?” Comecei a experimentar a andar naquilo. Entretanto os gémeos Aragão viram-me e disseram “Olha lá miúda, tu até tens jeito, pega lá num street e vê lá se te desenrascas com isto” Comecei a andar, eles começaram a dar muito apoio tipo e uma força assim mesmo descomunal, tipo, incentivarem-me, a darem-me aulas, tipo viam no parque e “Olha anda cá, não sei quê, bora tentar fazer isto, bora droppar,” comecei a sair com eles também, ir skatar à noite. E o skate apareceu assim na minha vida como uma questão que eu nunca tinha... nunca tinha sequer pensado possível, que seria possível sequer e trouxe mesmo uma luz descomunalmente grande, tipo eu comecei a ganhar uma identidade efetivamente minha, comecei a perceber quais é que eram as lutas que eu queria começar a lutar, qual a forma de estar na vida, de me posicionar o que é que eu gostava efetivamente de fazer e apercebi-me mesmo que é sair, andar de skate, curtir a vida toda a *vibe* que isso... que anda à volta

disso, da cultura, do underground, tipo é... trouxe mesmo um *boost* de identidade e de força para o que eu vou pregar a minha vida toda, mesmo em níveis profissionais e artísticos, tipo o skate para mim é a base mesmo.

AF: O que sentes que o skate trouxe à tua vida?

MR: Opá, trouxe esta questão da identidade, trouxe um empoderamento bastante grande, porque de repente eu aprendi a encarar as minhas cenas de cabeça, tipo se é para ir é para ir com tudo e ‘tou-me a barimbar para o que vai acontecer, comecei a perceber, efetivamente, qual era, até a nível artístico, a linha de pensamento e desenvolvimento que eu queria. Alertou-me para várias situações sociais e carências da mesma. Pá hoje em dia, acabou de me trazer ao mesmo tempo uma grande dor de cabeça, mas um motivo para me levantar e finalmente, tipo (sinos começam a tocar)

RECOMEÇA

MR: Para além de me dar uma grande dor de cabeça, o skate trouxe-me neste momento uma razão para me levantar da cama e lutar e de uma vez por todas começar também a pôr esta coisa do... pronto da minha zona, se calhar, mais ativista e da minha identidade um bocadinho mais à flor da pele “Ok vão me tirar a “casa” e agora?” O que tu fazes quando te tiram mesmo a tua zona de conforto, a tua zona de... o teu hobby, a tua zona sem stress para onde tu vais meditar de manhã, para onde tu... eu ganhei uma paixão ao skate que eu diria quase que é o meu ar, tipo eu acordo e o único sítio onde me sinto confortável para meditar é ouvir tábuas de skate no chão, tipo efetivamente eu... pá o meu sangue começou a correr no skate e eu sem me aperceber ia às vezes numa zona mais social, eu hoje em dia dou aulas... para além de me dar mais essa... dá-me dinheiro, para viver e para sustentar os meus estudos e perseguir os meus sonhos, o skate dá-me mesmo vontade e... vontade de estar aqui, vontade de participar neste mundo e tipo, mudar alguma coisa.

AF: Vou repetir a pergunta que fiz da outra vez, o que é para ti ser uma *skater*, uma rapariga a skatar.

MR: Isso eu acho que é um dos pontos que acabei por me sensibilizar até mais e uma das coisas que me fez tipo levantar da cama e dizer “Ok, um ponto... tenho um papel no meio disto tudo” Apesar de tudo em Portugal ainda não somos muitas a comparar com a

quantidade de *skaters* que há, masculinos... e hoje em dia... hoje em dia acho que cada vez mais (ruído quebra a conversa)

RECOMEÇA

MR: Também é um dos pontos que hoje em dia me faz levantar da cama, e tipo ter uma postura mais ativa, se calhar, na sociedade e no ambiente que é o skate e toda a atmosfera que... pronto... isso engloba. Porque efetivamente não é só ser uma mulher no skatepark, é ser uma mulher no mundo e, de repente, uma mulher no mundo ser *skater* é renegar efetivamente todos os princípios que foram pregados durante toda esta história e que os nossos pais, os nossos avós, as gerações mais antigas têm como dados adquiridos, não é? E portanto é uma luta, tipo constante, é uma luta todos os dias, é uma luta para explicar numa mensagem de amor que nós temos o nosso espaço, que nós ainda não estamos num nível em que os homens estão porque fomos educadas desde crianças enquanto eles iam para a rua andar de skate, nós ficávamos em casa a brincar com as bonecas, mesmo que não quiséssemos, mesmo quando já tínhamos a idade para dizer que queríamos, já era mais tarde... portanto é uma luta constante, é uma luta que ainda está muito... apesar de estar a vir cada vez mais ao de cima e hoje em dia eu já ter alunas que se assumem como *gender fluid* que é uma coisa que nem existia, estamos para além do que é ser mulher no skatepark, já estamos no que é que é, efetivamente, assumir uma diferença num skatepark... e... e eu acho que isso é de uma beleza gigante, aliás, toda a tradição do skate, efetivamente, abriga os marginais, tipo e *thanks god* que sou uma marginal, tipo e ainda bem eu cada vez mais... pá ainda bem que na realidade olham para mim e veem me como uma mulher marginal que saiu de casa e foi andar de skate e cagou na louça para lavar, tipo ainda bem e ainda bem que há mais miúdas e ainda bem que há uma miúda que chega lá e diz assim “Eu não me vejo como rapariga e como rapaz, vejo me como uma pessoa” e tu tens tipo que engolir aquela situação, tipo agora lida com isto. E isso está a provocar diferença, tipo hoje em dia os miúdos cada vez mais ‘tão...’tão a lutar pelos direitos deles e pá ainda bem, por um lado, eu digo sempre isto, esta cena de destruírem o skatepark que milhares deles frequentam ‘tá a ser uma granda chatice, se calhar vamos ficar sem skatepark mas vamos ficar com milhares de miúdos que pelo menos tipo, aprenderam que pá existe uma democracia, que existem direitos, que existe necessidade e oportunidade e direito de falar sobre as nossas opressões, portanto, pá é explicar o que nós no skatepark... temos o direito, temos o dever de explicar o que a política e o que os pais não nos ensinam em casa que é tipo berrem, gritem, batam palmas

quando vos dizem que é proibido, façam o que vocês quiserem, tipo desobedeçam. Agora vou dar numa de anarca, não sou.

AF: Como é a tua relação com outros *skaters*?

MR: Pá, eu desde que comecei a andar de skate que efetivamente tenho mesmo tido um apoio e... acabei por... a minha relação com outros *skaters* deixou de ser só uma relação de *skater* de “Olá, tudo bem?” quando chego a um skatepark para ser efetivamente amigos meus para com quem tenho um carinho gigante e que eu levo para a minha vida inteira porque pá, partilhamos os mesmos gostos. É aquela estúpida cena do pá tens uma amigo teu que vai acordar de manhã e ter a mesma genica que tu e dizer “olha, bora streeetar e filmar aí uma cenas” tipo e para mim, foi mesmo na mouche, acho que hoje em dia me sinto mesmo completa com as amizades que tenho e com as vontades que se geram à minha volta e os inputs que são dados e o skate trouxe mesmo uma comunidade de amigos, de pessoas que eu sei que vão tar ao meu lado e apoiar-me e lutar pela minha inclusão, pela minha evolução, por tudo e mais alguma coisa, na comunidade do skate e na sociedade em si. Portanto skate trouxe-me pá... trouxe-me amigos para a vida acho eu. Trouxe-me rapazes, raparigas, até trans. Hoje em dia tenho amigos trans a andarem de skate pá e digo-te nem que seja só tipo a cena de cada vez mais eu sentir que... que tenho amigos que gostam de sair para a rua, seja para andar de skate, seja só para se porem em cima de um skate, seja para ver a malta andar de skate, seja para curtir da *vibe*, tipo as amizades do skate trouxeram-me natureza, ar livre, tipo liberdade (Ficheiro Corrompido a partir daqui)

Entrevista Maria Santos

AF: Como é que o skate surgiu na tua vida, porque é que começaste a skatar?

Maria Santos (MS): Eu quando era pequena, o meu primo andava muito de skate, por exemplo, nunca foi a vê-lo e tudo mais que descobri que ele andava de skate, ele tinha sempre tábuas em casa e eu adorava ver aquilo ya e começámos a falar sobre isso, ele ensinou-me, comprei uma *penny board* daquelas de plástico e depois ele deu-me na cabeça tipo “Tens de arranjar um skate a sério para street e não sei quê” e ya, depois comecei a evoluir nisso, comprei um material fixe e depois conheci a malta do skatepark de Faro e ya, eles começaram a puxar mais por mim nesse sentido.

AF: Sentes que o skate trouxe alguma cena nova à tua vida?

MS: Trouxe pessoas melhores, eu acho que às vezes as pessoas têm uma perspetiva que a malta do skate pode ser um bocadinho mais tipo... excluem aquilo que não faz parte do meio deles, mas eu acho que ao contrário, também depende das pessoas, mas pronto, as pessoas que eu conheci incluem mais do que achava que me iam incluir. Por não saber andar. E trouxe-me isso de fixe e perceber às vezes tenho que trabalhar mais nas coisas que não consigo fazer à primeira e não ser tão perfeccionista.

AF: Sentes que o skate já é importante para ti?

MS: Sim, eu antes não tinha tanto a cena de “Epá apetece-me bué ir andar de skate” era só de vez em quando convidavam-me e eu “Ya, fixe”. Depois comecei a querer ir sozinha, quando não tinha ninguém apetece-me ir na mesma e ya, começou a ser mais... dar-me mais vontade de andar.

AF: Sentes que essa vontade de andar é um desporto para ti, um exercício físico ou é mais uma coisa...

MS: É por diversão, exercício tive sempre outras coisas à parte, mas é mesmo por diversão, não penso como “Ah tenho de ir fazer exercício, vou andar de skate”, não é mesmo por diversão e é a adrenalina.

AF: E para ti p que é ser uma *skater*?

MS: Por exemplo, eu antes era uma das cenas que eu tinha mais medo em começar a andar de skate e tentar mesmo andar como deve ser, porque pensava “Ah vou estar mais rodeada por rapazes, eles sabem fazer as cenas e depois vão gozar” e isso mais. Mas, por exemplo as pessoas do skatepark daqui de Faro, sempre que fui andar com eles sempre puxaram, tanto rapazes como raparigas e depois quando me comecei a dar mais com as raparigas do skate comecei a achar que não é assim tão um bicho de sete cabeças como eu achava que era.

AF: Como sentes que é a tua relação com outros *skaters*? Tanto com raparigas como com rapazes, sentes que há uma diferença?

MS: Eu acho que depende da pessoa, mesmo em si, não é em relação a ser rapariga ou rapaz, porque também há raparigas que te podem julgar tipo “Ah não anda assim tão bem, ainda está a aprender” e põem-te um bocadinho de parte ou tanto rapazes. Acho que não tem muito a ver com ser rapaz ou rapariga, é mesmo as pessoas em si. Como noutras

coisas quaisquer, é mesmo a personalidade da pessoa que tem isso de julgar ou não então ya...

AF: Sentes que não existe assim uma diferença?

MS: Existe, principalmente quando são homens assim mais velhos, isso aí intimida-me porque eles têm muita cena que é só rapazes que andam e não sei quê... as raparigas... põem um pouco de parte, mas acho que os rapazes mais novos e... também alguns adultos vá... não acho que haja tanto disso.

AF: Sentes que é uma cena, se calhar, geracional, do pessoal hardcore de antigamente...

MS: Hmm Hmmm, a nova geração já dá mais oportunidades às raparigas, não ficam logo a julgar, porque é rapariga não vai saber andar tão bem. Também há aquelas pessoas que ficam a tentar competir, nos rapazes. Veem uma rapariga a andar e tentam mandar uma cena melhor que ela ou aquilo que ela está a fazer e mandar melhor, mas acho que não há tanto como, se calhar, havia antes, mas isso é como tudo também...

AF: Na tua opinião, em que estado é que se encontra o skate feminino nacional?

MS: Tá a crescer mas ainda tem um caminho muito, mas mesmo muito grande por ir, ainda é uma coisa muito pequenina mas espero que daqui a uns tempos a quantidade de raparigas que agora se estão a juntar para... raparigas e rapazes que também ajudam... que se torne numa cena maior e puxe mais raparigas para andar porque acho que maior parte das raparigas que às vezes quer ir andar de skate têm a mesma cena que eu do “se calhar não vou porque vão estar a julgar, sou rapariga e não sei quê”

Entrevista Marta Nery

AF: O que é para ti ser uma *skater*?

Marta Nery (MN): Uma ou um *skater*, no geral? Então para mim ser *skater* é ver a vida de forma diferente, apreciar mais, sei lá... a vivência de rua (risos) É um sentimento de liberdade, acho que toda a gente sente isso. Não digo... é assim... eu acho que traz muitos sentimentos, na verdade, porque é assim, tu tens fases em que estás muito focada num truque e até te sentes presa àquele truque e outras fases em que só queres mesmo dar ao pé e rolar pelas ruas, que é a parte que me dá mais liberdade, é a parte simples do skate. Deu-me garra, dá-me força. Ensina-me a cair e a levantar-me outra vez, a insistir, a esforçar-me e isso é ótimo para tanto a minha vida pessoal como para a minha vida

profissional, por isso para mim ser *skater* é isso. É ter mais garra, é saber falhar e também ser mais extrovertida, porque te dás com todo o tipo de pessoas, que é uma subcultura muito bonita, porque conheces muita de gente de diferentes backgrounds. Ya, é isso. Para mim, é isso. (risos)

AF: O que é que significa o skate?

MN: O que é que significa o skate... significa o skate... Amor ódio (risos) Tanto podes adorar o skate como também podes irritar-te com o skate. E é engraçado porque o skate é um objeto e... eu vejo o skate também como... a relação com o teu eu. Então é engraçado porque o skate é um objeto mas faz-te sentir tanta coisa que é um bocado aquela relação, como se costuma dizer, de amor ódio (risos) Ya, o skate para mim é um parceiro, pá. Da...da vida (risos) Ya, é isso.

AF: Fala um pouco de experiências que tiveste dentro da comunidade.

MN: Pá, experiências dentro da comunidade... Isto é engraçado porque teres o skate... entras em várias culturas diferentes porque a comunidade tem sempre o mesmo feeling, tem sempre... é sempre... aceitação. Claro que há sempre, somos seres humanos, há sempre aquelas pessoas mais picuinhas de “Ah o skate é para estas pessoas, não é para aquelas” e não sei quê, mas pá... eu quando as pessoas me dizem isso eu começo a dizer “Pá, deixem-se de m#%&!s” ou fico no meu canto, não me chateio. Mas as minhas experiências na comunidade do skate têm sido positivas, tipo no seu todo. Principalmente quando conheço pessoas de outros países e culturas diferentes com o mesmo link, que é o skate. É muito mais fácil de... de conheceres pessoas. Pá, posso dar-te um exemplo, eu quando estive em Amsterdão, estava lá a fazer o meu estágio internacional e quando eu chego lá... com quem eu trabalhava era um francês e ele disse-me “Ah eu aqui demorei bué tempo a fazer amigos, para aí oito meses” e eu “Eish, fogo. Ganda seca só espero que isso não aconteça comigo” Pá então a minha decisão foi logo comprar um skate... Não tinha conseguido levar o skate na mala. Mas também já queria construir um skate novo, portanto foi fixe. Construí um set bem bacano, fui para o Nord Skatepark que é um skatepark na zona norte de Amsterdão e conheci bué miúdas, nunca pensei ver tantas miúdas juntas. Fui à *Girls Night* que eles fazem lá bué eventos para girls e foi muita giro porque me senti logo enturmada noutra cultura, em que diziam que os... que diziam que era muito difícil... os holandeses são supersimpáticos, foi bué fixe trabalhar com holandeses mas são muito fechados quando é para cenas tipo amizades mais íntimas, não

é tão fácil. Exato, não falas de coisas mais *deep*... e quando tu entras... com a cena do skate tu já vais... as pessoas já confiam mais em si, porque como confiamos no mesmo objeto, que é o skate, acho que é mais fácil confiar uns nos outros, o que é muita bonito, eu acho que é bué giro.

AF: Falando mais no caso português como é que achas que é a cena da comunidade e como é que a comunidade trata as raparigas cá em Portugal?

MN: Ah, cá em Portugal. Cá em Portugal... Eu acho que o skate cada vez mais está a dar dinheiro e acho que... eu pelo menos sou *skater* da época em que começou a aparecer, quer dizer já cá estava, mas estava-se a desenvolver, foi mesmo naquela fase da evolução que eu entrei, que comecei a skatar. Na verdade, eu comecei a andar de skate porque aos nove anos vi pela primeira vez num skatepark que já nem existe em Carcavelos. Virei-me para o meu pai e disse-lhe “Eu quero experimentar aquilo, aquilo é muita giro, tipo como é que eles colam os pés” fiquei bué à toa, e foi mesmo... foi a própria tábua que me... que me cativou. Depois pronto, não larguei aquilo, bué gente achava que eu ia desistir por ser uma miudinha e ainda por cima era bué pequenininha, mas eu não desisti e isso ainda... acho que ser mulher é muito acreditar... temos de acreditar ainda mais em nós, não ligar ao que está à volta e é assim que provamos as coisas, portanto eu sempre fui uma pessoa que acreditei em mim, por muito que pudesse ou não haver gente que acreditasse em mim. Pá, não liguei muito a isso. As pessoas acho que me respeitam, não sei se sim ou não, mas aquilo que interessa é aquilo que eu penso, acho que é um bocado isso, acho que... Miúdas, não se deixem envolver pelo que os outros pensam, por isso... pá, acho que sim, acho que às vezes em Portugal as pessoas são um bocado exclusivas... podem não incluir...

AF: Sentes que há um elitismo?

MN: Às vezes há elitismo, mas a questão do elitismo é... pá acho que também é... Quanto menos ligares ao elitismo mais te sentes à vontade, portanto é um bocado isso, não sei explicar como é que... Acho que as pessoas pensam demais, é um bocado aquela coisa “Deixem-se de tretas” Não sei. Mas... eu sou aquela pessoa que é, eu quero me incluir, vou me incluir, mas também não vou fazer um esforço se as pessoas não quiserem que eu ali esteja, ‘tás a perceber? Eu acho que não deves pensar muito... Mas lá está, imagina, eu acho que muita gente às vezes pensa “O que está lá fora é melhor” aquela mente que eu posso dizer da cultura portuguesa às vezes há aquilo de querer ir buscar o melhor, mas

nós cada vez mais, acho que cada vez mais Portugal está a realizar-se da coisas boas que tem, porque foi também uma passagem muito orgânica, de pessoas para pessoas e de culturas diferentes para culturas diferentes, de vir cá e mostrar lá fora e nós cada vez nos começarmos a valorizar mais. Eu sinto isso também, eu própria acho que às vezes desvalorizei certas coisas que agora valorizo mais. Acho que isso também vem com a maturidade. Acho que quando és miúdo, por exemplo, ser miúdo... os putos são muito mais maldosos, por isso, quando cresces comesças a não ligar tanto a isso por isso é um bocado também um trabalho dos pais passar esse... essa lição aos filhos de “Não ligués ao que os outros pensam” tipo faz a tua cena, vai skatar à mesma. Acho que também é um papel muito de educação.

AF: Em relação às competições, achas que o facto de os organizadores não se focarem tanto no skate feminino tornou, de certa forma, o desenvolvimento do skate feminino deficiente, cá em Portugal?

MN: É assim, isto é um tópico que para mim é muito... eu sou aquela miúda que sempre foi aos campeonatos todos e a verdade é que havia muitas vezes falta de raparigas e eu até percebo a questão dos organizadores se calhar não quererem apostar porque acharem que não vale a pena, a minha visão é: vale sempre a pena. Vai sempre haver alguém que queira participar, não nos devemos sentir... acho que a culpa não é das organizações, por não aparecerem miúdas, eles ficam culpados... ganham a culpa se excluïrem a categoria. Ou seja, as desculpas de “Ah, mas nunca aparecem miúdas, por isso para que é que vamos fazer” Isso é desculpa mais esfarrapada que eu já ouvi, acho que é... se valorizares vais sempre tentar. É aquela coisa, não desistes à primeira tentativa, como no skate, não desistes quando não consegues dar à primeira um flip, insistes e, se nós vemos isso no skate porque é que não vemos isso também nas organizações das categorias. Portanto, eu sempre fui a miúda que apareci, acho que as miúdas às vezes também era por vergonha ou por medo e acho que não tendo os incentivos também é por isso que elas não queriam aparecer. Portanto... eu não gosto de apontar dedos, a culpa é das organizações ou é das miúdas que não aparecem. Pá, acho que as coisas têm que se fazer e é só também incentivando que também as pessoas vão começando a aparecer, portanto... pá continuem a apostar nas miúdas e mais do que nas organizações, acho que o próprio país, começar a contruir mais skateparks, também vai chamar mais pessoas. Ahhh os patrocínios não ser só aquela cena de dar roupa. Se virem um talento, pegarem nesse talento, quererem investir nesse talento, tipo porque às vezes as pessoas têm muito talento, mas se calhar

precisam de alguém que as lidere e isso acho que é o que falta mais em Portugal. É as pessoas..., mas pá gosto de ver que cada vez mais começam a apoiar. Se calhar devagar vai-se longe. Gostava que fosse mais rápido. As pessoas gostam sempre que se vá mais rápido, mas... mas valorizar o que temos e valorizar o que é bom e continuar a fazer melhor. É um bocado isso.

Entrevista Nay Reymond

AF: Como é que começaste a skatar?

Nay Reymond (NR): Bom, eu comecei aos onze, doze anos de idade. Comecei primeiramente com o skate de duas rodas, isso foi antes, aos dez. Logo depois passei para o skate de quatro rodas, comecei porque na... pronto, na minha escola estava tendo um festival qualquer, entretanto tinha um rapaz que levou para lá um skate onde eu pedi para eu dar uma volta e tive o meu primeiro contacto. Logo depois, fiz o mesmo, pedi para dar uma volta no skate de alguém numa praça onde me falaram de um novo skatepark que tinham feito na minha cidade, isso lá no Brasil. Entretanto fui para lá, conhecia já algumas pessoas de lá, vi que skatavam... isso aos doze, já aos doze anos... e logo depois sempre ia lá e andava nos skates deles, assim durante um bom tempo, logo depois montei o meu e foi onde comecei a andar. Lá na minha cidade havia dois skateparks, e pronto, quando passei a andar no outro que era o mais antigo e tinha mais pessoas, era maior também, tive mais contactos com pessoal do skate mesmo, a gente se uniu. Passado alguns anos criámos uma associação lá também que se chama... era Skatar, me fugiu o nome por um segundo. A Skatar. Entretanto não sei muito bem como está a funcionar a associação lá, já há alguns anos que não vou ao Brasil. Logo depois, quando vim para cá já isso, tou cá há quase três anos... vim para cá, morei no Alentejo, em Montemor-o-Novo e conheci umas pessoas que andavam de skate para lá e skatávamos até que cada um foi para o seu lado, Alentejo, cidade pequena...sabe como é, né? Comecei a skatar por lá, fora isso eu fazia umas viagens para fora, passei umas vezes aqui. Antes de vir morar acho que vi umas duas ou três vezes. Skatei aqui algumas vezes, não conhecia ninguém ainda. Logo depois também skatei em Leiria, skatei em Setúbal e em algumas cidades para lá. Passado algum tempo... eu vim para cá em setembro, se não me engano, vim morar para Faro, em Setembro do ano passado e aqui conheci a associação, o pessoal me acolheu mesmo de braços abertos e me ajudou e incentivou cada vez mais a evoluir e até agora tá indo. Atualmente estou lesionada, há duas semanas atrás, mais ou menos, acabei me lesionando numa queda. Estou parada. Estou a recuperar.

AF: O que sentes que o skate trouxe para a tua vida, se é que trouxe alguma coisa.

NR: O skate é, como posso dizer, é o meu amparo. Já é um amor para a vida. Como posso dizer, é onde me sinto bem a andar, é mesmo uma relação íntima com o skate, eu me sinto bem a andar, eu me sinto bem em estar em cima. Gosto da sensação de adrenalina e me faz muito bem, me traz felicidade. Ya...

AF: Na tua opinião, e consegues fazer uma comparação direta, como achas que é o skate feminino cá em Portugal e como é no Brasil. O skate em Portugal está a ir atrás do que já é no Brasil?

NR: Não sei se consigo dizer muita coisa mas o Brasil em termos do skate é muito mais avançado, é muito mais liberado. Sempre há aquele impacto da sociedade, não é. Que proíbe, a gente acha ruim da gente estar andando nas calçadas e tem certo preconceito, com a polícia também, mas, entretanto, acho que a modalidade do skate no Brasil está mais tranquila... Mas sinto que bem mais evoluído para lá do que para aqui. Aqui está a crescer e está a crescer bem e agora que entrou o skate nas Olimpíadas, pronto o nosso nome está mais falado, não é? O skate está mais falado... Não sei, não sei dizer muita coisa (risos)

AF: Achas que há uma diferença entre como as *skaters* são aceites cá e como o são no Brasil?

NR: Não, em termos disso é igual. É a mesma coisa. A gente se interagir ou ser abordada assim pelas pessoas... eu acredito que seja a mesma coisa, falo na minha opinião.

AF: E na tua experiência, sentias-te mais à vontade no Brasil ou aqui?

NR: Ah, eu sempre fui tranquila. Nunca liguei para nada. Chegava cumprimentava, também cumprimentavam, eu estava nem aí. Ia dar a minha volta e estava tranquila. Mas aqui em Faro fui muito bem acolhida, eu me sinto bem mesmo, bem confortável com o pessoal e tudo.

AF: O que é para ti ser uma *skater*?

NR: Essa pergunta é um pouco difícil de responder, como posso dizer... é complicado... Não sei dizer bem, porque em termos disso eu sou tranquila, eu simplesmente faço o meu rolê, seja com os rapazes, seja com as meninas. Ando tranquila, sinto só na minha *vibe*. Lógico que com o pessoal a gente tem sempre aquela diversão. Lógico que é bem melhor

a gente skatar, no meu caso, skatar junto com um monte de meninas e pode ter rapazes também, vai ser muito mais divertido, ser muito mais... como é que posso dizer... me pode trazer mais ânimo para a evolução, para eu poder evoluir, mais força...

AF: Sentes-te mais à vontade estar a skatar com miúdos porque percebem mais ou menos o que estás a passar, não é?

NR: Sim, em termos disso, só a companhia, só a presença já... já é muito boa. Mas eu também sou tranquila, lógico que muitas vezes nos skateparks era eu e o resto era tudo rapazes, causa um certo desconforto, então ter sempre mais alguém é muito bom.

Entrevista Rafaela Costa (Rafinha) e Mariana Tamayo

AF: Quando é que começaram a andar e porque é que começaram a andar?

Mariana- Eu comecei a andar há um ano e meio, tipo ia para a Casa da Música com *longboard* ou com a bicicleta às vezes e o meu pai, entretanto comprou um skate mesmo a sério e comecei a ir e a malta de lá, sei lá, começou... foi mesmo ter comigo, ensinou-me a dar *ollies* e cenas assim e foi assim que começou basicamente.

Rafinha- Eu comecei a andar de skate com o Madu, eu ia para o park de bicicleta, de bmx e o Madu e o Pacal começaram a dizer para experimentar o skate, eu experimentei e nunca mais o larguei.

AF: O que significa o skate para vocês?

Rafinha- Liberdade

Mariana- É isso, exatamente, era isso que ia dizer.

AF: O que sentem quando estão a andar de skate?

Rafinha- Podemos ser nós próprios, relaxados... irritada também

Mariana- Depende, é tipo uma forma, não sei explicar, tipo meditação.

AF: O que é ser uma *skater* para vocês?

Rafinha- Para mim, é igual à que um rapaz sente. Porque temos de ser iguais. Vocês são iguais a nós, e nós somos iguais a vocês. Não temos o mesmo nível cá em Portugal nem lá fora, não há o mesmo nível entre rapazes e raparigas, mas eu acho que as raparigas não se devem achar menos só porque isso não é igual, para já, porque vai ser igual um dia.

Mariana- Ya é exatamente isso, eu sinto me igual tipo tou com os meus amigos *skaters* rapazes e tipo, não sei explicar, é a mesma relação com um amigo rapaz e com esse *skater* rapaz.

Rafinha- Só ‘tou a andar de skate

Mariana- Ya, mas há poucas raparigas e às vezes é giro veres outra rapariga e fico tipo “Olha, outra rapariga”

Rafinha- Eu sinto bué isso, que eu tive um tempo, uma semaninha, com a virginia e outras raparigas da mesma idade que eu e principalmente a virginia que anda muito melhor que eu senti que evolui muito mais nessa semana do que se calhar numa semana cá, porque a virginia acaba por puxar por mim, pelo meu nível. Ela e qualquer outra *skater* que ande mais.

AF: Sentem-se que é isso que vai fazer com que haja menor diferença no skate feminino em Portugal, vão skatando cada vez mais e puxando umas pelas outras.

Rafinha- Eu, sim. Acho que para eu andar mais, é por mim mas ter alguém que ande mais que eu ajuda sempre, sempre me foquei pelo madu e pelo pacal...

Mariana- Também foi assim que eu comecei a evoluir, a andar com eles e com a Rafa.

AF: Falem me um pouco das competições, só competiram na liga pro, nunca tiveram a experiência antes desta igualdade que existe na liga pro...

Mariana- Mais ou menos igualdade

Rafinha- Não havia igualdade, os prémios não são iguais...

AF: Agora não são iguais?

Rafinha- Agora são iguais, mas antes não eram ...

AF: Entraram numa altura melhor, têm mais motivação para ir aos campeonatos

Rafinha- Sim, sim. No ano passado eu ia na mesma aos campeonatos da federação, mas era muito diferente, os rapazes recebiam isto e nós recebíamos isto. Agora não, tá igual. Eu acho bem, mas por outro lado também acho que os rapazes sentem uma diferença e desvalorizados num certo ponto porque vocês arriscam mais, mas nunca acho que nos deveremos receber menos porque nós também arriscamos, ao nosso nível.

Mariana- Não sei, eu só fui a uma competição e mesmo na única competição que fui eu achei um bocado diferente, dos rapazes para as raparigas. Eu lembro-me que na... Como se chama a modalidade em que competi?... Pronto no Open, os rapazes poderam cada um fazer a sua run e a nós disseram-nos que tinham de cortar o tempo, nós fizemos duas ao mesmo tempo, não sei... foi diferente.

Rafinha- Uma coisa também é verdade, quando há campeonatos que é tudo misturado aparecem três gajas, três raparigas a andar. Porquê? Não é igual a skatar num campeonato feminino onde aparecem vinte? Se queremos igualdade também temos de skatar contra vocês, não podemos prender-nos só ao feminino, feminino, feminino. Tem de haver feminino e tem de haver masculino, mas pode-se juntar.

Mariana- Eu também mesmo fixe se fossem as competições fossem juntas, acho que puxava porque como neste momento os rapazes têm um nível muito maior que nós, eu acho que ia puxar mais, não sei, isto é a minha opinião

AF: Falem um pouco de experiências que tenham tido, positivas e negativas, sentem se desconfortáveis em ir a um spot novo, por serem raparigas.

Rafinha- Eu sempre nunca quis saber do que o pessoal estava a pensar e acho que nunca tive nada assim mau, negativo. Pelo contrário, sempre foi positivo, comecei a andar de skate por causa de rapazes, os meus primeiros apoios foram rapazes que vieram ter comigo, não senti muito isso...

Mariana- Eu também não me lembro, também ainda não tive muitas experiências, mas não me lembro assim de nada, mas também não skato há muito tempo

Rafinha- Se não fosse os rapazes não estava onde 'tou, a skatar como 'tou também...

Entrevista Rania Apolinário

AF: O que significa o skate para ti?

Rania Apolinário (RA): Significa liberdade.

AF: O que é para ti ser uma *skater*?

RA: É, espera não sei. É sentir-me livre.

AF: Achas que por morares longe de Lisboa e das cidades é mais difícil estares motivada? Ou a motivação vem de ti?

RA: Não, vem de mim.

AF: Alguma vez houve atitudes mais feias para contigo por seres rapariga?

RA: Não, foi toda a gente na boa.

AF: Todos te ajudam a skatar?

RA: Sim, principalmente os meus colegas, eu sou a única da escola que anda de skate e toda a gente me apoia lá. Até os professores.

AF: Tens amigos que também andam de skate? Ou és mesmo só tu?

RA: Eu tinha um amigo que passou para o décimo ou décimo primeiro e costumava andar com ele.

AF: Costumavas andar com ele?

RA: Sim, às vezes nós íamos, lá onde eu vivo, nós íamos lá ao Senhor da Lagada, há lá um palco que é liso e nós andávamos lá de skate.

AF: Além da liberdade, o que é o skate te traz?

RA: Cair, cair e aprender.

Entrevista Raquel Diogo

AF: Como é que começaste a skatar ou porque é que começaste a skatar?

Raquel Diogo (RD): É assim, eu comecei a skatar quando vim estudar para o Porto, eu tinha um amigo da secundária que já andava de skate há alguns anos. Ele entrou aqui na faculdade, eu continuei no secundário. Como eramos os únicos aqui na zona do Porto, assim conhecidos, lembrei-me “olha temos tempo livre, vamos andar de skate. Eu vou experimentar” E pronto, o ponto de partida foi aqui na Casa da Música e foi aqui que tudo começou. Estivemos aqui uma tarde inteira a tentar dar *ollie*, a ganhar confiança no skate e pronto, a partir daí desenvolveu-se todo um percurso até agora.

AF: O que é que significa o skate para a tua vida? Se é que tem algum significado...

RD: Claro que tem, acho que a parte mais importante do skate não é dar manobras, a competitividade. Isso é importante, mas não é só isso. Acho que o mais importante de tudo é a vivência, porque tu vais a um lugar, conheces pessoas, o estilo de vida. Também queres andar de skate o dia inteiro, não acontece muito de um modo geral, mas toda a

gente quer, né? Toda a gente fica agarradinha ao skate, é o amor e opá é isso. Vai estando presente na minha vida, não todos os dias porque, não é? Chega uma altura, a uma fase da nossa vida em que temos de trabalhar e prioridades, mas sempre que posso ando de skate, principalmente aos fins de semana, com bom tempo, com os amigos... andar de skate.

AF: O que é ser uma *skater*? Ser uma rapariga neste mundo masculino que às vezes não é muito... diz-se aberto, mas não é muito inclusivo.

RD: É assim, eu quando comecei a andar de skate só havia eu e outra rapariga, então eu aí claro que sentia que era meio excluída, quando estava no skatepark toda a gente passava à frente, eu focava ali também meio envergonhada, sempre fui meio envergonhada, nunca fui muito de falar com os outros e opá ao longo do tempo foram aparecendo mais raparigas e as coisas foram-se tornando mais normais, havendo raparigas no skatepark, aqui na Casa da Música então essa parte de exclusão deixou de haver. Pode haver alguma coisa, mas já não é como antes. E é fixe uma pessoa estar a skatar com rapazes à vontade, trocar ideias, manobras, fazer um jogo de skate. Pá porque é tudo uma união, o skate. Não é só raparigas aqui e rapazes ali, é tudo junto.

AF: Fala um pouco mais dessa altura em que começaste a skatar, em que eram poucas raparigas, o que sentias ao andar, se os rapazes te incluíam mas não era uma inclusão total.

RD: Quando comecei a andar lá está, eramos só duas. Eu sentia que havia grupos, porque há sempre grupos de pessoas, é normal. Havia grupos que acolhiam e puxavam “Bora Raquel, bora dá isto, tenta desta maneira” e tentavam ajudar, mas havia pessoas que era como se eu não tivesse ali, a rapariga não existe, skate não é para raparigas, vai para casa que isto não é lugar para miúdas. E pá, fui engolindo algumas coisas, e vi coisas que também não gostava como é óbvio, mas com toda a evolução isso foi ficando de lado e também acho que as raparigas vão ganhando respeito, não é? Fui aprendendo manobras, manobras mais difíceis e assim, então acho que os rapazes também viram que o skate não era só um acessório, que era mais que isso, que eu estava ali a esforçar-me para algo, como eles.

AF: Essas bocas que ouvias era por parte de outros *skaters* ou por pessoas de fora, porque às vezes o estigma está mais nas pessoas que não andam de skate do que nas que andam

RD: Cheguei a ouvir bocas de fora tipo “Hey Poser” e não sei quê, de pessoas que me conheciam. E quando comecei a andar de skate, ninguém me conhecia e ficavam “Quem é aquela gaja a tentar andar de skate” olhavam mesmo tipo...

AF: Estava a falar de pessoas, resto da sociedade, tipo velhotas ou velhotes, pessoas no geral, não os *skaters*. Achavas que eras mais julgada por parte dos *skaters* ou das pessoas que não andavam de skate?

RD: Pá mais pela parte de quem não andava de skate e acho que continua a ser assim, somos um país um bocadinho... ainda fechado a essas coisas. Então uma pessoa vai na rua às vezes sem mandar manobra nenhuma e as pessoas já estão na varanda a atirar coisas, aos berros ou a dizer que estamos a estragar o património, às vezes nem estamos a mandar manobra nenhuma só estamos a conversar, a trocar umas ideias. Acho que a sociedade ainda está muito fechada apesar do skate em Portugal ter evoluído muito, não é? E haver marcas e não sei quê. Mas de modo geral as pessoas... o principal foco é o futebol. O resto é tudo deixado de lado, existe sempre aquele preconceito, acho que vai ser uma coisa que vai demorar a entranhar-se na sociedade... o skate, o que é realmente o skate.

AF: Já skatas há algum tempo, viste um bocado a evolução do skate feminino em Portugal e queria que me falasses um bocadinho do estado em que achas que o skate feminino está agora... fala disso, de teres começado quando havia poucas raparigas e agora estamos nesta fase em que já há uma categoria só de raparigas nos campeonatos.

RD: Lá está, quando comecei a andar de skate praticamente não havia a categoria feminina, era tudo junto. À medida que o skate foi evoluindo e foram aparecendo mais raparigas isso ajudou a que a categoria feminina fosse integrada nos campeonatos, o valor monetário foi aparecendo até agora acho que tá meio equiparado, isso é ótimo! As marcas também começam a apostar nas miúdas. Isso era uma coisa que raramente acontecia aqui em Portugal e ao mesmo tempo, isso das marcas é um incentivo também para elas quererem evoluir mais. Lá está a competitividade nesse campo eu acho que é bom. Ir a campeonatos lá fora também ajuda muito a divulgar, porque somos um país pequeno e ok, Portugal ninguém ouve falar de Portugal, chega uma miúda lá fora a um campeonato

a mandar uns *flips* e umas coisas assim “Portugal existe, há miúdas” e as marcas veem e começam a apostar.

AF: Fala um pouco de... chegaste a entrar em campeonatos em que participaste contra os rapazes?

RD: Cheguei a participar em dois ou três campeonatos, mas foi combinado que com a associação que estava a organizar que ia haver X raparigas porque eles diziam “Ok, se houver muitas raparigas nós metemos a categoria feminina” e meteram, nunca ganhei assim nada além, a não ser o último onde já estava... já tinham integrado o valor monetário, mas foi sempre separado dos rapazes. Mas conheço raparigas que começaram até antes de mim, elas tiveram que competir com os rapazes porque não havia raparigas e ninguém queria apostar. “Ok raparigas, ok vem ao campeonato, se calhar nem vai dar manobra nenhuma, não vamos estar a apostar” o que agora é uma coisa que não existe.

AF: Achas que até há pouco tempo o problema era essa falta das organizações e das marcas em credibilizar as raparigas?

RD: Sim, eu acho que esse era um dos principais problemas. Também acho que o skate começou a aparecer em anúncios e assim nessas coisas da televisão, lá está as redes sociais foi uma coisa muito importante, se for bem usado pode ser uma coisa para ir além. Basta postares um vídeo, por uns hashtags que aquilo dá a volta ao mundo e pode chegar a uma marca ou qualquer coisa. Isso é ótimo. O skate feminino em Portugal mudou radicalmente, nos últimos anos, radicalmente. Sinto que houve uma altura que esteve meio estagnado, mas agora tá... não para.

Entrevista Sabrina Ticianelli

AF: Como surgiu o skate na tua vida?

Sabrina Ticianelli (ST): Bem, meu pai e minha mãe sempre skataram. Meu pai não, meu padrasto e minha mãe sempre skataram então eu já nasci nesse mundo do skate só que eu não me interessava muito era meio... eles iam andar de skate e eu “Beleza, tranquilo”, mas quando eu vim para cá e eu estava sem o meu padrasto eu queria ficar mais presente no skate, tipo sei lá... minha mãe curtia bué, eu queria orgulhar ela. Então comecei a treinar mais, a levar isso mais a sério e eu sempre skatava sozinha até que o skate me deu... me trouxe muitas coisas, deu muitos amigos me aproximei mais da minha mãe, do meu padrasto foi uma coisa mesmo *nice* na minha vida.

AF: O que sentes que o skate trouxe à tua vida?

ST: Eu sempre fui muito tímida, muito quietinha, muito na minha, nunca tive muitos amigos e depois quando comecei a skatar eu me sentia mais confortável de falar com as pessoas que estavam ao meu redor por causa do skate. Estava todo o mundo skatando junto e me chamavam eventualmente, acabava por conversar com pessoas... então me fez mais social e ya, consegui mais comunicar com as outras pessoas, foi... ajudou bastante na minha comunicação.

AF: Qual é a importância do skate para a tua vida?

ST: Eu quero muito que o skate faça parte da minha vida profissional, sei lá... ser patrocinada por uma marca ou mesmo levar mais a sério o skate, participar em competições... mas caso isso não seja possível eu quero continuar skatando até cinquenta, sessenta anos igual a esses cotas aí skatando na rua...

AF: O que significa para ti ser uma *skater*?

ST: Representatividade. Muita. Porque eu lembro no *Skateboarding day* que teve aqui em Lisboa todos os *skaters* representando eram rapazes e então a gente tem que mostrar que a comunidade não é só para os rapazes, é para as raparigas também e muitas raparigas acabam por não skatar porque chegam aqui olha e é só rapazes, têm vergonha, ou não são muito bem-vindas porque são as únicas mas ya, eu acho que ser uma rapariga *skater* é meio que... contraria isso, esse princípio que só os rapazes podem skatar. Desde sempre eu ia para a pista de skate e tinha só eu, rapariga andando. Ou eu e mais outra e vinte rapazes. Agora estão entrando mais raparigas para a comunidade do skate e isso é incrível. Agora vou para o cais e tenho mais cinco raparigas skatando, já conheço muitas mais raparigas que skatam, é mesmo incrível. Antes eu estava sempre sozinha mais cinco rapazes e ya, isso é bem bacano.

AF: Como achas que é a tua relação com outros *skaters*?

ST: Como eu nunca comuniquei muito com as pessoas, era mais os *skaters* que vinham falar comigo, não era muito eu a ter a iniciativa e das pessoas que falavam comigo, todas *nice*. Todas incríveis, eu nunca conheci alguém, alguma pessoa estúpida, grossa ou outra cena assim. Uma pessoa má, que me tratasse mal. Porque eu tive sorte de estar em ambientes em que as pessoas eram bacanas.

AF: Como é que sentes quando chegas a um spot ou skatepark novo?

ST: É como se o skatepark fosse uma folha branca e você vai escrever nela, é tudo novo. Você vai aprender cenas novas, aprender coisas que você ainda não está confortável ainda, sei lá. É só um espaço que você vai usar para aumentar a sua habilidade ou uma cena assim. Na minha experiência, em todos os skateparks que eu fui mesmo assim novos... cada skatepark tem o seu grupinho de locais, é normal. É um pouco mau às vezes porque já estão acostumados a estarem ali todos juntos e você entra ali e não conhece ninguém, tem medo de ir atrapalhar as pessoas, mas isso é só ir skatando e cumprimentando todo o mundo e ir falando com toda a gente que fica tudo tranquilo.

AF: Em que estado se encontra o skate feminino cá em Portugal?

ST: É uma pergunta complicada porque eu nunca saí de Lisboa, então os únicos spots que conheço é tipo o Cais, skateparks. Eu fui para o Algarve e lá vi muitas raparigas skatando. Portanto só praticamente Lisboa e Algarve. Vejo muitas raparigas skatando aqui, é brutal. Eu tenho amigas do Algarve que vem para cá skatar também, então ya... o skate está aumentando agora, a comunidade feminina... e simplesmente tem mais raparigas skatando e se calhar tem muitas em Lisboa que nunca tiveram coragem de skatar mas veem muitas raparigas por aí e “Se elas skatam, eu também consigo. Então vou lá também”. É tudo à volta da questão da representatividade.

Entrevista Tânia Baridó

AF: Como é que surgiu o skate na tua vida?

Tânia Baridó (TB): Opá, o skate na minha vida surgiu um bocado também por influencia do meu pai , que o meu pai andava de skate e numa altura menos boa da minha vida fui ao quarto dele, roubei-lhe o skate e vim para o skatepark. E então acabei por fazer amizades, conheci aqui duas raparigas que também andavam de skate e pronto, até hoje elas andam, uma delas está em lisboa, já não anda tanto comigo e com a outra rapariga, que é a Sara, mas continuamos a andar e continuamos aí a dar voltas. Quando podemos vamos a outros skateparks, é sempre bom.

AF: O que é que o skate trouxe à tua vida?

TB: Eu acho que o skate trouxe paz, trouxe liberdade, é um estilo de vida completamente diferente. O pessoal muitas vezes diz “Ah não sei quê, já não tens idade para andar de skate” e eu digo não, tipo no skate não há idade para andar de skate. Eu acho que é uma

maneira de viver, uma forma de viver e acima de tudo é liberdade e paz enquanto estou em cima da tábua.

AF: Qual é a importância do skate para a tua vida?

TB: O skate salvou-me a vida, literalmente. Eu acho que só isso diz tudo. Acompanhou-me mesmo nos piores momentos e nos melhores também. É uma coisa que é para a vida, não dá para explicar melhor.

AF: O que é para ti ser uma *skater*?

TB: Eu acho que para mim ser uma rapariga *skater* em Portugal, antes era mais difícil porque não havia tanto apoio e agora as raparigas já estão a andar mais, já se vê mais raparigas a skatar mas na altura em que eu comecei era um bocado desmotivador. Agora não tanto, agora eu sinto que sou um exemplo a seguir, tenho raparigas que veem ter comigo e me dizem “Olha, ya vamos skatar” eu acho que... de certa forma não quero dizer que sou um exemplo, mas que sou uma motivação para mais raparigas andarem.

AF: Como é a tua relação com outros *skaters*, sendo raparigas ou rapazes?

TB: No início foi um bocado difícil integrar-me na comunidade, mas também porque não estava numa fase tão boa, não conseguia socializar da melhor maneira, mas agora tenho uma relação bué boa, conheço o pessoal todo que tá aí a skatar e pronto, são todos bué *supportive*. Antes não eram, mas agora... agora sim. Agora veem e dizem “Tenta e *poppa*” dão dicas e assim. Mas pronto acho que ao início houve sempre aquela barreira, tás a ver? Mas depois acabou por desaparecer com o tempo, foi tudo uma questão de tempo também.

AF: Como é que te sentes quando chegas a um skatepark ou spot novo?

TB: Ok, aí sinto-me um bocadinho intimidada. Principalmente, se não houver uma rapariga a skatar. Se houver já... sinto-me mais... sinto mais liberdade, sinto mais vontade... não é vontade porque eu quando vou para um spot é porque quero mesmo skatar aquele spot. Mas sinto-me intimidada no início, mas depois é só skatar 10/15 minutos e vai tudo ao sítio.

AF: Qual é o estado do skate feminino em Portugal?

TB: Eu acho que o skate feminino em Portugal está cada vez a avançar mais, está a evoluir mais. Temos raparigas a andar muito e temo... temo não, deus queira que sim. Que

tenhamos raparigas nos jogos olímpicos em breve, porque eu acho que temos capacidade para isso.

AF: Achas que existe alguma razão que me consigas dizer, para que o estado do skate feminino é este?

TB: Opá, eu acho que os jogos olímpicos ajudaram um bocado, mas antes dos jogos olímpicos começaram a aparecer mais raparigas a skatar, não te sei explicar muito bem porquê, mas acho que foi um bocado a barreira que foi começando a ser quebrada com o feminismo e tudo mais.

AF: Achas que em Portugal não havia apoio suficiente para as *skaters* também?

TB: Não, não havia. De todo. Eu cheguei a ir a campeonatos e deixei de ir a campeonatos por causa de stresses que houve, de dizerem “Se é para virem para aqui dar ollies, não venham” E ouvir isso da organização se calhar custou um bocado tás a ver? E se calhar é por isso que não me meto em campeonatos. Mas agora as coisas já estão noutra patamar, os prémios também já são iguais para raparigas e rapazes e acho que isso também é uma motivação maior para raparigas andarem.

Entrevista Viktoriya Kurmayeva

AF: Como é que surgiu o skate na tua vida?

Viktoriya Kurmayeva (VK): O skate, propriamente dito, surgiu através de um anúncio televisivo. Eu nunca tinha andado de skate antes, quando era criança sempre andei de patins, bicicleta, o que havia em casa, mas por acaso nunca tive oportunidade de andar de skate. Quando era adolescente vi um anúncio que passava, basicamente era um anúncio de um mp3 qualquer e estavam a andar tipo bué rápido numa praça, bué lisa como se fossem ruas de Barcelona e eu adorei ver aquela sensação de liberdade que me transmitiu e tive bué curiosidade em experimentar andar de skate porque fiquei mesmo com imensa vontade só de aprender a andar e estar a ouvir música e... pronto, só curtir a rua. Não tinha imaginado que skate tinha manobras ou outro tipo de... partes mais técnicas. A partir daí procurei conhecer pessoas que andassem de skate porque gostava de experimentar e por sorte na minha escola, numa turma paralela havia duas ou três pessoas que andavam de skate e fui apresentada por amigos. Eles revelaram-se ser muito simpáticos e decidiram logo ensinar-me a andar e foi a partir de aí que eu comecei a skatar regularmente porque entrou logo... epá, na minha vida... foi, foi muito...foi mesmo

intenso, tipo de repente parecia que estava num vórtice de adrenalina e de novidade e gostei mesmo de andar de skate então a partir daí continuei a praticar diariamente e aprender mais com esse grupo de pessoal. Pronto, foi assim que apareceu o skate na minha vida.

AF: O que é que sentes que o skate trouxe à tua vida?

VK: Acho que como foi... a maior parte da minha adolescência passou pelo skate e era o meu estilo de vida, o meu dia-a-dia... Primeiro penso que me moldou um pouco como pessoa, porque era algo que eu fazia com imensa frequência e trouxe-me um pouco a persistência de pronto... toda a gente sabe que no skate é difícil aprender alguma coisa, temos de insistir imenso tempo e acho que me deu esta característica, desenvolveu... ajudou-me a desenvolver um pouco a persistência e trouxe também imensa diversão, acho que descobri quase como um... como se fosse outro universo. Havia antes de skate e depois de skate. Trouxe amigos, pessoas que ficaram para a vida e... muitas memórias excelentes, conquistas pessoais, pequenos passos... mas essencialmente foi isso, ensinou-me a crescer como pessoa e diversificou muito a minha experiência enquanto adolescente e adulto também.

AF: Qual a importância do skate para a tua vida?

VK: Acho que numa vida tão difícil como nós acabamos todos por ter um pouco, com momentos altos e baixos acho que o skate é quase uma terapia. Porque eu sempre que quero esvaziar um pouco a mente, vou skatar e sinto que posso desanuviar, focar-me só num momento. Um bocado tipo *mindfulness*. Estou ali, mas com adrenalina à mistura e... esqueci-me da pergunta (risos)... Qual era a importância do skate para mim? Pronto a importância é mesmo a sensação de liberdade que eu não consigo alcançar ao fazer outras coisas e de comunhão, um bocado... que existe entre a minha pessoa e a minha prática. É muito profundo, dificilmente consigo encontrar isso em qualquer coisa que faça, seja trabalho ou outros hobbies. Skate é muito especial em termos de prática e de execução.

AF: E o que para ti é ser uma *skater*? Mesmo uma rapariga *skater*?

VK: Acho que há um antes e um depois. Quando eu comecei a andar era um pouco mais difícil porque me sentia um bocado uma ovelha negra, era um grupo essencialmente, nacionalmente quase, constituído só por rapazes e sentia que havia... sentia que ficava um pouco aquém porque parecia que nunca ia alcançar ... sim sentia-me condicionada na

medida em que parecia que nunca ia chegar tão longe quanto os meus amigos conseguiam e tinha pouco exemplo da capacidade feminina no skate. Então sentia quase que sempre era parabenizada por pequenas conquistas e parecia que chegava, então não me sentia muito incentivada publicamente para chegar mais longe porque davas um *ollie* e “Uhhh uma miúda dar *ollie*, já chega” tipo não, eu sentia sempre que gostava de chegar mais longe. Não queria sentir limites só por ser de sexo feminino. Queria explorar um pouco o meu limite pessoal que não tem a ver com o género. Pronto, havia também outras raparigas e acho que no nosso pequeno núcleo de *skaters* femininas que dava para contar quase numa... com os dedos de uma mão, nos apoiávamos muito e tentávamos abstrair-nos um pouco deste conceito de sermos mais fracas no skate e termos menos possibilidades. Então, o agora quando passados muitos anos voltei a andar de skate eu acho que... primeiro já não tenho nenhum tipo de, sei lá... objetivo de viver do skate ou ser atleta profissional, que se calhar podia passar de raspão na altura e, de facto, era o objetivo de muitas pessoas, vida de skate, vida de sonho. Portanto não há essa necessidade de se chegar mais longe para se ser mais... não há essa necessidade de ir mais longe quase num objetivo profissional, mas sinto que vi dezenas de raparigas desde que voltei a andar o ano passado... é completamente diferente. Está cada vez mais diluída a fronteira entre o skate puramente masculino, uma prática muito... ligada só a força e às capacidades físicas... e algo que aparentemente é mais abraçado por todos os géneros e todas as idades, vê-se mais diversidade e sinto que, simplesmente, já nem sequer penso nisso, hoje em dia.

AF: Quando começaste a skatar, achas que havia poucas miúdas por falta de empenho das organizações ou dos organizadores de competições, ou achas que era questão do skate ainda ser uma coisa assim com masculinidade tóxica?

VK: Acho que, simplesmente, é como eu estava a explicar... eu creio que também tem a ver... não tem só a ver com o facto de ser uma prática vista como essencialmente para rapazes mas também com o facto de as redes sociais trouxeram uma... pronto, uma inovação aqui porque nós conseguimos ligar-nos através de Instagram e outras redes a pessoas que estão a andar noutros países e como há mais exemplo de capacidade do lado das raparigas acho que pode haver mais... estava a dizer que o facto das raparigas poderem ver outras raparigas a andar encoraja mais. Porque sem o estímulo por vezes não nos lembramos de “Ah se calhar eu também podia fazer isto” ou “Olha que divertido é”. E penso que este boom de redes sociais que veio a aumentar nos últimos anos ajudou a

trazer mais raparigas ao skate e também porque... penso que a nível nacional também está mais desenvolvido em termos gerais... no grupo masculino quer no grupo feminino. Há cada vez mais pessoas interessadas, até surgiram escolas e aulas, portanto nota-se que skate já não é aquela prática apenas marginal, de pessoas com mau estilo de vida. É visto como desporto, pronto... uma coisa mais vista com mais reconhecimento a nível social. Quanto aos campeonatos, de facto na altura era muito chato irmos a um nacional e acho que nem havia categoria feminina, acho que não havia categoria, portanto desencoraja obviamente medir as forças com rapazes que têm um nível obviamente superior. Não é que não fosse possível um dia alcançarmos essas metas, mas sabermos sempre que estamos longe do pódio se calhar tirava vontade a algumas pessoas a participar. Lembro-me de ter participado num open porque sim, porque queria, mas sabia que nem tinha hipótese de chegar a lado nenhum porque estava inserida na faixa etária com rapazes, ponto. E havia pessoas muito boas que não me deixavam passar ao lado...

AF: Como é que caracterizas a tua relação com outros *skaters*?

VK: Consigo dar-me bem independentemente de género com as pessoas, sinto é só que eu tive muito tempo ausente então agora reconheço cada vez menos pessoas, portanto chego a um skatepark e é só gente nova que eu não sei quem são. Mas acho que ainda há aquela abertura e simpatia que havia no início quando eu comecei de companheirismo, jogar ao skate, dar apoio. Simplesmente conviver, dizer bom dia/boa tarde quando chego ao skatepark. Também nas horas que tenho andado nem sempre há muita gente, mas não penso que tenha mudado muito. Continua a ser um desporto muito social e há muito apoio e faz-se facilmente amizades no skatepark com pessoas, nem que seja só para praticar.

AF: Na tua opinião, em que estado se encontra o skate feminino cá em Portugal?

VK: Na minha leiga opinião, porque eu não estou muito atenta à situação. Já vejo que há campeonatos só com a categoria feminina, com prémios mais decentes, pessoas com mais apoios. Não sei se há patrocínios suficientes, não consigo perceber às vezes se as pessoas têm só apoio ou patrocínio. Mas o estado sem dúvida está muito mais avançado, muito mais evoluído. Vê-se raparigas que têm um excelente nível de skate e geralmente são muito novas, portanto têm muito para dar e cada vez mais pessoas a apanharem o passo. Ainda que ache que nos outros países é sempre... estão mais avante em relação a Portugal, mas já estamos muito melhor comparativamente a quase uma amostra de skate feminino que tínhamos para algo mais consistente e espero que um dia haja mais portuguesas a

participar em competições internacionais de renome só porque acho que as pessoas merecem, pelo seu esforço, chegar mais longe.

Declaração de Cedência de Direito Musicais

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE DIREITOS MUSICAIS

Eu, Ana Beatriz Oliveira Correia, portador do Cartão de Cidadão nº15388944, válido até 12/10/ 2024, autorizo, expressa e incondicionalmente, que as minhas obras “A liberdade não se encontra fácil”, “Domingos Melancólicos”, “Burn My House Down” e “Happy People” sejam utilizadas no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 03/08/2031, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, os direitos de reprodução das músicas acima referidas para o projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente “Declaração de Cedência de Imagem” poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Porto, 16 de outubro de 2022

Assinatura



**Declarações de Participação e Cedência do Direito de Imagem devidamente
assinadas pelos participantes no projeto**

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM

Eu, Maria Santos, portador do Cartão de Cidadão n.º 15608 445, válido até 7/7/26, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a minha participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 03/08/2031, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

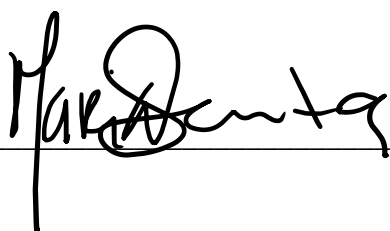
4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente “Declaração de Cedência de Imagem” poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Lisboa, 13 de outubro de 2022

Assinatura



DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM (MENOR DE IDADE)

Eu, Valentina Condeças de Almeida, portadora do CC n° 09531886, válido até 03/08/2022, encarregada de educação de Mariana de Almeida Tamayo, portadora do CC n° 15074203, válido até 26/08/2026, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a sua participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS) do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor, utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com.

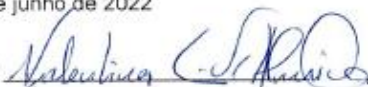
4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com.

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Porto, 27 de junho de 2022

Assinatura:



DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM (MENOR DE IDADE)

Eu, Ana Cristina de Almeida Pinto, portador do BI/CC n.º 12208476, válido até 02/08/2021, encarregado de educação de Paula de Almeida Pinto Esteves Lopes, portador do BI/CC n.º 30034320, válido até 17/09/2026, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a sua participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Lisboa, 14 de Outubro de 2022

Assinatura

Ana

DECLARAÇÃO PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM DE MENOR

Eu, Cristine Isabel Rosa Pires,
residente na morada Rua Principal, nº 2, S. Marcosqueiro
Código Postal 6030-159 Localidade V. Le. V. da de R. de C. com o número de
BI/CC 12618629, nascido(a) a 14/05/1984, na qualidade de
representante legal de Ronnie Filipe Pires Apolinário, menor de idade,
portador do número de BI/CC 30105439, declaro, para os devidos efeitos,
por este meio autorizar a utilização da imagem, nome e voz do menor que represento, no
âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da
Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

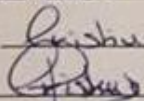
Tomei conhecimento que:

1. O menor que represento, e qualquer tipo de declaração ou menção por ele indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação realizada pelo menor que represento, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação do menor, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz pelo menor realizado, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativa ao Direito de Imagem.

Data: 21/08/2023

Nome Completo: Cristine Isabel Rosa Pires

Assinatura: 

DECLARAÇÃO PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM DE MENOR

Eu, Carla Ceula,
residente na morada Rua do Rosário, 78
Código Postal 4615-136, Localidade Cavaleiros, com o número de
BI/CC 8475486, nascido(a) a 27/05/1989, na qualidade de
representante legal de Patricia Ceula Oliveira, menor de idade,
portador do número de BI/CC 15546411, declaro, para os devidos efeitos,
por este meio autorizar a utilização da imagem, nome e voz do menor que represento, no
âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da
Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. O menor que represento, e qualquer tipo de declaração ou menção por ele indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação realizada pelo menor que represento, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação do menor, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz pelo menor realizado, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativa ao Direito de Imagem.

Data: 24/6/2021

Nome Completo: Carla Alexandra Moreira Soares Ceula

Assinatura: Carla Ceula

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM

Eu, Ama Inês Cavaco Didier, portador do Cartão de Cidadão n.º 14615177 válido até 08/04/2026, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a minha participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

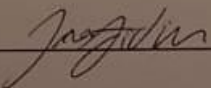
4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Deiras, 15 de Agosto de 2022

Assinatura



PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Catarina Sequeira, residente na
morada Rua da Capidade, 26 Código Postal _____ -
_____, Localidade Lisboa, com o número de BI/CC
14817056, nascido(a) a 21/09/1998, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 25/02/2022

Nome Completo: Catarina Maria dos S. Lourenço S. Sequeira

Assinatura: Catarina Sequeira

PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Marta Rodrigues Costa NERY, residente na
morada rua bil Vicente 19, 4 Esq Código Postal 2410-
106, Localidade Quirós, com o número de BI/CC
14589046, nascido(a) a 17/08/1994, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 02/10/2021

Nome Completo: MARTA RODRIGUES COSTA NERY

Assinatura: Marta Nery

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM

Eu, Margarida Ribeiro dos Santos, portador do Cartão de Cidadão n.º 15194569, válido até 26/11/2024, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a minha participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Lisboa
[assinatura], 12 de maio de 2022

Assinatura

[assinatura]

PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Tânia Miranda Baidó, residente na
morada Rua Alberto Oliveira n.º 36 1.º andar Código Postal 3500 -
010, Localidade Viseu, com o número de BI/CC
15381765, nascido(a) a 10 / 02 / 2000, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 05 / 02 / 2022

Nome Completo: Tânia Miranda Baidó

Assinatura: Tânia Miranda Baidó

PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Viktoriya Kurmayeva, residente na
morada Rua do Alecrim 5, 7º Esg Código Postal 2635 - 269
Rinchoa, Localidade Rinchoa, com o número de BI/CC
30209676, nascido(a) a 30 / 01 / 1993, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 26 / 01 / 2022

Nome Completo: Viktoriya Kurmayeva

Assinatura: 

PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Francisca Patameira, residente na
morada Travessa Carlos Félix n.º 4 R/c direto Código Postal 2770 -
019, Localidade Paço de Arcos, com o número de BI/CC
15825223, nascido(a) a 15 / 05 / 2003, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 04 / 11 / 2021

Nome Completo: Francisca de Oliveira e Santos Patameira

Assinatura: Francisca Patameira

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM

Eu, Jana Maria Correia de Sampaio Melo, portador do Cartão de Cidadão n.º 14407784, válido até 08/02/2024, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a minha participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Lisboa, 12 de maio de 2022

Assinatura

Jana Correia de Sampaio Melo

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM

Eu, Alexandra Barros, portador do Cartão de Cidadão n° 14557163 7 2X9, válido até 31/05/24, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a minha participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Faro-56, 28 de Maiu de 2022

Assinatura

Alexandra Barros

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM (MENOR DE IDADE)

Eu, João Neto, portador do BI/ CC nº 13360178, válido até 25/10/2028, encarregado de educação de Rafael Costa, portador do BI/ CC nº 31599567, válido até 10/08/2026, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a sua participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Porto, 27 de Abril de 2022

Assinatura

João Neto

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM

Eu, Catarina Isabel Freire Floeido, portador do Cartão de Cidadão n.º 14843158, válido até 22/11/2023, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a minha participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Fevereiro, 28 de Maior de 2022

Assinatura



PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Luis Reis, residente na
morada Alameda Dom Pedro V, 79 Código Postal 4400-115
V. N. DE GUARDA, Localidade V. N. DE GUARDA, com o número de BI/CC
32444766, nascido(a) a 15 / 03 / 1980, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 04 / Fev / 2022

Nome Completo: Luis MATTOS REIS DA SILVA

Assinatura: 

PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Ama Lúcia Cortaxo Correia do Seixo, residente na morada Rua Particular Américo Cortaxo Código Postal 2705 - 893, Localidade Sindreu, com o número de BI/CC 14619896, nascido(a) a 19/09/1995, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 02/03/2022

Nome Completo: Ama Lúcia Cortaxo Correia do Seixo

Assinatura: Ama Lúcia Seixo

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM

Eu, Ana Raquel Loubo Dias, portador do Cartão de Cidadão n.º 14254514, válido até 11/06/2022, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a minha participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Porto, 27 de Abril de 2022

Assinatura

Ana Raquel Loubo Dias

PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Maria Aurora Santos, residente na
morada Rua das Lages, s/n, Casada Vigia Código Postal 2705-027
Sintren, Localidade Sintren, com o número de BI/CC
31215678, nascido(a) a 07 / 02 / 03, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 19 / 10 / 2021

Nome Completo: Maria Aurora & Marcos Favo e Ferreira dos Santos

Assinatura: Maria Aurora Santos

PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Madalena Magalhães, residente na
morada Rua 1º de Maio Código Postal 2795 -
_____, Localidade S. D. Rom, com o número de BI/CC
306 85719, nascido(a) a 25 / 03 / 2003, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 29 / 03 / 2021

Nome Completo: Madalena Barreto de Magalhães

Assinatura: Madalena Magalhães

PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Ana Cristina Blockveld, residente na
morada Rua Ilha de Colocane nº3 3º esq.º Código Postal 2725 -
329, Localidade Mem Martins, com o número de BI/CC título de residência
044040467, nascido(a) a 01 / 05 / 2002, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 15 / 10 / 2021

Nome Completo: Ana Cristina Blockveld

Assinatura: 

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM

Eu, Sabrina Ruth Ticianelli, portador do Cartão de Cidadão n.º K032633L6, válido até 10/06/2024, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a minha participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Lisboa, 19 de Maio de 2022

Assinatura

Sabrina Ruth Ticianelli

PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Inês Pinto de Almeida, residente na
morada Rua das Sanjinhas 941, 1.º andar Código Postal 4510 -
127, Localidade Porto, com o número de BI/CC
14966830, nascido(a) a 06 / 06 / 1998, declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 15 / 09 / 2021

Nome Completo: Inês Pinto de Almeida

Assinatura: Inês Almeida

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM

Eu, Abuly Carvalho das Santos, portador do Cartão de Cidadão n.º 8K9111963, válido até 31/06/2022, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a minha participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Faro, 28 de maio de 2022

Assinatura

Abuly Carvalho das Santos

PARTICIPAÇÃO E CEDÊNCIA DO DIREITO DE IMAGEM

Eu, Maria Pinto Raquel, residente na
morada Rua Bartolomeu de Gusmão nº 39 Dto Código Postal 2765 -
305, Localidade Estoril, com o número de BI/CC
20190849, nascido(a) a 14/05/2000 declaro, para os devidos

efeitos, por este meio autorizar a utilização da minha imagem, nome e voz, no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Tomei conhecimento que:

1. Sou maior de dezoito anos, e qualquer tipo de declaração ou menção por mim indicada, relativamente a qualquer tipo de sujeito, instituição, empresa, produto ou serviço, seja em forma de imagem ou voz, são da minha total responsabilidade;
2. Confiro aos autores do projeto o direito, exclusivo, absoluto e irrevogável, de difusão, sobre qualquer forma ou meio, da participação por mim realizada, em forma de imagem e/ou voz;
3. Autorizo ainda os autores do projeto a fixar a prestação por mim realizada, na sua versão integral ou parcial, editada ou não, em formato áudio, imagem ou vídeo, e a sua respetiva divulgação em qualquer meio, incluindo, mas não se limitando, em televisão, cinema ou internet (incluindo redes sociais), em qualquer parte ou território do mundo, com a possibilidade de utilização de legendas ou dobragem, por tempo indeterminado;
4. Reconheço que qualquer tipo de transmissão ou divulgação de imagem e voz por mim realizados, não me confere o direito a receber qualquer tipo de pagamento. Todo o material gravado será propriedade exclusiva dos seus autores.

Declaro ainda que todas as exposições referidas neste documento, ou outras que não sejam aqui mencionadas, regem-se pela legislação portuguesa em vigor à data, nomeadamente o artigo nº 79 do Código Civil, relativo ao Direito de Imagem.

Data: 01/08/2021

Nome Completo: Maria Pinto Raquel

Assinatura: 

DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE IMAGEM (MENOR DE IDADE)

Eu, Vina Miguel Teixeira Barroso, portador do BI/CC n.º 6005236, válido até 11/05/2031, encarregado de educação de Carolina Barroso Rodrigues, portador do BI/CC n.º 30338641, válido até 30/07/2024, autorizo, expressa e incondicionalmente, que a sua participação no âmbito do projeto académico produzido para o Mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, seja filmada, gravada e/ou fotografada por André Santos Pinheiro Filipe, portador do CC 15294047 válido até 08/10/2022, cedendo ao mesmo e à ESCS, a título integral e exclusivo, todos os direitos de imagem e conexos emergentes das mencionadas gravações, podendo, designadamente, o autor utilizar as gravações feitas, integral ou parcialmente, e reproduzir o meu nome, imagem e gravações de voz para efeitos de transmissão e retransmissão do projeto académico por qualquer meio e sob qualquer suporte. Mais declaro que em virtude da presente autorização e cedência não me é devida, a qualquer título, qualquer remuneração, compensação ou indemnização.

1. Transferência de dados pessoais

Não ocorrerá a transferência não autorizada de dados pessoais quer para entidades, instituições e organizações (entre outras) nacionais, quer internacionais.

2. Segurança

Adotamos medidas técnicas e organizacionais adequadas para proteger os seus dados pessoais armazenados nos nossos sistemas contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.

3. Direito às informações e à correção, eliminação ou bloqueio de dados pessoais

Tem o direito de receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de corrigir, bloquear ou eliminar estes dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à proteção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para andre28filipe@gmail.com

4. Direito a retirar autorizações

As autorizações por si atribuídas para a recolha, processamento e utilização de dados podem ser retiradas por si, a qualquer momento, com efeito futuro. Para retirar a sua autorização, contacte-nos por e-mail andre28filipe@gmail.com

Nota: A presente "Declaração de Cedência de Imagem" poderá vir a sofrer alterações tendo em vista a sua adaptação ao Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados).

Lisboa, 7.3 de Setembro de 2022

Assinatura

